Sombras que Sofrem

(Crônicas)

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

Humberto de Campos
(Da Academia Brasileira de Letras)

Sombras que Sofrem

(Crônicas)

W. M. JACKSON INC.
EDITORES
Rio de Janeiro S. Paulo Porto Alegre

Esta edição das Obras Completas de Humberto de Campos foi impressa, segundo os desejos dos herdeiros do autor, na ortografia do acôrdo do ano de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, do qual o autor foi um dos signatários e cujo vocabulário foi publicado em 1933.

I

RESPOSTA A UMA CARTA

MINHA senhora. — Recebí a sua carta, ou antes, o grito da sua mocidade aflita e revoltada, dirigido a um homem que considera, embora sem fundamento, um mestre na ciência da vida. Contam os historiadores chineses que os imperadores do seu país, a datar de Taitsung, no VII século da nossa era, não assinavam, jamais, sentença de morte sem uma penitência de três dias, durante os quais se deviam conservar sem beber vinho, sem ouvir música e sem ver as suas mulheres. E se assim era quando se tratava de um criminoso, a que penitência se deve consagrar, minha senhora, um homem de coração e de conciência antes de dar um conselho perigoso a uma formosa mulher inocente?

O seu caso é comum, na sua complexidade. Abandonada pelo marido, conseguiu a sentença do desquite, a única permitida pela nossa legislação, em circunstâncias semelhantes. Tem, agora, trinta anos, e vive honestamente em companhia dos seus filhos pequenos. E pergunta-me:

— Mas devo eu sacrificar a minha mocidade martirizando-me na solidão quando sinto em mim, tão viva ainda, a sêde do amor?

Vejo que é chegada, minha senhora, para mim, a hora da penitência dos imperadores chineses. As mãos estacam, trêmulas, no teclado da máquina. Há um destino, possìvelmente muitos destinos, dependentes da minha palavra. Mas é preciso responder-lhe. E respondo-lhe. Se erro no meu conselho, culpe o meu espírito, que é estreito, e não meu coração, que é o único aparelho bom, e seguro, da máquina claudicante da minha vida.

Para dar-lhe o meu parecer de amigo desconhecido, precisamos colocar-nos, os dois, dentro do nosso meio e do nosso tempo. Há vinte ou, mesmo, há dez anos, eu lhe falaria como um franciscano que coasse as palavras no crivo de um confessionário. Recomendar-lhe-ia que se encerrasse, intransigentemente, no círculo de ferro das suas virtudes conjugais e cristãs. Dir-lhe-ia que esmagasse no coração, sem vexame, a semente do pecado, lançada nele pelo Diabo. Aconselhar-lhe-ia a renúncia à vida afetiva, a luta contra os seus nervos, o sacrifício da sua carne e da sua fome de amor. Não sou, porém, um sacerdote, com a alma banhada no sentimento divino, mas um homem com o espírito trabalhado no conhecimento

do mundo. Há vinte, ou há dez anos, a mulher não estava, ainda, impregnada das teorias revolucionárias que vão corroendo, como a ferrugem, o aço da velha família brasileira. Não conhecendo os venenos capitosos da vida livre, ela não desejava, ainda, integralmente, a posse da liberdade. Desde, porém, que lhe mostraram os esplendores da aurora, ela quer marchar para o meio dia, sem indagar o que haverá mais além, nos mistérios do entardecer. Detê-la, é impossível. Ninguém deteve Baco no caminho das Índias. O que se faz mister, é, pois, atenuar os efeitos da catástrofe, impedir os distúrbios da transição, amparar a criança, para que não tombe, e se não fira de morte, antes de conseguir o equilíbrio e de andar sòzinha, e seguramente, com os seus pés.

Recomendar-lhe a castidade quando as suas amigas se degradam, em ligações clandestinas, nos braços dos amantes, seria temeridade e hipocrisia. A senhora faria, dentro em pouco, o que elas fazem. Sôbre a ignomínia da culpa, a ignomínia da mentira. Daí, a audácia do meu conselho. Se puder resistir à sua carne, aos seus nervos rebeldes, aos seus sentidos alarmados, resista. Será heróico, e sublime. A tranquilidade da sua velhice constituirá o prêmio dessa renúncia na mocidade. Se, porém, não encontrar na própria alma energias para vencer o corpo, eleja um marido, mesmo

fora da lei. Faça-o, entretanto, pùblicamente. Nada de subterfúgios, de mistérios, de clandestinidade. Funde, com êle, o novo lar. A noção da responsabilidade assumida em público, fá-los-á, a um e a outro, cautelosos na escolha, assegurando-lhes, assim, a honestidade e a duração da ventura. Amores escondidos, são amores transitórios. Amante que foge, é amante substituído. E quando a mulher adota êsse regime, o amor perde o seu nome. Chama-se prostituição.

O meu conselho é, como vê, prudente, e humano. A senhora é livre, e quer ser feliz. Faltam-lhe as grandes fôrças interiores, as poderosas energias mentais, que neutralizam os gritos da carne e dos nervos, e elevam a mulher acima do seu sexo, purificada da animalidade comum. Evite, todavia, em qualquer circunstância, o homem que não quiser, em público, assumir os encargos do seu destino. A casa de família em que se entra escondido, deixa de ser um lar para ser um prostíbulo. E a mulher que se vai encontrar secretamente com um homem, perde o seu título de dama para tomar o de meretriz. Aquele que não fizer um sacrifício igual ao seu, abandonando tudo, e tudo afrontando, para viver ao seu lado, deve ser tomado, simplesmente, como um sedutor covarde semelhante aos rufiões que exploram mulheres na sombra, desfrutando as vantagens e fugindo às responsabilidades.

Repila, em suma, o amante. E aceite o espôso. Legal, ou não.

Para doença tão grave, era êste, minha senhora, o remédio menos venenoso que havia na minha farmácia.

II

O MANDADO

NAQUELA tarde tranquila de feriado, com o centro da cidade quasi deserto, conversavam, parados, na confluência da rua Gonçalves Dias com a da Carioca, no Rio de Janeiro, dois juízes e um dos mais conhecidos escrivães do Fôro local. Velho amigo do escrivão e de um dos magistrados, fui, por êles, apresentado ao outro. E a palestra, que alí os retinha, tomou o caráter de depoimento, em que a Justiça, submetida a inquérito, passou a prestar esclarecimentos ao réu.

— A propósito dos seus comentários em tôrno dos nossos problemas sociais — disse-me o juiz a quem acabava de ser apresentado pelos dois amigos comuns, — eu tenho um caso curioso, que pode constituir matéria para uma crônica. E' um documento concreto, um episódio trágico, em que uma filha inocente paga, num processo de desquite judicial, a culpa dos pais.

Voltou-se para os companheiros de Fôro:

— Eu já contei a vocês o caso... Não?

— Já, — respondeu um dêles.

— E' horrível, — observou o outro.

O jovem magistrado puxou a sua cigarreira de prata, ofereceu-nos o que ela continha, e, acendendo um dos cigarros, soprou para o alto a primeira fumaça, e começou:

— Há meses, já, foi-me distribuída uma petição em que um casal requeria desquite, amigável. Tinha uma filha de dezessete anos, e, pela combinação havida entre os requerentes, a moça deveria ficar com a mãe. No correr do processo, porém, surgiram desinteligências, com acusações à senhora, e o desquite amigável é convertido em ação judicial, na qual o marido teve ganho de causa, em instância superior, ficando estabelecido, na sentença, que a moça, filha do casal, que até então vivera com a mãe, passasse a viver na companhia do pai. A moça era, parece, doente, franzina, exigindo cuidados maternos. A lei é cega, porém, a essas particularidades. A Justiça tem na mão uma espada, quando devia ter, no lugar desta, um coração.

— A sua figura simbólica devia ser, nesse ponto, como a imagem do Coração de Jesus... — aparteou o escrivão, com acento católico.

O juiz reatou:

— Diante da sentença, e estribado nela, o pai requereu a entrega da moça, alegando que a mãe a retinha, contra a decisão da Justiça. A senhora entrou com uma petição,

informando que a filha estava enfêrma, e carecia dos seus cuidados. Tratava-se de uma criatura que jamais gozara saúde perfeita, e cujo estado se havia agravado com aquela dissenção doméstica. Terminava comprometendo-se a entregar a rapariga ao pai, assim que ela se restabelecesse, e pudesse dispensar a sua assistência de mãe. O pai revidou. O pedido não passava, dizia êle, de um pretêsto da espôsa culpada, para reter a filha, contra a decisão da Justiça. Pedia, em conclusão, que o Juiz expedisse um mandado de apreensão da menor. E o juiz expediu o mandado.

— Era obrigado a isso, — interveio o outro magistrado. — Era dever, que a lei impunha.

O outro reatou:

— Os oficiais de Justiça incumbidos de intimar a senhora a fazer a entrega da filha, procuraram-na na sua residência. A criada, única pessoa que alí se encontrava, informou que a moça, e a mãe, haviam sido removidas, naquela manhã, para uma Casa de Saúde. Os oficiais foram à Casa de Saúde que lhes havia sido indicada, e fizeram a intimação. A mãe, aflita, explicou-lhes a impossibilidade de entregar a rapariga: esta se achava em estado grave, e ia ser operada. Não tinha tranquilidade, sequer, para chamar o seu advogado. E os oficiais de Justiça regressaram com essa informação.

O cigarro do jovem homem da lei havia se apagado. Êle o reacendeu, e reatou:

— O espôso desta senhora intimada era, porém, um dêsses homens violentos e voluntariosos, que não admitem restrições à sua vontade. Achou que a mulher estava protelando o cumprimento da sentença, irritou-se, e resolveu ir até o fim. Requereu a posse da menor, e sua transferência para outra Casa de Saúde, onde se encarregaria do seu tratamento. Despachada a petição favoràvelmente, os oficiais de Justiça voltaram à Casa de Saúde em que a moça se encontrava internada. Levavam ordem de promover a sua remoção imediata. E regressaram sem cumprir o mandado: a moça havia sido operada naquela manhã mesma, de um tumor no intestino!

— Horrível, tudo isso, — aparteei.

— E' horrível, e, no entanto, ainda não é tudo, — volveu o magistrado.

E continuou:

— Por essa altura, o pai da moça, que é um comerciante estrangeiro, havia perdido, já, o resto da calma, e não atendia mais nem aos conselhos do seu próprio advogado. Entrou com uma nova petição. Que lhe fosse entregue a filha, mesmo na Casa de Saúde em que a haviam internado. Era direito seu, ir para seu lado no momento em que ela se encontrava em perigo de vida. Os oficiais correm à Casa de Saúde. Informam-lhes que a família não está mais alí. Encaminham-se para a casa da senhora desquitada, aonde tinham ido à primeira vez. A mãe da rapariga veio à porta, atendê-los. Tinha os olhos inchados, de pranto e de insônia. — "Tenho ordens rigorosas, minha senhora, — disse um dêles, — para fazer a apreensão da sua filha. Aquí está o mandado." — "Pois não, — respondeu a mãe; — a ordem que os senhores receberam será cumprida." — Foi ao interior da casa. Trouxe o mandado com o "ciente". — "Podem entrar", — disse. Os oficiais subiram a pequena escada, e ela empurrou a porta da sala. — "Façam favor", insistiu.

E o magistrado terminou, após haver lançado fora a ponta do cigarro, e tirado do bolso o seu lenço:

— Na sala vazia, havia um caixão branco, em tôrno do qual ardiam quatro círios...

O narrador tinha os olhos vermelhos. Nós também. Era, com certeza, da fumaça do cigarro...

III

UMA HEROÍNA

JOSÉ. — Acabas de sair da minha casa, onde vieste buscar confôrto para teu coração desesperado. Sinto ainda no meu ombro de irmão a humidade das tuas lágrimas. E nas minhas mãos amigas a pressão nervosa e ardente das tuas mãos. Vieste chorar junto do meu peito o teu filho morto, procurando nas minhas palavras, e no meu abraço, lenitivo para a desgraça que te feriu. E descreves o espetáculo terrível que assombrou os teus olhos, paralisou nas veias teu sangue, e pôs na tua bôca de homem taciturno o primeiro grito de espanto e de horror. Teu filho, de quinze anos apenas, era tua alegria e teu orgulho. Estudioso e inteligente, marchava pelos caminhos do Conhecimento, contente da vida e do mundo, como um jovem ateniense que escalasse, cantando, a montanha sagrada, para colhêr, lá em cima, o disco de ouro do sol. De súbito, aquele cansaço do espírito. De súbito, aquelas noites de insônia, no seu quarto solitário. E, finalmente, a tragédia. Pela manhã, bates-lhe à porta chamando-o. Como ninguém responda, procuras entrar. Um pêso im-

previsto, detém o esfôrço do teu braço. Insistes. Entras. E recuas, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dôr e pelo assombro, o coração parado no peito. Suspenso da bandeira da porta, passado ao pescoço claro o seu cinturão de estudante, pende o corpo inerte do teu filho! Cortas a tira de couro que o matou, e o desces nos teus braços, como as mulheres de Jerusalém desceram da Cruz o de Jesus ensanguentado. E abraças-te com êle, os músculos sacudidos pelos soluços, a alma retalhada pelo mais profundo sofrimento da terra. Pela primeira vez em quinze anos aquela bôca adolescente não responde ao teu beijo. Pela primeira vez em três lustros, aqueles braços não movem para se te atirarem ao pescoço. Pela primeira vez aqueles olhos abertos ficam parados diante de ti, sem um espanto diante do teu chôro, sem uma lágrima diante das tuas lágrimas! Teu filho estava morto. Teu mundo havia desabado!...

Desde essa manhã, erras pela cidade, como uma sombra viva, fazendo do coração o esquife da maior das saudades. O mais desgraçado dos homens parece-te venturoso ante a tua infelicidade. Teu filho era a tua esperança. Teu filho era a vaidade da tua inteligência. Revias-te nele, sonhavas para êle a glória e o confôrto que a mocidade pobre te não dera. E eis que, de repente, Deus te priva daquele a quem havias feito a luz

dos teus olhos, a água da tua sêde, o pão da tua fome, o ar dos teus pulmões!

— Humberto, tem piedade de mim!... — foi o teu grito.

E eu te apertei, num grande abraço fraterno, de encontro ao coração. A tua fortaleza, a tua energia, a tua coragem, tudo se abateu de repente. Sentes-te de tal forma pequeno sob a fatalidade que te feriu, que te assemelhas a um pássaro que, longe do ninho, é esmagado, de súbito, pela fúria sacrílega do temporal. Assim erras, dias e noites, buscando lenitivo de casa em casa, procurando consôlo e refúgio no coração dos teus amigos. E a cada palavra para levantar-te o ânimo, sacodes a cabeça fustigada interiormente pela tormenta, e desatas, de novo, em soluços:

— Não esqueço!... Não esqueço!... Não posso esquecer meu filho!...

Tenho sofrido contigo, José; mas, da tua dôr, venho tirando, há dias, um espantoso ensinamento. E' o que deriva da nossa covardia masculina diante da resignação, da coragem, do heroísmo com que as mulheres enfrentam, de repente, êsses terríveis desafios do Destino. Não sei, na verdade, de lição maior do que essa que tens, neste momento, na tua casa. Queres fortalecer-te, consolar-te, levantar o espírito com o mais assombroso dos exemplos? Contempla essa heroína silenciosa, essa Níobe que tens no

teu lar e que é a tua companheira de cada hora, a mãe incomparável do teu filho morto. Acreditas tu, por acaso, que a tua dôr seja maior que a sua? Teu filho era carne da sua carne, sangue do seu sangue. Trouxe-o nas suas entranhas, criou-o com o seu leite e, quando pequenino, enquanto mergulhavas no sono reparador, ela passava as noites junto ao seu leito, velando em silêncio, esquecendo nas vigílias noturnas as incontáveis canseiras do dia. Enquanto êle vivia, quanto cuidado, quanta preocupação, quanta inquietude, quanto susto no seu coração! No momento, porém, da provação suprema, que transfiguração na sua fraqueza!... De quanta coragem se revestiu aquela alma espartana, para receber o golpe incomparável!... E depois do golpe, que energias imprevistas se levantaram no seu organismo e na sua alma, para não sucumbir, nem te dar, a ti, o exemplo da covardia diante da fatalidade!... Olha-a; observa-a; contempla-a. Diàriamente, ao amanhecer, abandonas a casa, indo procurar junto de cada amigo uma palavra de animação e de consôlo. As cousas que te cercam na rua afastam o teu pensamento da tragédia cuja lembrança te não permitiu um instante de sono, na noite longa, fúnebre e solitária. Ela, entretanto, não se afasta do seu pôsto. À semelhança do comandante que permanece no convés após a catástrofe, lá está ela, firme, à frente do seu lar, com a lembrança do morto no coração alanceado, mas cuidando, infatigável e heróica, dos seus irmãos, que ficaram. Vinte, trinta vezes por dia, enquanto buscas na bôca de amigos a palavra que te console, passa ela, silenciosa e sublime, por baixo dessa mesma bandeira de porta de onde pendeu o corpo do seu filho. O coração sangra. Os olhos se lhe humedecem. Mas é preciso viver. E' necessário que não suspeites o seu sofrimento. E ei-la, magnífica de dôr e de heroísmo calado, a mover-se, de manhã à noite, pela casa em que paira, ainda, a sombra do seu desventurado Luiz.

Não precisas, pois, para ser forte, para levantar o teu espírito sucumbido, senão dêsse exemplo admirável, dessa lição comovedora, dêsse espetáculo espantoso da angústia surda e resignada. As mulheres quando sofrem assim e assim afrontam a dôr, ficam acima da Humanidade.

E as espôsas como a tua, José, redimem o sexo, e dignificam o mundo.

IV

E' DEODORO, QUE PASSA...

"Foram exumados ontem os restos mortais do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, proclamador da República".

(Dos jornais)

1889. 15 de Novembro. Nove horas da manhã. Um sol de ouro levanta-se vitoriosamente sôbre a cidade do Rio de Janeiro, banhando-a com a glória da sua luz. Do Campo de Sant'Ana às proximidades do Cais Faroux há um movimento de povo como nos dias de grande festa. Os grupos se formam, e se desfazem, a cada instante, em cada esquina. As confeitarias, abertas há pouco, enchem-se de fregueses e curiosos, que desceram dos arrabaldes à procura dos primeiros boatos. Há uma alegria inquieta em todas as fisionomias. As notícias que se espalham, são as mais extravagantes, as mais contraditórias. Há quem informe que a República está proclamada, que o Imperador já se acha preso em Petrópolis. E há quem afirme que essa informação é prema-

tura, e que se trata, apenas, de uma queda do Ministério, por imposição do Exército. Sabe-se que há ministros detidos e que o Barão de Ladário tombou sob o revólver de um tenente, à entrada da rua Larga. As notícias que circulam, e cujos autores se declaram testemunhas dos acontecimentos, são, todavia, as mais vagas, as mais imprecisas. O que há de verdadeiro, de incontestável, é que as tropas da guarnição se encontram formadas, desde o alvorecer, no campo de Sant'Ana, e que a artilharia se acha com as peças voltadas para o Quartel General, cujos portões foram fechados.

— Deodoro é que está comandando as fôrças rebeldes! — assegura-se.

E êsse esclarecimento vem dar, aos que o escutam, a certeza de que a insurreição triunfará. Deodoro tem o Exército no punho da sua espada. Queira êle que se faça a República, e a República se fará. Deseje apenas a queda do Ministério, e o Ministério estará por terra. À sua palavra de comando, nenhum batalhão ficará no quartel.

De repente, há uma correria de povo, do largo de São Francisco, descendo a rua do Ouvidor. Algumas casas de comércio cerram as portas, apressadamente.

— O Exército vai atacar o Arsenal de Marinha! — avisam, os que fogem em disparada.

Vozes de corneta, e rufar de tambores, dão a impressão de que é verdadeiro êsse informe. E, de súbito, entram as tropas na rua do Ouvidor. A multidão, em delírio, aclama, aí, as fôrças vitoriosas. Ouro-Preto está preso. Ladário está ferido. Os batalhões fiéis ao Ministério até à madrugada, aderiram, finalmente, à sedição. E o Exército, unânime, vai convidar a Marinha para dar a sua solidariedade ao movimento, aceitando a República.

O desfilar das tropas, feito em silêncio, até ao largo de São Francisco, é, agora, uma apoteose. As caixas rufam, os clarins estalam heròicamente na manhã clara, e os batalhões rolam, em passo cadenciado e militar, enchendo do seu ruído surdo aquela hora enorme de um novo dia que entra triunfante na História.

Gritos e palmas reboam à passagem das tropas. Flores são lançadas de algumas janelas sôbre os soldados. O que mais entusiasma o povo, é, porém, um grande velho que, magnífico na sua farda de general, o peito coberto de medalhas de guerra, a espada desembainhada e encostada ao busto elegante, à frente das tropas que desfilam. O olhar aquilino, a barba magnífica espalhada como para abrigar o coração, o seu aspecto é altivo, a sua postura severa, seu garbo imponente, soberbo, marcial.

A multidão aclama-o. Clangoram clarins. Rufam tambores.

E' Deodoro, que passa...

1933. 22 de Agôsto. Nove horas da manhã. Um sol de ouro levanta-se vitoriosamente sôbre a cidade do Rio de Janeiro, banhando-a com a glória da sua luz. No cemitério de São Francisco Xavier, no bairro pobre do Cajú, reina o silêncio doce e comovido da morte. Nas árvores que dão sombra aos túmulos cochicham pássaros inocentes, contando pequeninas histórias, em que entram flores e insetos. A brisa remexe nos galhos, procurando-se a si mesma. Uma tristeza meiga envolve as cousas como numa paisagem de sonho. À esquerda de quem entra naquele pequeno mundo plantado de cruzes, há uma sepultura de mármore negro, cuja tampa foi levantada. Coveiros silenciosos removeram a terra dêsse túmulo, e retiraram dêle um caixão de bronze. Dez ou doze pessoas vestidas de preto assistem a êsse trabalho, piedoso e cristão. E' uma exumação, que acaba de ser feita. O homem que alí dormia vai para outro sepulcro, no centro do cemitério. Quatro daqueles homens suspendem o caixão. Parece vazio. Dentro dêle chocalha um esqueleto, que se desmembra e desfaz.

O pequeno cortejo forma-se, triste, calado, fúnebre, cabisbaixo. Os quatro homens que tomaram o caixão entram por uma rua de mausoléus. Os outros os acompanham, o passo grave e surdo, sem uma palavra, sem uma lágrima. Os pássaros continuam cochichando, indiferentes. A brisa, indiferente, sacode os ramos. O caixão oscila, chocalhando ossos, nas mãos que o conduzem.

E' Deodoro, que passa...

V

O CORNETEIRO DE COPACABANA

ONTEM, para compensar o dia, passado, inteiro, à mesa de trabalho, tomei um automóvel e fui saltar na Igrejinha, nas proximidades do Forte. Sentei-me no último banco da praia, no ponto em que o mar se espreguiça mais lentamente, tecendo, com a espuma fresca e fervente, a saia de renda leve da areia namorada e morena. A lua, no zênite, embrulhava-se, nervosa, e inquieta, nos pedaços de nuvem que passavam, como se escolhesse, à última hora, e com o noivo à espera, o melhor vestido de baile. Ao longe, nas fronteiras do oceano largo, o farol da ilha Rasa riscava de instante a instante o seu fósforo, na aflição eterna da sua insônia noturna.

De repente, a pequena distância, rompe a treva um gemido suave e dolorido. Uma pausa ligeira, e outro gemido mais alto rasga o peito da noite, espalhando-se pela terra e pelo mar. E' a corneta do Forte que dá o seu último toque do dia. E' o clarim militar que, na bôca de um soldado, manda aos soldados da fortaleza a última ordem sonora: a ordem de — silêncio! E como é como-

vente, magoado, e cortante, aquele apêlo metálico, vibrado na sombra de uma praça de guerra, diante do oceano, que chora, e da cidade, que esplende! Quanta alma, quanta saudade, põe aquele soldado no grito estridente ou na surdina melancólica daquele instrumento singelo e vazio!... A lembrança da sua casa, talvez. Talvez a lembrança da sua terra, que lá ficou, no sul, onde as coxilhas se estendem como as ondas do mar, ou no norte, onde a cabana é um ninho à beira dágua, sob a proteção farfalhante dos coqueirais. Aquele sinal sonoro lançado aos ventos salitrosos não anuncia, apenas, o soldado que se recolhe em si mesmo. Durante o dia foi a faina militar: o exercício, a revista, a aula, a limpeza dos canhões pesados, a desmontagem das carabinas ligeiras. O espírito andou por fora e o coração também. Com aquele grito na quietação da noite, coração e espírito se recolhem. O homem vai, dentro em pouco, sob a cúpula de aço daquele monstro deitado à beira do mar, encontrar-se, frente a frente, consigo mesmo, e conversar com a sua saudade.

Por isso, é tão doloroso, tão fundo, tão cheio de alma, o toque de — silêncio! — numa praça de guerra. Por isso, é êle ainda mais triste, mais longo, mais doce e mais amargo, nas suas modulações, no Forte de Copacabana, numa noite de luar, em frente ao oceano que se espreguiça. O soldado que

atira para o céu e para as ondas, sob o anonimato daquelas muralhas, aquelas vozes de saudade e despedida, é poeta e namorado. Êle não sopra um clarim, mas seu próprio coração. E aqueles gemidos e aquelas queixas que se espalham pela praia e se vão perder no mar inquieto e nas montanhas paradas, é êsse mesmo coração que se desfaz em sonoridades para tornar-se mais leve, e caber, inteiro, no peito de quem o tem....

Corneteiro de Copacabana, quem quer que sejas tu, eu te admiro e te invejo. Quem me dera a ventura de, nos colóquios com a minha alma, interpretar para os homens, e para as cousas, com a minha pena, a angústia, a saudade, a alegria, a coragem, a tristeza e a esperança, que lhes transmites, cada noite, às dez horas, com o grito de dôr e de guerra do teu clarim!...

VI

"LOS NIÑOS DE CORUÑA"

ÊSSE episódio verificado em Corunha, na Espanha, não é apenas cômico, e pitoresco; é, também, profundamente filosófico, mostrando as graves consequências que podem advir, e refletir-se em gerações sucessivas, do êrro de um instante, do descuido de um minuto. Duas senhoras, mãe e filha, conta o telegrama, foram internadas na Maternidade, e aconteceu que dessem à luz um filho, exatamente à mesma hora. A enfermeira de cada uma tomou o pequenito a seu cargo, e levou-o para o dormitório contíguo. Ao retomarem, porém, os pimpolhos, nenhuma reconheceu o que lhe fôra confiado. Os dois pirralhos eram parecidíssimos. E surgiu a confusão. A parturiente mais nova desatou a chorar, apavorada com a idéia de que iria amamentar o seu irmão, ao mesmo tempo que a mais velha se indignava, suspeitosa de que passasse a ser, para o resto da vida, a mãe do seu neto.

No resto da família, as preocupações não eram menores. Um cavalheiro idoso, as mãos nos bolsos da calça, passeava, a cóle-

ra faiscando nos olhos, de um lado para outro do salão de espera:

— Sim, senhor! Será possível que meu neto fique, na vida, como filho do seu avô?

Maior, porém, era a revolta de um cavalheiro mais novo, genro do primeiro, o qual, ao ouvir essas exclamações do sogro, retrucava:

— E eu? E eu? E eu, que vou ser, talvez, agora, o pai do meu cunhado?

Segundo alguns velhos filósofos de boa vontade, as crianças, enquanto não falam, têm noção clara e absoluta de tudo que em tôrno delas acontece. Se assim é, se os pequeninos, até à idade em que se lhes descerra a língua, têm conciência de todas as ocorrências de que são personagens ou testemunhas, é de imaginar o prazer com que os dois garotos de Corunha se estão divertindo a esta hora, à custa das aflições da família!

— Meu tio? — dirá um ao outro enquanto os pais supõem que êles estão choramingando. — O pessoal está convencido que eu sou tu; e que tu és eu!

— Cala a bôca. Vamos ver em que isso dá... — aconselha o outro. — Não houve troca alguma. Tua mãe é essa mesma que está te amamentando...

— E se nós pudéssemos falar, hein? Eu estou com pena de minha mãe, que supõe

estar dando o peito a meu tio... Ainda ontem à noite, quando ela acordou para me dar de mamar, examinou-me longamente, olhou-me muito, a cabeça, o nariz, os olhos... Depois deu-me o seio, e começou a chorar...

— A minha também fez a mesma cousa ontem... E o velho, meu pai, não dormiu, passeando de um lado para outro do quarto. De vez em quando levava as mãos à cabeça e exclamava, num rugido surdo: "Ninguém me diz que não houve troca! Houve, sim!" Chegava junto do meu berço, e dizia, com o dedo junto ao meu rosto: "Veja se êste nariz não é do Hernandez! E' ou não é?"

— Mas, nós tiraremos a nossa família dessa dúvida; não é verdade, tio? Nós lhes explicaremos, logo que possamos falar, que está tudo direito, que não houve troca nenhuma... As primeiras palavras que eu puder pronunciar na língua dêles, serão para lhes dizer isso...

— Que esperança!...

— Que esperança! Que esperança, por que?

— Porque, quando nós soubermos a língua dêles, já teremos perdido a memória de tudo que sabemos e vimos agora...

— Êles terão, então, de permanecer nessa dúvida até à morte?

— Talvez. Vamos esperar...

Dias depois, entram na Maternidade três homens de cara fechada, vestidos de preto. Cumprimentam as pessoas presentes e aproximam-se dos dois leitos em que se encontram os pirralhos.

— Tio, que homens são êsses? — choraminga um.

— Não sei; parece que são os doutores. Cala a bôca; vamos escutar o que êles dizem.

Momentos depois, êste choraminga, na língua que só os recém-nascidos entendem:

— Nino?

— Tio!

— São os doutores mesmo, Nino; êles vão acabar com a dúvida que atormenta a nossa família! Vão fazer uma experiência e explicar à minha mãe e à tua, que nós somos mesmo filhos delas!

— Ai, que bom!

— Êles vão tirar o meu sangue e o teu, para comparar com os dos nossos pais. Por isso, não chores quando te beliscarem... Estás ouvindo, Nino?

— Estou, tio. Podes ficar tranquilo.

Os especialistas extraem sangue dos garotos. Fazem o mesmo com as duas senhoras. Põem os chapéus, e vão-se embora. Dias depois, voltam. Estão risonhos, contentes. Um dêles adianta-se, e diz às duas damas:

— Minhas senhoras, a ciência não falha! O novo processo de identificação pelo exame de sangue acaba de conseguir mais uma vitória no caso destas duas crianças.

E num gesto largo exibindo uma fôlha de papel com o resultado das pesquisas:

— Os pimpolhos estão, mesmo, trocados!...

Num alvorôço, as duas damas correm para os dois berços, tomando, cada uma, o pequenito que a outra vinha até então amamentando:

— Meu filhinho de minh'alma! Eu bem desconfiava, meu amor! — exclama uma, chorando e rindo de alegria.

— Meu coração bem me dizia, meu filhinho da minha vida!... Vem, meu amor, vem com a tua mãezinha! — dizia a outra, o rosto inundado de lágrimas e de felicidade.

Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:

— Mentira!... Mentiiiiira!... Mentiiiiira!... — berra cada um para seu lado.

Mas, não adiantam nada. Têm de calar-se, conformando-se cada um com a sua nova mãe, até que, à noite, passam a comentar os acontecimentos do dia.

— Então, Nino, viste? Ficaste sabendo o que é a ciência dos homens?

— Isso, então, é que se chama ciência?

— E'. A ciência é uma combinação existente entre os homens para entortar tudo que está direito. Nós, por exemplo, cada um estava com a sua mãe legítima: veio a ciência, e disse que estava errado. E, agora, tu tens que mamar na tua avó e eu fico mamando na minha irmã.

— Besteira dêles; não é, meu tio?

— Alto lá! Tio, não! Agora eu é que sou teu sobrinho!

— Psiu! Cala a bôca... Lá vem minha avó e tua irmã... Vamos mamar...

VII

BÁLSAMO PARA UM CORAÇÃO

MINHA senhora. — Leio a sua carta, e detenho-me nesta passagem: "Já tenho pensado na morte e estou mesmo resolvida a suicidar-me: estou em uma situação, a mais miserável que se pode ter na vida, e por isso espero da sua pena uma solução e um conselho, para uma infeliz mulher, forçada a suportar um marido ciumento, brutal e ébrio, que não compreende a extensão do meu sacrifício". E adiante: "Espero, pois, que, com os esclarecimentos que lhe envio, me mande uma resposta urgente, afim de ver se encontro fôrça para evitar o plano sinistro que tenho em mente". E, num apêlo final: "Ajude, pelo amor de seus filhos, uma pobre mulher sem coragem!" Releio tudo isto, e fico a refletir, em primeiro lugar, na responsabilidade moral que vou assumir no desfêcho dêsse drama terrível, que se desenrola na sombra. Sou, neste caso, um juiz; mas tenho que ser julgado, também, por um tribunal maior, e mais inflexível. E, como proferir a sentença diante dos meus julgadores, sem que êles

conheçam, por sua vez, a substância do processo?

Tenho, pois, minha senhora, que ser, até certo ponto, indiscreto. Não me viesse, anônimo, o seu grito e mandar-lhe-ia, em segrêdo, o conselho que me pede. Mas a resposta é urgente, e tem que ser pública. Examinemos, assim, pùblicamente, os autos em que se vai basear o julgamento. Acabava a senhora de completar dezoito anos, e possuía, como toda moça da sua idade, o seu namorado, príncipe encantado dos seus sonhos de adolescência, quando, em visita a uma cidade do interior paulista conheceu, aí, um tio viúvo, mais velho do que seu pai. Era a senhora uma linda menina, robusta e alegre, na ignorância, ainda, das grandes contrariedades da vida e das traiçoeiras maldades do mundo. Nas vésperas do regresso para o Rio de Janeiro seu pai se trancou com a senhora em um quarto, e, com a alegria nos olhos, lhe disse:

— Teu tio acaba de pedir-me a tua mão. Deseja casar-se contigo, e eu não conheço casamento melhor. E' um homem de fortuna, e estou certo de que te fará feliz.

— A mim, meu pai?

— Sim, a ti.

— Mas, meu tio tem quarenta e quatro anos, e eu apenas dezoito! E' um velho, e eu sou ainda uma criança!

E, de mãos postas, o rosto lavado pelas lágrimas:

— Tenha pena de mim, meu pai!...

Seu pai ergueu-se, rude, severo, brutal:

— Já dei o meu consentimento. Já disse que te casarias com êle. Não sou homem de duas palavras. Ou casa, ou trata da tua vida, porque não porás mais os pés onde eu morar.

E saiu, batendo a porta.

A noite toda, passou a senhora chorando. E foi de olhos baixos, soluçando, que, na manhã seguinte, sentiu na testa fria, com o hálito de aguardente, o beijo de noivo do seu tio.

Regressou para o Rio, afim de preparar o seu enxoval de noivado. Abatida, amesquinhada pela previsão do seu destino, não quis ver mais, sequer, o jovem a quem havia prometido, entre as névoas de um sonho feliz, o seu coração inocente. Tornou para o interior. Casou-se.

E começa o tormento, que ainda perdura, e cada vez mais implacável. Logo no dia seguinte ao do casamento, a senhora verificou que o seu tio se dava ao vício da embriaguez, alarmando-se quando o viu entrar, bêbado, no quarto nupcial. E daí em diante, não o tem visto, à noite, senão assim. Às vezes são dias e dias sob o domínio do alcool, que, afinal, o embruteceu, levando-o à se-

nilidade. E há quatorze anos, sofre a senhora êsse martírio. Há quatorze anos carrega a senhora a sua cruz. Há quatorze anos chora, em silêncio, o seu destino, enquanto, ao lado, fedendo a suor e a aguardente, o seu algoz, encanecido e decrépito, ronca suìnamente, no seu sono de bêbado! E a senhora me pergunta:

— Que devo fazer? Sou moça ainda, e desgraçada. Responda-me; aconselhe-me; auxilie-me, senão eu me mato. Não posso mais!

E aquí estou, minha senhora, com a opinião, e o conselho que me pede. Eu acho que, quando a mulher escolhe, ela própria, a sua cruz, está no dever de levá-la ao Calvário, sem a faculdade, a não ser em casos excepcionais, de atirá-la ao chão, ùnicamente porque apodreceu em caminho. Não é essa, porém, a sua situação. A senhora foi vítima de uma violência, da tirania e da prepotência de seu pai. Êle vendeu a filha, pode-se dizer, ao seu próprio irmão. E a lei, a humana como a divina, não lhe concedia êsse direito. A senhora era menor, não se podia rebelar. Ameaçada de abandono, de expulsão da casa paterna, submeteu-se, obedeceu. Seu pai não se ateve, sequer, ao impedimento legal, que havia para essa ligação. Seu casamento traz, pois, a eiva da nulidade. E' nulo, perante a lei. E' nulo, perante Deus.

Restar-lhe-ia, talvez, o remorso de haver abandonado um velho, um homem que se apresta, possìvelmente, para encerrar o ciclo da vida. Êsse homem não foi, porém, seu amigo. Não pensou senão em si mesmo. Teve nos braços duas mulheres jovens, que escravizou à sua bestialidade. Sacrificou a sua sobrinha ainda menina, sem lhe fazer a menor consulta ao coração. Na vida, êle não conquistou mulheres; comprou-as aos pais. E, uma vez compradas, não cuidou de conquistá-las, preferindo, para impôr-se, a violência ao carinho. A espôsa que êle adora é a bebida, é a aguardente, é a garrafa que o animaliza. Para esta é o seu último beijo do dia. E' a ela que dá, bêbado, cada noite, a metade do seu leito. Que fique, pois, com essa companheira. E a senhora, — tenha coragem!

Sim, minha senhora, tome ânimo, e rebele-se. A senhora é moça, pois que vem de entrar, apenas, na casa aritmética dos trinta anos. Não lhe cabe carregar na vida, até ao túmulo, o cadáver de um homem, a quem não matou. Se se tratasse de uma alma heróica, de uma dessas almas femininas e cristãs que têm a volúpia do sacrifício e do sofrimento, dir-lhe-ia, talvez, que esperasse. Mas a senhora não pode esperar. A indignação lhe enche a alma; o desespêro enche-lhe o coração. Diante disso, não se mate. A senhora tem direito à vida. Não teve mo-

cidade e, pode-se dizer, não conheceu o amor. Viva, pois, e rebele-se. Não insulte os cabelos brancos do seu algoz traíndo-o, ligando-se a outro homem enquanto usar o seu nome, porque, nesse caso, a senhora se insultaria a si mesma. Respire com fôrça; encha de ar e de coragem os seus pulmões vibrantes de saúde. E vá a um advogado. Conte-lhe a sua história. E estou certo de que nenhum magistrado, feitas as provas do que me diz, deixará de anular o seu casamento, e de assinar, de modo resoluto, o ato da sua libertação.

Pense, pois, corajosamente, na liberdade e na conquista da paz. Ainda sobrará tempo, e muito, para pensar na felicidade.

VIII

AS VIOLETAS DE NOSSA SENHORA

ONTEM, dia de Nossa Senhora da Glória, reinou no céu uma grande e santa alegria. Pela madrugada, os anjos penduraram estrêlas nas pontas das nuvens, e, quando amanheceu, tudo ficou enfeitado de sol. O vento, nas alturas, cantarolava baixinho, como para acalentar uma criança doente. E as estrêlas, apagadas, tinham um perfume casto, e bom, de rosas murchas.

No seu trono de nuvens azues, franjadas de ouro, Nossa Senhora da Glória sorria contente. De todos os recantos do céu chegavam anjos e almas felizes, que vinham banhar-se na luz pura dos seus olhos misericordiosos. Uma felicidade inocente e boa embriagava as criaturas e as cousas, como um vinho bebido em sonho. O ar estava impregnado de um eflúvio meigo, de uma ternura comovida, como se pairasse naquela hora uma grande bênção de Deus sôbre o mundo. E foi quando a Virgem, na glória alegre do seu dia, falou desta maneira:

— Meu coração, que as sete espadas trespassaram, é como um cântaro repleto

de mel. Tenho a cabeça coroada de estrêlas, e sinto a meus pés a música religiosa dos anjos. Mas, na minha alegria, não posso esquecer as criaturas que gemem, lá embaixo, na prisão escura da vida. A ventura, que me cerca, deixaria de ser ventura, se eu não pudesse repartí-la com os infortunados. Quero, pois, que os anjos desçam à Terra, e restituam em alegria doce e cristã os tributos de dôr que êles, na sua miséria, têm pago ao céu.

E chamando um dos anjos:

— Vai, Alael! Desce à Terra e leva, transformados em pão, os gritos de desespêro dos órfãos e dos desamparados. Que êles tenham, também, hoje, a sua hora de felicidade!

Chamou outro:

— Parte, Heliel! Toma os suspiros que subiram da Terra, partidos dos corações solitários e transforma-os em flores de laranjeiras. Que encontrem o seu noivo, hoje, todas as virgens de coração puro que punham na minha misericórdia a sua esperança.

Chamou o terceiro:

— E tu, Eriel: vai. Recolhe as preces de todos os tristes, e transforma-as em consolação. Que tenha, cada um, hoje, a sua esmola de alegria!

Chamou outro:

— Chegou a tua vez, Elir! Abre as tuas asas, e vai! Procura os aflitos, que enviam aos céus os grandes brados de angústia, e dá-lhes, de novo, à sua aflição, os seus próprios gritos, transformados em rosas vermelhas.

Chamou, finalmente, outro:

— A ti, Anjo sem nome, ou de nome que é um doce mistério: a ti, cabe a mais piedosa das missões. Há, lá embaixo, na Terra, um pobre e obscuro poeta que chora em silêncio, e cujo sofrimento é calado. Reúne os seus gemidos surdos, as suas lágrimas ignoradas, os seus sonhos nascidos mortos. Transforma-os em violetas. Faze, com êles, três ramalhetes. Que sejam tornados, assim, em pequeninas flores que se refugiam sob as fôlhas rasteiras os seus grandes tormentos escondidos. Leva a êsse artista humilde a oblata da flor humilde. Dá-lhe, enfim, a êle, sonhador sem glória, em nome da minha glória, um instante de ilusão, uma hora de felicidade!

Foi assim que, ontem, um poeta obscuro e triste, recebeu, de mão desconhecida e gentil, em nome de Nossa Senhora da Glória, três lindos punhados de violetas...

IX

OS DRAMAS QUE SE DESENROLAM NA SOMBRA

POUCA gente haverá, talvez, que haja refletido sôbre a sublimidade dêsse drama obscuro que se vinha desenrolando há quinze anos no Rio de Janeiro, nessa modesta casa suburbana de Vigário Geral. Uma família inteira sacrificando-se, em silêncio doloroso, para se não afastar de um louco, filho e irmão. Três espíritos acesos, como três círios, para velar por outro, que se apagou. Uma casa de portas e janelas fechadas há quinze anos, para que não chegasse aquí fora a tristeza, que reinava lá dentro. Três existências aniquiladas, em suma, para que uma, que já não era bem existência, fosse menos desgraçada.

A história foi contada pelos jornais da cidade, em traços rápidos, mas profundos. Uma senhora de humilde condição enviuvara, ficando com três filhos. Aos dezoito anos, um dêles enlouqueceu. Na esperança de vê-lo curado, leva-o ao Hospício, onde o deixa, para receber da medicina oficial os socorros que a sua pobreza lhe não podia dar. Dois anos ficaram separados, o louco e o seu anjo da guarda. Dois anos de inquietação e ansiedade. Dois anos de viagens

constantes e penosas entre o subúrbio longínquo e o soturno estabelecimento da Praia Vermelha. Obtida, porém, a desilusão da ciência, a triste e piedosa senhora, modêlo de mães desventuradas e santas, pede que, se os doutores não podem restituir a razão ao seu filho, lh'o entreguem, restituindo-o ao seu carinho. Poderá, talvez, o amor, aquilo que não pudera a medicina. Conseguirá, possìvelmente, uma dedicação de mulher o que não conseguira a sabedoria dos homens. E, que nada conseguisse, era seu filho. Consagrar-se-ia a êle. Velaria por êle. Passaria o dia e a noite ao seu lado, para que não sofresse muito e não fizesse mal a ninguém. A ternura das mães é tão persuasiva que amansa, às vezes, as feras e os loucos.

E começou o holocausto desta vida viva àquela vida morta. Nunca mais a pobre mãe transpôs a porta do seu lar para uma visita ou para um passeio. Aquele filho louco era o seu mundo. Acompanhava-o pela casa fechada, como se fosse a sua sombra na sombra. O que êle destruía num momento de fúria, ela concertava mansamente, sem uma palavra de recriminação. Quando êle dormia, já homem, o seu sono de enfêrmo, ela lhe acariciava os cabelos longos e sujos como o fazia quando êle era pequenino. E quando o louco se erguia de um salto no meio da noite e se punha a andar e a uivar, ela o acompanhava a dirigir-lhe palavras de

extrema ternura, para atingir-lhe o cérebro através do coração. E três anos assim se passaram.

Pouco a pouco, porém, a fraqueza daquela mãe foi se tornando impotente para conter a insânia daquele filho. Nu e imundo, cabelos e barba rolando pelo peito e pelos ombros, tornara-se êle um monstro. Queria abrir as portas, sair para a rua, correr, fugir. E fez-se mister fabricar uma jaula para conter o louco. Os irmãos, êles próprios, construíram a prisão de madeira, o curral grosseiro e seguro para guardar a fera humana, o bicho cristão em cujas veias corria o seu sangue. Doía-lhes aquilo, mas era preciso. Antes aquele tormento, a dôr de vê-lo urrar e debater-se dia e noite, do que o suplício da separação. Alí, pelo menos, êle teria carinho. Teria a solicitude materna. Teria a conter-lhe os ímpetos ou a suportá-los, aquele anjo que cortara as asas para se não afastar da terra, e ficar, até à morte, ao lado daquele infeliz.

E começou, em novo cenário, o novo ato daquele drama. Despido, coberto apenas pelos cabelos que lhe rolavam dos ombros, e pela barba hirsuta e enorme, o louco baixou à mais dolorosa animalidade. No seu curral, cuja higiene se tornou impossível, debatia-se êle, às vezes, nas horas de crise. Depois, porém, vinha a melancolia, vinha o silêncio triste e pressago, quebrado, apenas,

pelas palavras meigas que a velha mãe lhe dirigia de fora, e que ficavam sem atenção e sem resposta. E assim permaneceu dez anos, tendo sempre a guardar-lhe a porta da jaula, a dormir com a cabeça nas mãos, a mãe exhausta pelos anos de sofrimento e vigilância. Até que, um dia, o louco viu, de olhos parados, um caixão negro no meio da casa, colocado sôbre duas cadeiras. E nunca mais lhe apareceu o vulto angélico à porta da sua prisão.

Desaparecido o crente, era natural que desaparecesse, também, o culto. Morta a velhinha que velara a loucura do filho desventurado, era de esperar que os irmãos o recolhessem ao Hospício. Quem velaria por êle na casa deserta? Mas, ao morrer, a velha mãe lhes havia pedido que não abandonassem o irmão desgraçado. Que se recordassem do tempo em que eram pequenos e brincavam juntos, e não o entregassem aos descuidos de mãos alheias. Continuassem aquela caridade. Persistissem naquela misericórdia. Cuidassem dêle como ela cuidara. E morreu consolada, na certeza de que os filhos lhe atenderiam à súplica.

E êles prometeram. Prometeram e cumpriram. Saído o caixão, confabularam. Eram, ambos, empregados. Trabalhavam fora. E ficou resolvido que um dêles abandonaria o emprêgo para vigiar o doente... Resolveram e, há três anos, enquanto um

dos irmãos trabalha, saindo cada manhã para os seus afazeres, o outro vai para junto da jaula ou proceder à limpeza do antro em cujo canto o louco se acocora desconfiado. Uma vida útil, votada, toda ela, a outra inutilizada. Uma família inteira destruída pelos deveres, tão esquecidos hoje, da solidariedade do sangue, provada na desgraça. Um grande drama, finalmente, cujo autor se esconde, não se sabe onde, fugindo aos aplausos ou à vaia da platéia.

Anônimo, ou não, a verdade é que êsse drama doloroso, representado no palco da vida, oferece uma demonstração admirável da capacidade de renúncia do coração brasileiro. Três criaturas sadias dando-se em sacrifício a uma outra, que não podia, sequer, avaliar a beleza dessa abnegação. Três existências sepultadas na dôr e na sombra, ùnicamente para que um pobre louco não fosse magoado por mãos estranhas. Não seria isso matéria, em Roma ou na Grécia, para um grande capítulo de Quinto Cúrcio ou Plutarco?

O cérebro, — disse um escritor católico, — perdeu o mundo no século XIX; o coração salva-lo-á no século XX. E como o Brasil tem corações como êsses que uma denúncia à polícia revelou, caber-lhe-á, forçosamente, um grande e formoso papel na redenção do mundo que se prepara nos misteriosos laboratórios do século.

X

A MORTE DO 845

I

MARIA do Carmo achava-se na cozinha da velha casa de cômodos, da Saúde, soprando um fogareiro de carvão em que preparava o jantar, quando o Raimundo, seu filho único, de doze anos, entrou da rua, na carreira, gritando-lhe de longe:

— Mamãe! incêndio na cidade!

A rapariga deixou de soprar o fogareiro, e, levando aos olhos o avental de riscado grosso afim de limpar as lágrimas causadas pela fumaça, voltou-se para o menino, perguntando:

— Em que rua é o fogo, meu filho?

— Não sei, mamãe. Quem disse foi "seu" Antônio Padeiro, que veio da cidade... E o "rádio" da padaria já deu notícia... Mas parece que é muito grande o incêndio... O céu está todo vermelho para o lado da Avenida...

— Minha Nossa Senhora... E teu pai está de serviço hoje... Deve ter entrado às quatro horas...

E enxugando as mãos no avental:

— Anda, meu filho... Vem cá...

Entraram para um quarto em que a escuridão era completa. Uma lâmpada pequena acendeu-se, pendurada de um fio, que descia do teto amarelado e alto, do qual se desprendia, já, uma ponta de viga. Uma cama grande, cujo colchão era velado por uma coberta de chita desbotada; uma pequena cama de ferro, um armário e uma velha prateleira com louça pobre, constituíam todo o mobiliário do compartimento, em que a luz do sol jamais entrava, por falta de janelas para o exterior. Nas paredes de tabique, roupas de homem, de mulher e de menino, suspensas de pregos, que tornavam invisíveis. E, a um canto, preso à parede, um pedaço de tábua, amparado por um suporte. Sôbre a tábua, uma pequena imagem da Virgem da Conceição, o rosto e as mãos encardidos, o manto descorado, e toda ela exprimindo tamanha tristeza e tamanha miséria, como se quisesse participar da penúria consolada e heróica dos moradores daquela casa. Maria do Carmo fechou a porta, e, tirando do armário um côto de vela, acendeu-o, pingou na tábua algumas gotas de cera, e fixou-o, junto aos pés da Santa. E, fazendo ajoelhar o filho, ajoelhou-se também, aconselhando ao menino, que juntara as mãos:

— Pede, meu filho, pede... Pede a Nossa Senhora para proteger teu pai... Reza, primeiro, um padre-nosso, uma ave-maria e uma santa-maria...

Raimundinho fixou os olhos na vela, acompanhando, automàticamente, o rolar dos pingos de cêra, que se iam consolidar, em baixo, na própria cêra. Maria do Carmo unira as mãos, e erguera, também, os olhos. Os seus foram pousar, porém, no rosto de Nossa Senhora, e se embebiam tão profundamente nele que quasi não o viam. Os seus lábios mexiam-se, fervorosos, na oração. Pouco a pouco, o seu pensamento voltou melancòlicamente à terra, e ela começou a recapitular o seu passado, a sua mocidade, a sua história... O Roberto acabava de fazer o serviço militar, quando se conheceram, em uma festa da Glória. Estava, por essa ocasião, à procura de emprêgo. Uma grande simpatia os irmanou, desde logo. E como não pudesse pedir-lhe a mão antes de ter um meio de vida, assentou praça como bombeiro, tomando, então, o número 845. Ao vê-lo fardado, o seu coração de moça pobre e humilde, filha de operários, bateu de contentamento e de orgulho. Lembrava-se bem da alegria infantil com que o via chegar, na sua farda de pano escuro e grosso, o capacete de metal refletindo a luz do sol ou das lâmpadas, a corda à cintura, num espetáculo admirável de fôrça tranquila e de

bravura serena. Nenhuma das moças daquela rua possuía um noivo assim. E era contente, também, que êle chegava, moreno, moço e forte, como um soldado forte e feliz que chegasse vitorioso cada dia de uma nova batalha. Por êsse tempo, ela não pensava, jamais, nas responsabilidades daquela farda, nos perigos que esta constituía para a sua felicidade, e nos tormentos de que encheria a sua vida, quando fossem casados. O sonho de um e de outro realizou-se, então. Casaram-se. Logo, porém, no segundo dia do casamento, houve um incêndio enorme, no bairro comercial. E lá se foi Roberto, a correr, para o quartel, de onde só regressou na manhã seguinte, com as mãos queimadas, o fardamento rôto, e todo coberto de cinza, lama e carvão. Nunca mais o seu coração teve tranquilidade. Quando nasceu o Raimundinho, estava êle no hospital, tratando-se dos ferimentos recebidos em uma das suas lutas com as chamas. Tinha as mãos envôltas em gaze quando pegou, pela primeira vez, o seu filho. Corajoso e valente, não evitava, jamais, os perigos. Daí a aflição com que ela, sua companheira leal e dedicada há quatorze anos, via passar as horas quando recebia a notícia de um incêndio na cidade. O seu consôlo era aquela imagem, que alí estava. Há quatorze anos, ao saber que o fogo lavrava em alguma casa dos bairros centrais, corria para diante da

Virgem, e rezava contritamente, rezava com toda alma, com todo o coração. Quando o seu filhinho começou a andar, ensinou-lhe, também, a correr para aquele oratório tôsco, e a fazer-lhe companhia, nas preces, para que a vida do seu pai fosse poupada, nos riscos terríveis a que se achava sujeito.

Rosto de uma palidez nervosa, de quem sofre privações de corpo e de alma, o cabelo negro e ondulado repuxado negligentemente para trás, os olhos ardendo, húmidos, sob as pálpebras pisadas pela inquietação e pela insônia, Maria do Carmo trazia o pensamento por longe, pelo seu passado, em que se misturavam as pequenas alegrias e os grandes cuidados, enquanto os lábios se moviam nervosamente, desfiando as orações. Ao seu lado, Raimundinho, de joelhos, as mãos postas, olhava os pingos de vela, que continuavam a rolar, como se o fogo chorasse, também, com pena de seu pai. De súbito, Maria do Carmo escancarou os olhos e a bôca, em silêncio, como se estivesse vendo alguma cousa de espantoso, de estranho, de inacreditável, junto à imagem. E via, de fato, com os olhos da sua imaginação. Era uma casa alta, de quatro andares, dominada pelas chamas. Rolos de fumaça escura turbilhonavam pelas janelas e pelas portas, e rebentavam lá em cima, pelo teto desabado, como uma cachoeira de treva que se despejasse no céu. Labaredas enormes irrom-

piam rubras e rugidoras, do meio do fumo, e lambiam tudo em tôrno, e abraçavam-se lá em cima, como serpentes que se devoram. Tudo era negro e vermelho, como se tivessem escancarado naquele momento sôbre o mundo as portas estrondantes do Inferno. Era como se os demônios enraivados se batessem, com espadas de chamas, no meio das nuvens revôltas, numa hora de tempestade. Em frente ao prédio que arde, a multidão, estarrecida, olha um homem que vai subindo, sòzinho, uma escada estreita e extensa para enfrentar as labaredas lá em cima, numa ponta de telhado suspensa milagrosamente sôbre o oceano turbilhonante. O coração de Maria do Carmo bate, forte, acompanhando aquele pequeno vulto atrevido, que galga pausadamente os degraus de ferro da escada debruçada no abismo vermelho. De repente, o reconhece. Ao clarão das chamas que rugem e sobem, vê a sua figura, os seus traços, o rosto moreno coberto de suor e de tisna. Sente que os olhos dêle se voltam para os seus. Que é para ela aquele sorriso de saudade e de morte. E vai estender-lhe os braços, como para pedir-lhe que desça, quando um trovão longo e profundo faz estremecer tudo em redor, e as chamas desaparecem como por encanto sob uma nuvem de poeira e de fumo. Foi a parede que desabou, com o resto do telhado, sepultando na fornalha imensa o herói que lá havia

chegado para atacar os dragões de fogo na bôca, mesmo, do seu covil.

— Roberto!... — gritou Maria do Carmo, pondo-se repentinamente de pé, e tombando, de novo, no chão, sem sentidos.

— Mamãe!... Mamãe!... Minha mãezinha!... — gritou o menino, atirando-se-lhe sôbre o corpo, beijando-a para reanimá-la.

Vizinhos correram a socorrer Maria do Carmo. Veio a Assistência. E foi o enfermeiro, êle próprio, que, sem saber a casa em que se achava, contou aos moradores, alí presentes, a cena de que havia sido testemunha. E concluía:

— Foi um herói, o bombeiro que morreu há pouco no incêndio que está lavrando na cidade... Quando o telhado abateu, êle mergulhou nas chamas como quem mergulha no mar...

II

Não obstante as suspeitas de que o fogo havia sido lançado propositadamente, os proprietários do estabelecimento incendiado receberam das Companhias de Seguro três mil contos de réis, e levantaram sôbre os escombros do velho prédio um majestoso edifício, cujos mostruários deslumbram pela riqueza e pelo gôsto.

À esquina, porém, sentados em um batente de porta, estendem tìmidamente a mão a quem passa uma pobre mulher desgrenhada e enfêrma e um menino tuberculoso.

São a viúva e o filho do 845.

XI

ELOGIO DO GARÔTO

A cidade possue, desde ontem, um monumento consagrado ao seu pequenino pardal humano. E eu, que tenho, tantas vezes, escrito sôbre essa curiosa e simpática figurinha urbana, sinto cócegas nos dedos para prestar-lhe, também, a minha homenagem. Chego um pouco tarde, é certo. Mas acontece-me sempre assim. Eu sou o freguês que por último compra o jornal. E' razoável, portanto, que seja o último, também, a fazer o elogio de quem o vende.

Eu falei em pardal, e a comparação é tão feliz que é bem provável que não seja minha. O pardal é a mosca de penas da cidade. Nos morros e nas montanhas, a Natureza oferece-lhe um mundo de frondes, e um viveiro de insetos. A vida, aí, ser-lhe-ia fácil e doce. Mas o pardal procura a cidade, onde vive o homem. Ao inseto da montanha e à semente da mata, colhidos sem riscos, êle prefere o grãozinho miúdo, o mosquito magro e nervoso apanhado entre as pedras da rua. Pula aquí, voa alí, beliscando entre os paralelepípedos, a sua vida é cortada de perigos, de sustos, de ameaças:

um burro que passa com a sua carroça, um transeúnte que vai apressado, um menino que regressa da escola, um automóvel que vem buzinando, — tudo isso persegue o pardal. Ao anoitecer, é a luta pelo pouso, a batalha pela conquista do lugar onde dormir. As montanhas estão vestidas de árvores enormes e os subúrbios se acham enfeitados de chácaras. Mas o pardal prefere o oitizeiro da via pública. A noite ainda vem longe, e ei-los às centenas, aos milhares, gritando, piando, volitando, numa disputa infantil e agitada, de crianças que brigam por causa de doces. Às rajadas do vento da tarde, a fronde balouça. E a impressão que se tem é que a árvore se acha toda amarrada de guizos, e que é um manacá enorme e verde que o vento sacode, brincando com ela. De vez em quando, a ventania arrebata uma fôlha. Mas a fôlha vai mergulhar em outra fronde. E' um pardal que se mudou.

E o garôto, o pequenino vendedor de jornais do Rio de Janeiro, é como o pardal. Tem a mesma vida, corre os mesmos riscos, espalha a mesma alegria. Durante o dia todo, voa êle de bonde em bonde, tomando o veículo em marcha, gritando as suas fôlhas, o pacote de jornais debaixo do braço. Despeje o céu, sôbre a terra, a carga dágua dos temporais; lancem os homens, pelas ruas, o flagelo das revoluções sanguinárias. E lá está o garôto atravessando a cidade, sem temer as tempestades dos homens ou as tempestades de Deus. E quanta probidade entre êles! E quanta bondade naqueles pequeninos corações de pardal!

Vou contar um fato. Há em minha casa um sujeitinho de nove anos, que tem o meu sangue e o meu nome. Em maio do ano passado, ainda com oito anos, achando-se internado no Colégio Batista Americano, na Tijuca, à rua José Higino, formigaram-lhe na cabecinha tonta as mesmas idéias que puseram fora de casa, e soltaram no mundo largo, ainda na infância, seu avô e seu pai. E o sr. Humberto de Campos Filho, sòzinho, sem um bolso na calça e sem um níquel na mão, ao cair da noite, fugiu do colégio. Desceu o morro onde fica o internato, percorreu a rua José Higino, penetrou na Conde de Bonfim, e, mais por palpite do que pelo conhecimento do caminho, bateu, em marcha forçada, para a praça Saenz Peña. A família morava no lado oposto da cidade, nos limites do Flamengo com Botafogo, e êle queria fazer, a pé, êsse percurso, cuja distância a sua imaginação não avaliava. Seria viagem, talvez, para três dias, se Deus lhe ajudasse o calcanhar. Mas o sr. Humberto de Campos Filho não pensou, absolutamente, nisso. Pôs a cara no vento e meteu o pé no mundo.

Chegado à praça Saenz Peña, procurou orientar-se. Em frente a um cinema, alguns

pequenos vendedores de jornais discutiam, carregados com as fôlhas da tarde. Dirigiu-se a um dêles:

— Você pode me ensinar para que lado fica a cidade?

— Para aquele lado, — informou um. — Você toma aquele bonde que vem acolá.

— Mas, eu não quero ir no bonde; eu quero ir a pé, — esclareceu meu filho.

O grupo cercou-o.

— A pé?

O sr. Humberto de Campos Filho, improvisou, com os seus oito anos, uma daquelas mentiras que o pai aprendeu a contar depois dos trinta. Disse-lhes que havia ido a uma visita na Tijuca, e, acabado o dinheiro, tinha de voltar a pé até o centro, e de ir, daí, para o Flamengo.

— Vá a bonde, — aconselhou um.

— Eu não tenho dinheiro.

— A gente arranja! — declarou outro.

Três ou quatro assobios cortaram a praça. Quatro ou cinco vultos miúdos atravessaram-na, correndo. Trocaram idéias. Fizeram uma coleta, em que reuniram seiscentos réis. E cinco minutos depois, o miudíssimo sr. Humberto de Campos Filho era metido no bonde, com seis níqueis nas mãos, pelos seus pequenos amigos da praça Saenz Peña, os quais, sem o terem visto jamais, lhe pagaram a passagem até à casa, no Flamengo!

Será preciso dizer mais, para mostrar o que há, em alma e coração, nesses pequeninos heróis que encontramos a cada instante no estribo dos bondes, ou correndo pelas ruas atrás de um freguês, que passou num ônibus, para vender um jornal de tostão, e na venda do qual vão ganhar, às vezes, menos de um vintém?

No dia da inauguração do monumento, remetí à "Noite" cincoenta mil réis, destinados, por seu intermédio, aos pequenos vendedores de jornais da praça Saenz Peña. Eram o pagamento, com atraso de um ano, da dívida de meu filho.

Para pagamento dos juros mandei-lhes, ainda, o meu coração.

XII

CARTA A MARIA CERQUEIRA

MARIA. — Entre as cartas que diàriamente recebo, há algumas que o meu coração decorou. São de amigos anônimos que se interessam pela minha saúde e pela minha vida. "Hoje, na hora da minha missa, lembrei-me de repente da sua pessoa como uma inspiração, e pedí a Deus misericordioso pela sua tranquilidade e pelo seu restabelecimento", — escreve-me um ilustre sacerdote de Santo Antônio da Barra, na Baía. "O Senhor vai ficar bom," — manda-me dizer, em palavras meigamente cristãs, uma senhora de Bonfim, no mesmo Estado: — "eu fiz uma promessa a Santa Teresinha do Menino Jesús, e recebí durante oito dias o mesmo aviso favorável; ajude-me, pois, com a sua fé". "No meu claustro, não tenho esquecido nas orações a Deus Nosso Senhor, a saúde do seu corpo e da sua alma", — conta-me, igualmente, um monge de Friburgo. "Estamos, eu e meu marido, trabalhando para que o senhor fique bom; temos invocado diversos espíritos de confiança, e o senhor dentro de pouco tempo estará inteiramente curado", — in-

forma-me uma operária que nunca me viu. E não contém sentimentos diferentes dêsses, dezenas de outras, vindas dos cárceres, dos hospitais, dos leprosários, das escolas, dos escritórios, das fábricas, das academias, dos lugares, enfim, em que há um coração humano estuando de desespêro ou uma alma feliz enfeitada de esperança. Nenhuma dessas cartas, entretanto, Maria, me impressionou mais que a sua. A sua não me trouxe a bondade cristã ou o consôlo fraterno. Em vez de mansidão, exprime a revolta. E, no entanto, chorei quando a recebí. Nunca me vieram às mãos palavras com tantos erros e com tanta alma. Jamais me chegaram aos ouvidos gritos mais terrìvelmente humanos, protesto mais veemente e mais trágico, soluço em que melhor se misturassem a dôr e a raiva, o arrependimento e a indignação. Nunca, em suma, tive diante de mim, em carta mais triste, Maria, alma de mulher mais sublime e desgraçada.

A sua carta não me vem de um convento, de uma oficina, de um sanatório, de um lar. Vem de um lugar que o mundo amaldiçoa, de um monturo vivo que todos condenam e ninguém destrói, de um esgôto, diante do qual os homens tapam o nariz durante o dia e escancaram a bolsa, durante a noite: você me escreve de um prostíbulo! Para fazer a sua carta, foi você à venda da esquina, adquiriu uma fôlha de papel ordinário,

e, com os garranchos mais eloquentes que já foram traçados com tinta negra, e na ortografia mais arbitrária que já se inventou na terra, escreveu a sentença mais fulminante que já se lavrou, neste país, contra todos os homens do mundo. "Sou uma prostituta analfabeta", — exclama você. E sabe você, Maria, o que significam essas palavras, precedendo aquelas em que você me atira ao rosto, como um representante da sociedade, as exprobrações horríveis que ela merece? Sabe você o que contém, naqueles dois vocábulos que lhe definem a condição, de acusação, formidável e candente, a um estado social? "Prostituta e analfabeta"... Que libelo monstruoso, Maria, nesses dois substantivos! "O senhor fala da sociedade, mas a minha rua está cheia de meretrizes, de desgraçadas morrendo de fome e se gastando de doenças", — escreve você. E fulmina: "Eu não estou aquí porque quero, nem as outras infelizes. E quem nos sustenta são os homens da sociedade... Cadê emprêgo para quem quer trabalhar honrada? Cadê remédio para se tomar quando está doente? A mulher e a filha do pobre só arranjam alguma cousa se prostituindo. Por isso a rua está cheia delas. E só eu sei o que choro de noite quando me lembro de mim"...

Eu não sei, Maria, se você é preta, cabocla, branca ou mulata. Sei que você assu-

miu, na minha imaginação compadecida e revoltada, a feição de um Ezequiel novo, aquele que comia estrume nos monturos de Jerusalém, e lançava ao povo, pela bôca imunda, verdades resplandescentes de sol. Do fundo do abismo, vê você, lá em cima, a ribanceira por onde rolou. Mas você tem nojo de si mesma, tem horror a si mesma, e quer, para vingar-se de si própria, afundar-se cada vez mais no opróbrio e na lama. E, na sua revolta, você odeia os homens, Maria. "Um homem é incapaz de compreender uma mulher; se êle compreendesse teria pena e não haveria tanta desgraça no mundo", — grita você. E eu não encontro, Maria, resposta para lhe dar. Quem tirou você da companhia do seu marido, ou da casa do seu pai? Um homem. E outros homens seguraram você pelos cabelos, e arrastaram você por todas as ruas da Baía, até que, satisfeitos, abandonaram você no lameiro em que se debate, e foram procurar outras vítimas nos lares, nas fábricas, nas oficinas de costura, nos balcões das casas de comércio, caçando-as, com promessas, para a escravidão mais abjeta, como outrora se caçavam os negros nos areais africanos. E você, por tudo isso, Maria Cerqueira, odeia o homem, abomina o homem, tem nojo do homem e tem ímpetos de estrangular o homem, e cuspir-lhe no rosto convulsionado quando você

lhe vende o seu corpo, cansado e enfêrmo, para poder comprar o seu pão!...

A indignação que lhe envenena a alma não é, todavia, apenas sua, mas de todas as suas irmãs desgraçadas. Se você viu, algum dia, no cinema, a *"Ressurreição"*, de um russo chamado Tolstoi, deve ter observado o nojo com que aquela rapariga seduzida por um estudante, que mais tarde seria um príncipe ilustre, recusa a salvação que êle lhe oferece, e ri-se, bêbada, no rosto dêle, quando êle lhe fala do arrependimento que o assalta ao vê-la tão baixo na vida. E se você não fosse analfabeta, Maria, eu lhe mandaria, agora, um romance, também russo, de um sujeito chamado Kuprine, no qual uma rapariga desgraçada numa casa rica em que servia, e expulsa depois de grávida, vai para um prostíbulo, e vinga-se, mandando à sociedade aristocrática de Moscou, às esposas honestas, por intermédio dos maridos, todas as podridões do sangue recolhidas na profissão.

A sua história é a mesma dessas infelizes. Debalde é, porém, que vocês gritam nas fogueiras do Inferno, avisando as que não caíram na tentação. A sua rua manda diàriamente uma meretriz para o hospital. Outra aparece logo para lhe tomar o lugar. Os homens, com a sua maldade, e as mulheres com a sua cegueira, não deixarão, ja-

mais, de fornecer desgraçadas para a mesma abominação.

Eu queria, nesta resposta, abordar os dois problemas contidos nas duas palavras em que você identifica a sua condição: "prostituta e analfabeta". Sinto-me, porém, atordoado. E como lhe não posso responder como queria e devia, peço-lhe, com o melhor do meu coração:

— Perdôe-nos a todos, Maria! O homem é vil e infame, e a mulher não encontra, em si mesma, fôrça com que se defenda. Somos todos, vocês e nós, lama do charco! E a lama do charco, Maria, só tem um consôlo: refletir à noite, na hora da quietação e do silêncio, as estrêlas do céu...

Mas, você, Maria, do seu abismo, ainda estará vendo, lá em cima, as estrêlas?

XIII

CARMEN CINIRA

I

A morte da libélula

HÁ oito ou nove anos, ao entrar na Academia para a nossa honrada sessão das quintas-feiras, encontrei o átrio rumoroso e festivo. Não havia música. Não havia flores. Mas havia mais do que isso, porque o sonorizavam e coloriam as alegrias da mocidade. Mulheres lindas, e poetas. Achavam-se, em suma, em visita à casa austera das letras, quatro ou cinco poetisas e declamadoras, que haviam sido recebidas à porta, em algazarra fraterna, por Olegário Mariano, Adelmar Tavares e Luiz Carlos, autores, no Brasil, dos mais belos versos líricos daquele tempo. À minha passagem de prosador desconfiado e soturno, Olegário me deteve, ruidoso e gentil:

— Vem cá... Eu quero apresentar-te uma pessoa que te admira muito...

Chamou:

— Cinira... Vem cá!

Era uma linda moça, quasi menina. Morena, grandes e profundos olhos turcos, de veludo negro, trazia nos traços e, nessa

tarde, no vestuário, todos os atributos de uma jovem princesa oriental. Um gorro da côr dos olhos, pôsto garridamente de lado sôbre a cabeleira farta e escura, completava-lhe a graça boêmia, de cigana adolescente. Uma alegria estouvada de canário sôlto, assinalava-lhe os gestos, e lhe gorjeava no sorriso, que lhe vinha da bôca fresca, e do marfim dos dentes miúdos. Toda ela era, enfim, graça infantil e atordoada, de borboleta que acaba de sair da crisálida e penetra num rosal, tonta de sol, e em luta com o vento em manhã de primavera.

Carmen Cinira acabava de celebrar, parece, as suas núpcias com a liberdade, e sentia toda a volúpia da vida, vendo-se moça, inteligente, e formosa. E essa impressão contribuiu para que eu lhe apertasse a mão enluvada sem uma palavra de louvor, sem os gabos a que, de certo, se acostumara e que, efetivamente, merecia, pelos encantos da sua figura. Quando os homens começam a entrar na velhice, não compreendem mais as vozes da mocidade. Foi assim, calado, que atravessei o vestíbulo tumultuoso, deixando-o entregue às mulheres e aos poetas, que têm, na terra, o dom da juventude perpétua.

Tempos depois, vim a saber que a linda moça de olhos turcos que eu vira à entrada da Academia era casada, e que se havia separado do espôso para dar maior liberdade

ao coração e ao pensamento. Era uma das inumeráveis libélulas da sociedade moderna, que se não conformam com o ritmo da vida antiga, e querem beber, de asas livres, todo o ouro do sol e todo o perfume da terra. Havia lido os romancistas e os poetas. E o lar lhe parecera pequeno. Ideara a felicidade descrita nos livros e, como não a encontrara na quietude da casa modesta, e na intimidade do homem escolhido, correra para a planície, procurando reter entre as mãos a sombra da nuvem que passa no céu. Ignorava ela, como centenas de outras ignoram hoje, e milhares ignorarão amanhã, que a mulher é frágil, demais, para afrontar, sòzinha, as tempestades da vida, e que se faz mister a cada uma um preparo antecipado, para não naufragar no oceano.

Em um estudo publicado em 1931 registrava o escritor comunista Fédor Gladkov um fenômeno observado na Rússia soviética, entre os mineiros dos Urais. Não possuindo maquinismos com que retirasse das minas o carvão nelas acumulado, empregava o govêrno, para isso, o braço humano. Abertas em sentido horizontal, as galerias apresentavam, às vezes, inclinações consideráveis. E os homens, com o cêsto à cabeça, viam-se na contingência de subir, às vezes, dois quilômetros de ladeiras subterrâneas para trazer à bôca da mina a sua carga de combustível. Os mineiros antigos,

embora mais vigorosos, não resistiam jamais a trabalho tão fatigante. Os adolescentes, porém, levavam a têrmo o sacrifício. Como não tinham conhecido as facilidades antigas não podiam estabelecer o confronto, e realizavam sem queixa a tarefa moderna. Os outros, no entanto, sucumbiam, porque haviam vivido em tempo melhor... Com a mulher tem sucedido o mesmo na sociedade contemporânea. As moças que se vêm criando em liberdade, olhando a vida face a face desde as primeiras horas da adolescência, sentem-se à vontade no ambiente tumultuoso que o mundo agora oferece. Vendo-as alegres, e felizes à sua maneira, as mulheres procedentes da sociedade que precedeu à Grande Guerra imaginam que poderão viver com a mesma facilidade. Esquecem-se que os seus pulmões foram formados com capacidade para outro clima. Olvidam que elas são peixes de outra água. E deixam o lar. E dissolvem a família. E vão tombar, lá fora, vencidas, sob os pés da multidão nova, que passa cantando... Vão em busca da felicidade, abandonando o único lugar em que ainda podiam encontrá-la.

Carmen Cinira era moça, mas procedia, parece, de família burguesa, e recatada, que a educara para a intimidade do lar, sem ambições de glória nem sonhos de liberdade... E pagou à vida, e ao mundo, o imposto que lhes devia. Não tendo tido seguimento entre nós o conhecimento estabelecido por essa apresentação, não nos cumprimentámos, sequer, durante três anos. Eu lhe parecera, talvez, orgulhoso demais, como pareço a alguns com a minha timidez, ou estúpido demais, como pareço aos restantes, pela minha taciturnidade. Até que, um dia, fomos apresentados de novo, na livraria Freitas Bastos. Conversámos. A moça que eu vira não era, porém, a mesma. As rosas da face, naturais outrora, eram agora de papel. Havia alguma cousa de desânimo, de desencanto, na sua pessoa e nas suas palavras. O sorriso tornara-se, nos lábios, que o "rouge" coloria, forçado e triste. E outra vez nos separámos.

Até que há um ano, nos falámos pela terceira e última vez. Foi, ainda, na livraria. Nova apresentação. Mas a menina de há oito ou nove anos havia, nela, desaparecido. Aquela alma, agora em abandono, me despertou simpatia, me causou pena. Eu não nascí para amigo dos felizes, mas para confidente dos desgraçados. E foi quando Carmen Cinira descobriu que eu tinha uma alma, e eu compreendí que ela possuía um coração. Palestrámos dez ou quinze minutos. A sua existência, que fôra um roseiral, era, agora, um deserto. Uma desilusão profunda e irremediável devastava-lhe as profundidades do ser. A tuberculose minara-lhe os pulmões, envelhecendo-lhe o corpo

jovem. Considerava-se traída pela Vida. E tinha rugidos de revolta contra si mesma, rugidos de leoazinha ferida, cujas garras não faziam mal a ninguém.

Há dias, noticiaram os jornais, em linhas ligeiras, a morte da poetisa Carmen Cinira. Duas ou três pequeninas crônicas vieram depois. E nada mais. Eu quero, porém, deixar-lhe aquí, por minha vez, estas palavras de respeito, de pena e de saudade. E deixo-as não como lisonja a ela que está morta, mas como lição às almas como a sua, que ainda se debatem no mundo.

O vento da primavera, arrebatou a libélula, e partiu-lhe as asas coloridas e franzinas no espinho das roseiras agrestes. E a jóia voejante caiu morta.

Chorem-na as rosas, de que ela foi um pouco, vida breve e atormentada, a companheira e a irmã.

II

Uma flor sôbre um túmulo

— Felizes os mortos que, uma semana depois de sepultados, ainda têm amigos na terra! — foi a exclamação que me veio à bôca, e nela permaneceu amortalhada em silêncio, há quatro dias, ao receber meia dúzia de cartas analisando a crônica ligeira, aquí publicada, sôbre Carmen Cinira.

A linda e jovem poetisa possuía, na verdade, amigas numerosas, e dedicadas. E foram elas que correram a retificar, amàvelmente, alguns dos traços biográficos da sua desventurada companheira, e a oferecer informações outras sôbre a sua vida e a sua morte, mais interessantes, na realidade, uma e outra, do que a mim me pareciam.

Uma das retificações, versava sôbre o estado civil da morta. Carmen Cinira não era, como me haviam informado, divorciada, mas viúva, desde o segundo ano de casamento. O espôso, um atleta, notável jogador de futebol, morrera tuberculoso quando contava ainda, e apenas, vinte anos. Moça e bonita, seu coração bateu, com certeza, novamente, como o pássaro que tombou da altura, quebrou as asas e ensaia inùtilmente o vôo. Os seus olhos diziam, porém, já, aos homens experientes, o mal que lhe devorava os pulmões. E é de imaginar o que seria o seu tormento, a sua agonia moral, vendo estampada em todas as fisionomias o santo horror da sua intimidade. O seu beijo devia ser um fruto maravilhoso, com todo o gôsto de pomo fresco. Mas êsse fruto, de sabor incomparável, trazia, na polpa, o veneno fatal. Dentro dêle estava a morte. À semelhança de Helena, filha de Tíndaro, que, por onde ia, levava a destrui-

ção, ela sentia, talvez, que não podia amar, porque o seu amor lavraria, contra aquele a quem ela o consagrasse, a sentença irremediável. O seu carinho, leve como uma pluma, teria, se ela o dedicasse a alguém, o pêso de uma condenação.

Já alguém imaginou, na verdade, o que seja o tormento moral de uma linda mulher tuberculosa? Já alguém calculou a tragédia de conciência da criatura moça que, não querendo sufocar no coração a chama do seu desejo, sabe que vai pagar com a semente da morte aquele que lhe trouxer a semente da vida? Carmen Cinira, viúva aos vinte anos, enfermeira devotada do espôso tísico, sentiu que se achava condenada à morte na plena glória da juventude. E voltou-se, de repente, para a outra vida. Dedicando-se ao espiritismo, procurou, nele, a consolação, o confôrto. Caminhou para o túmulo, dizem-me os seus íntimos, quasi feliz, e com uma grande doçura de coração. Dois meses antes de falecer era, já, e apenas, a sombra do que fôra. Levada para São José dos Campos, em São Paulo, quis vir morrer na sua cidade natal, junto dos que lhe eram afeiçoados. Raro era, já, o dia em que uma papoula de sangue lhe não vinha desabotoar nos lábios pálidos, apressando o têrmo inevitável daquela vida. Na véspera da morte, pediu papel, e um lapis, e escreveu, então, êste soneto, em que exprimiu toda a fôrça da sua fé e da sua resignação:

V I D A

Vida, que és boa para tanta gente,
E a tanta gente embriagas de prazer:
Para mim foste má, foste inclemente,
E deixaste-me exhausta de sofrer!

Quando, às vezes, recordo, tristemente,
As agonias do meu pobre ser,
Tu me causas pavor... De tão descrente,
Alegro-me, ao pensar que vou morrer!...

Caiba ao Destino a culpa de ter sido
A minha mocidade um só gemido;
Mas, sei que o meu faminto coração,

Na morte, que, bem sinto, virá breve,
Há de achar o carinho, que não teve,
E a paz, que tanto mendigou em vão!...

A sua alma havia-se tornado, de há muito, profundamente religiosa. Para esquecer os sofrimentos que a Vida lhe oferecia no seu cálice, elevava-se até aos pés do seu Deus, e a êle se entregava neste

C R E D O

Creio em Deus, que gerou, sob a magnificência
De um mistério estupendo, a terra e o mar profundo;

Creio em Deus, que revela a singular essência
Na perfeição da flor, nas grandezas do mundo.

Creio em Deus, que retrata a enorme sapiência
Nas leis universais, na luz do sol fecundo;
Creio em Deus, que demonstra a sua onipotência
Na fé que purifica e alenta o moribundo...

Deus, que fez o perfume, as flores, a amplidão,
Desde o céu constelado à relva de veludo;
Deus, que o morto levanta, e é carinho e perdão...

Deus, o fanal do Bem, que chama o pecador,
Que fez a criatura e que, acima de tudo,
Fez a música, o sonho, e os milagres do amor!

No dia da morte, quis manifestar os seus últimos desejos na terra. Chamou a velha mãe, e disse-lhe tranquilamente:

— A morte não tarda... Quando ela chegar, não quero mortalha fúnebre... Vistam-me um dos meus vestidos brancos... Se não encontrarem envolvam-me num lençol... O meu caixão deve ser pobre, de terceira classe... Não desejo lágrimas, nem missas, nem orações... Quero, apenas, que, os que me quiserem bem, se concentrem, e pensem em mim...

Horas depois, tendo peorado, pediu que mandassem chamar as suas irmãs. Despediu-se delas, serenamente, com palavras de consôlo e resignação. Estava certa de que

o espírito de seu pai, falecido há muitos anos, viria ao encontro do seu. De súbito, empalideceu mais. Todos sentiram, em tôrno, que era a morte que chegava. Os lábios da moribunda descerraram-se, porém, e ela exclamou, numa voz em que havia qualquer cousa de intenso júbilo:

— Meu pai chegou... Eu o estou vendo... Eu o estou vendo...

E quasi num arrebatamento:

— A vida é um cárcere... A morte é a liberdade!...

Uma pequena rosa de sangue veio-lhe, mais uma vez, à bôca miúda. Os presentes ajoelharam-se. Estava morta.

*
* *

O obscuro homem de letras que escreve, hoje, esta nova crônica sôbre a jovem e formosa poetisa que tanto sofreu, não a seguiu jamais, quando ela parecia feliz. Não foi do seu séquito. Não era da sua amizade. A missão dêsse escritor, na terra, é, porém, confortar os tristes e enfeitar a sepultura dos mortos.

Recebe, pois, ainda, Carmen Cinira, estas palavras de saudade e reparação. Elas são o pólen da flor que êle vem depositar, comovido, sôbre a húmida areia do teu túmulo.

XIV

O CÓDIGO E O PROBLEMA DO AMOR

A Companhia de Comédias, Dramas, Farças e Tragédias de que é empresário o Destino, fez representar, anteontem, no Rio de Janeiro, com algumas variações no enrêdo e no desempenho, uma peça de Henry Bataille. Intitulava-se, no original francês, representado pela primeira vez em 1919, *La vierge folle*. E na edição brasileira, e popular de 1933, *Os romances que o Destino traça,* denominação que lhe deu uma fôlha vespertina. Diana de Charance chama-se, aquí, Rosalina de Azevedo Ferreira. Marcelo Armaury, que era "batonnier" em França, transforma-se em empregado do comércio, e assina-se José Manuel Vaz. Os duques de Charance tornaram-se burgueses, e são, no Brasil, o casal Azevedo Ferreira. Convidado para desempenhar o papel de abade Roux, o juiz Melo Matos excusou-se. Mas a peça foi levada mesmo sem êle, pondo em relêvo todo o seu mundo de doutrinas, de problemas e de emoções.

Em Bataille, o grande advogado Armaury, que é casado, e Diana, que é soltei-

ra, jovem e pura, amam-se. Descoberto pelos pais desta, os duques de Charance, o segrêdo dêsse amor de legalização impossível, é a moça intimada a estrangular no coração êsse afeto que a sociedade consideraria criminoso. Ela resiste, e os namorados abandonam París, refugiando-se em Londres. Feridos no seu orgulho de velhos fidalgos, o duque de Charance e o seu descendente masculino, Gastão de Charance, atravessam a Mancha, em busca da filha e irmã. A violência determinará o escândalo. E é preciso que tudo se realize em silêncio. Para isso, levam êles, nessa viagem, afim de ser utilizado como intermediário na reconquista da ovelha desgarrada, o abade Roux, confessor da duquesa de Charance, sacerdote eloquente e amigo tradicional da família. E dá-se o encontro entre o homem da religião e o homem da lei; entre o advogado famoso, de poderosa dialética, e o prègador ilustre, senhor, igualmente, da lógica e do sofisma; entre, finalmente, o homem que fala em nome da sociedade e dos princípios e o homem que fala em nome da mocidade e do amor. Defrontam-se os dois. Batem-se com o florete da palavra. E o drama prossegue até se transformar em tragédia, que não convém recordar para que o outro não venha a ter, por efeito de imitação, o mesmo desfecho vermelho... No episódio carioca, Rosalina, forçada pela família a olvidar o homem a quem ama, porque não pode ser sua espôsa legal na forma do Código, abandona a casa paterna e vai, levada pela mão do namorado, refugiar-se na residência de um casal honesto, gente da sua intimidade e do seu sangue. Os pais procuram-na. Queixam-se à Polícia. A senhora que asilara a fugitiva, põe-na à porta, para que regresse à companhia da família. Rosalina ergue, então, a sua formosa cabeça brasileira de dezoito anos, e, serena, altiva, com a coragem na palavra e o desassombro no coração, encaminha-se para a Delegacia e diz à autoridade:

— Aquí estou. Que deseja de mim a lei? O homem a quem amo é casado, e desquitado. Não nos podemos casar por culpa dos Códigos. Amá-lo-ei sempre. Se a lei me considera menor, tome conta de mim: aguardarei a maioridade para voltar à companhia do noivo que meu coração escolheu, e iremos casar em um país em que os Códigos sejam mais generosos. Não voltarei, porém, para a casa dos meus pais. Se a isso me obrigarem, fugirei novamente.

A autoridade policial pede a audiência do Juiz de Menores. Êste opina que, pela legislação em vigor, não se trata mais de menor. E lava as mãos, como Pilatos. Aconteça o que Deus quiser.

E é quando vem à lembrança, o diálogo do abade Roux e do "batonnier" Armaury.

— Senhor, — diz o sacerdote, — eu estou aquí em nome de um velho pai acabrunhado, e de uma velha mãe mergulhada na dôr, que desejam rehaver sua filha, a quem amam acima de tudo na vida.

— Êsse pai e essa mãe se iludem supondo que amam a filha, — respondeu-lhe o advogado. — O que os move é o amor-próprio. E êles querem sacrificar a êsse amor-próprio, a êsse orgulho, a êsse egoísmo, a sua filha, cuja felicidade está em seguir o homem a quem ama.

— Eu falo, senhor, em nome da sociedade, e em nome dos Códigos! — torna o abade.

E Armaury:

— Eu viví debruçado sôbre os Códigos e posso dizer-vos que a sociedade e os Códigos não encontraram solução para o problema do amor...

XV

CONSTÂNCIO ALVES

— HUMBERTO?... Quem fala é Coelho Neto... O Adelmar pediu-me que te comunicasse a morte de Constâncio Alves... O Constâncio faleceu hoje, de repente...

Mais tarde era Felix Pacheco que me dava a mesma notícia:

— Já soubeste? Morreu o nosso Constâncio... Estava lendo, quando se ergueu, deu alguns passos e caíu a um canto da sala... Quando a Assistência chegou já o encontrou morto...

Foi assim que soube, ontem pela manhã, do falecimento de Constâncio Alves. E logo o reví, com os olhos da imaginação, como o via às vezes na rua, e o encontrava todas as quintas-feiras invariàvelmente, em nossas reuniões da Academia: pequeno, trajando o seu antiquíssimo e surradíssimo fraque preto, um maço de jornais amarrotados debaixo do braço, as costas ligeiramente curvas, o pescoço estendido para diante como o das tartarugas que espreitam, a marchar lentamente, arrastando imperceptìvelmente os pés, sem fazer o mais ligeiro ruí-

do, como as sombras que se estampam nos muros. Completamente surdo, trazia os olhos à flor do rosto, arregalados, como se quisesse ver os rumores na imensa treva do silêncio circunjacente. A cabeça pequena, em que o cabelo levemente grisalho, e duro, que ignorava o pente, vinha estender um beiral no meio da testa, era como uma obra d'arte do desleixo humano. Sôbre a bôca de sapo esmagado, o bigode chinês caindo murcho como enfeite desencantado do rosto redondo e miúdo, retalhado de rugas. E, na rua, como complemento de tudo isso, o chapéu côco raramente visitado pela escôva, e o guarda-chuva de cabo torcido, molemente pendurado no braço. Um pequeno boneco, em suma, com um resto de corda para um resto de marcha, e que deslisava encostado às paredes, como se fugisse, intimidado, à pressa furiosa da cidade.

Dentro dêsse boneco, porém, quanta vida, e quanta ironia maliciosa!... Espírito agudo, e ágil, um dos mais brilhantes e curiosos da sua geração, êle era como um cofre de ferro hermèticamente fechado, mas que tivesse no interior uma caixa de música. Ao passar pelo cofre grotesco, ninguém diria o tesouro que êle guardava. Sob a sua inexpressiva crosta metálica, era, entretanto, todo êle, harmonia e sonoridade.

Constâncio Alves havia se tornado, na verdade, um dos espíritos mais claros e harmoniosos da Academia. A sua prosa era lépida e limpa, e toda enfeitada de ironias miúdas, à semelhança dêsses regatos que correm na sombra sem barulho, e se vão na viagem, salpicando de flores, cada uma das quais é defendida por um espinho. Desinteressado da glória, amava a literatura mais nos outros do que em si próprio: amava-a para ler, para saciar a fome elegante da inteligência, e não para escrever, para transmitir o seu pensamento aos outros. E tanto assim que, tendo escrito semanalmente um artigo durante quasi cincoenta anos, só organizou com êles um pequeno volume, e isso mesmo por uma exigência dos estatutos da Academia quando os amigos o arrastaram até às portas daquela casa. Da floresta que plantou durante meio século cortou apenas alguns ramos para um pequeno feixe, e êsse mesmo para o fogo votivo do altar da Amizade, cultuando figuras ilustres e queridas.

Porque, uma das virtudes capitais de Constâncio Alves consistia em admirar. Êle próprio, aliás, definiu essa inclinação amável do seu caráter em um episódio que nunca mais se me apagou da lembrança.

— Achava-me eu, certa vez, na Baía, em um domingo de Carnaval, — contava êle, — quando vi, em uma das praças, um mascarado, que fazia rir algumas pessoas que dêle se aproximavam. Desvanecido com

o sucesso, o mascarado pulava, assobiava, corria, dizia cousas picarescas. Nisto, ouviu-se, vindo da rua próxima, o barulho dos tambores, dos pandeiros, dos pratos e das trombetas de um préstito rico. Todo o povo, abandonando o mascarado local, correu a ver as fantasias luxuosas do cortejo. O próprio mascarado, esquecendo a sua condição de ator daquela comédia, correu com a multidão. E, calado, boquiaberto, os olhos esbugalhados por baixo da máscara, deixou-se ficar embasbacado, olhando o préstito que passava.

E explicando o caso:

— Eu sou êsse mascarado. Fiz rir a gente do meu bairro e do meu tempo. Hoje, esquecido de mim mesmo, limito-me a admirar o cortejo que passa...

Era essa, ùltimamente, a sua preocupação. Sentia-se morto, dentro da vida. Tinham passado os companheiros. Tinha desaparecido a sua geração. Os tempos eram outros, outros os homens, outros os gostos. E, por isso, arrastava-se em silêncio, pelas ruas, encostado às paredes, para não perturbar a marcha dos transeúntes apressados.

E tão modesto e escrupuloso se tornara, que morreu de repente, e sòzinho, num canto da sala, para não incomodar ninguém...

XVI

"A ETERNA IMPRUDÊNCIA"

QUANDO o pai, o Raimundo Preto, lhe morreu, caindo de um andaime do terceiro andar em que trabalhava como pedreiro, o Ezequiel não havia completado, ainda, oito anos. Raimundo Preto estivera dois dias com febre e constipação, em casa, quando teve mêdo de ser dispensado pelo patrão, e voltou ao trabalho. De repente sentiu uma tonteira, e procurou amparar-se. O braço encontrou apenas o vácuo, e êle se despenhou lá do alto, vindo bater com a espinha nas tábuas do andaime do segundo andar. Quando o corpo chegou ao solo, um filete de sangue lhe escorreu da bôca, fazendo uma pequena poça no barro húmido espapaçado no chão. No dia seguinte, saía do necrotério, para ser sepultado como indigente.

Durante um mês, a Maria Rosa chorou o marido, à noite, em silêncio. De dia procurava emprêgo, inùtilmente. Não tinha onde deixar o filho pequeno, e ninguém queria criada que se fizesse acompanhar de criança. No fim do mês, não pôde pagar o aluguel da casinha de taipa em que mora-

va, nas proximidades da estação de Todos-os-Santos. Foi quando encontrou o Honorato, graxeiro da Central do Brasil, que lhe propôs viverem juntos. E aceitou.

O Ezequiel era, então, um mulatinho miúdo e amarelo, de olhos redondos em que as pupilas escuras quasi desapareciam no branco da esclerótica, e apresentando na miséria do físico todos os estigmas das crianças da classe operária que vivem nos subúrbios do Rio de Janeiro. Alimentado, durante anos seguidos, ùnicamente com feijão, farinha e arroz, que um pedaço de carne longìnquamente temperava, o seu organismo desenvolvia-se sem vitaminas, num espetáculo de debilidade e de fadiga que a sua vontade não conseguia vencer. Criou-se, entretanto, fez-se pedreiro, numa espécie de homenagem ao obscuro trabalhador que o pusera no mundo. Aos dezoito anos, quando conseguiu o primeiro salário de servente, a mãe deixou o sétimo ou oitavo companheiro de emergência, e êle passou a manter a casa. A velha morreu, porém. E como cada homem, na sua opinião, tinha por dever, na terra, sustentar pelo menos uma mulher, o Ezequiel foi à procura de uma, e casou-se. E começou a lançar ao mundo filhos tão fracos, tristes e doentes como o pai.

O seu destino de operário em construções não era diverso daquele que tivera Raimundo Preto. Levantava-se às quatro horas da manhã e tomava, para a cidade, o trem das cinco ou das cinco e meia, conforme o bairro em que estivesse trabalhando, em Santa Teresa ou em Copacabana, em São Cristóvão ou no Leme. Quando vinha, trazia, porém, já, em uma pequena lata de manteiga ou de azeitona, o almôço magro, constituído, geralmente, pelo resto do arroz e do feijão do jantar, a que a mulher juntava um pedaço de carne assada na véspera. As botas que calçava, pesadas e grossas, estavam permanentemente encharcadas. E, quando chovia, e se molhava em caminho, era com essa roupa molhada que regressava à tarde, após haver passado o dia inteiro metido na roupa húmida, e empapada de barro, com que sobrepunha tijolos ou rebocava paredes, levantando bangalôs elegantes ou vastos arranha-céus de vinte andares. Mas, também, que alegria a sua, quando, terminada a obra, a via, graciosa ou gigantesca, entregue ao proprietário! Com que orgulho a mirava, contente, após a retirada dos andaimes, pelos quais se movera durante meses, pondo um pouco da sua alma na volúpia com que ligava o cimento ou no cuidado com que fixava o ladrilho! A colher com que alisava o barro possuía a sensibilidade humana dos seus dedos, e corria por êle como se acariciasse lentamente, sensualmente, um corpo de mulher ardente

e moça. Daí a afeição que o prendia às casas que havia ajudado a construir. Aos domingos, vinha para a cidade, e percorria diversos bairros, afim de contemplar cada uma, a ver como iam, e a sofrer quando as achava com a pintura descorada ou sem trato, com a mágoa de um pai que vai visitar a filha casada e a encontra enfêrma ou brutalizada pelo genro. Certa vez, encantado com um palacete em cuja construção trabalhara em Ipanema, consumira três domingos seguidos, a manhã inteira a contemplá-lo, comovido, e feliz, como um noivo idoso que fita a noiva adolescente, ou como um pai que mira o primeiro filho. O morador do palacete estranhou a presença insistente daquele preto, e o modo por que olhava para a sua casa. Telefonou para a Polícia. E o Ezequiel passou todo o resto do domingo no xadrez da delegacia. Mesmo assim, não se emendou. No domingo seguinte, descia, de novo, do Sampaio, da casinhola de taipa em que morava para fiscalizar, com ciúme paterno, os arranha-céus, os bangalôs e os palacetes alheios.

Trabalhando sempre na humidade e passando dias inteiros com a roupa molhada unida ao corpo, o Ezequiel estava, aos trinta anos, com as articulações enferrujadas pelo artritismo, e apunhalado de dôres que lhe arrancavam gemidos surdos e heróicos, de touro no momento da ferra. Aos

trinta e cinco, era com dificuldade que subia uma escada para trabalhar nos andaimes. Os remédios custavam, cada vidro, um dia de salário. E êle preferia um mês de sofrimento a ver, durante uma hora, um filho com fome. A dôr que mais dói num pai é aquela que lhe chega através da carne dos filhos.

A maior tortura do Ezequiel era, entretanto, o regresso para casa, à tarde, no trem dos subúrbios, da Central do Brasil. Se aos homens sadios e moços constituía uma luta a conquista de um lugar nos carros, a êle se tornava isso impossível. Empurrado, comprimido, atirado para frente contra a sua própria vontade, o mais que conseguia era, diàriamente, um lugar na plataforma, espremido, de pé entre soldados alegres e fortes e outros operários magros e amarelos, mas brincalhões naquele tumulto de carnes suadas. Outros havia, porém, que não conseguiam nem isso. Alguns viajavam agarrados por fora dos carros, segurando-se nas ferragens com os pés e as mãos. Outros iam em cima, na cobertura dos vagões. Às vezes, no cruzamento de dois trens, o ar deslocado levava o chapéu de um ou de outro, que não podia segurá-lo por estar agarrado ao carro apenas com uma das mãos, e com a outra ocupada pelas compras feitas ou pela pequena lata em que trouxera o almôço. Havia, então, gargalhadas, pilhérias,

assobios, que se multiplicavam pelos outros carros na celebração ruidosa do acontecimento insignificante.

— Tira a cabeça do caminho, senão vai também.

— Olha o teu miolo que foi dentro do chapéu, desgraçado!

— Segura o pescoço, banana! Fiau!...

Não raro, em lugar do chapéu, ia o dono. Mas o trem não parava. O "rabecão" da Polícia vinha buscar o morto para o necrotério. E a viagem continuava. E a vida também.

Conhecendo a pequena resistência das suas pernas, o Ezequiel não ia, jamais, pendurado no carro, pelo lado de fora. Preferia esperar um ou dois trens, até conseguir um lugar menos perigoso, na plataforma. Naquele dia, porém, parecia que todos os operários dos subúrbios se haviam combinado para deixar o serviço à mesma hora. Os trens partiam repletos, e a estação Pedro II permanecia cheia de gente cansada e barulhenta, aguardando condução. Uma operária gorda, que há duas horas tentava tomar um carro, vira-se de tal modo comprimida pela multidão que tivera criança alí mesmo, sendo socorrida pela Assistência Municipal. Com a roupa molhada no corpo, Ezequiel começou a sentir uns arrepios, como de febre. De repente, tonteou e teria caído, se o não amparassem. Anoitecia, e resolveu ir, de qualquer modo, no primeiro trem. Empregou para isso todos os esforços, empurrando os outros, comprimindo, fazendo o que os outros costumavam fazer. O mais, no entanto, que conseguiu foi a extremidade da plataforma de um carro de segunda classe, mas com um espaço tão reduzido que teve de apoiar o outro pé no carro seguinte. De súbito, a máquina uivou agudamente, e pôs-se em movimento. Ezequiel segurou-se com mais fôrça e começou a pensar:

— A vida é, na verdade, muito cheia de injustiças. Estes homens todos que vão aquí, trabalharam o dia inteiro para ganhar uma miséria. Almoçaram um pouco de feijão com um punhado de farinha. E para chegarem à casa, de regresso, têm que ir assim como eu vou. E ninguém se importa com isso... Eu ainda era menino, e já se falava em aumentar o número dos trens dos subúrbios à tarde e de manhã, na hora do pobre vir para o trabalho e voltar do trabalho. E no meu tempo é a mesma cousa que no tempo de meu pai...

O trem fizera uma curva, atirando-lhe por cima dois vizinhos. Ezequiel agarrou-se ainda mais nos dois ferros da plataforma. E continuou, consigo mesmo:

— Não é possível que pobre e rico sejam igualmente filhos de Deus. Uns são filhos, outros são enteados... Nenhum dos

que vão aquí como pingente, viaja assim por gôsto; mas todos vão rindo e brincando, para esquecer que são desgraçados.

Nesse momento, o trem fez uma curva. O carro deu um safanão violento, como um animal que desse um coice para libertar-se de alguém que lhe estivesse na garupa. Ezequiel tentou segurar-se. Mas foi tarde. Os dedos não se mostraram obedientes à sua vontade, e o seu corpo mergulhou entre os dois carros, desaparecendo imediatamente.

Vinte gritos partiram de vinte bôcas. Aquilo era, porém, um espetáculo de quasi todos os dias. O trem continuou, por isso, até à estação próxima, onde foram tomadas providências para remoção dos despojos.

No dia seguinte os jornais noticiavam, em três ou quatro linhas, uma nova morte nos trens da Central. Uma das notícias, a mais extensa, estava assim redigida:

> "A ETERNA IMPRUDÊNCIA
>
> — Mais uma horrível morte por imprudência verificou-se ontem em um dos trens da Central do Brasil. Não obstante as tristes ocorrências que testemunhava quasi todos os dias, o pedreiro Ezequiel Antônio dos Santos, brasileiro, casado, de côr parda, contando quarenta anos, não perdia o costume de viajar na plataforma do carro. Ontem, procurando o seu lugar preferido, sucedeu-lhe descuidar-se tombando na linha, perecendo esmagado. Ao que parece, Ezequiel se achava em estado de embriaguez, pois que fôra visto, pouco antes, a cambalear na estação Pedro II".

A viúva e os filhos de Ezequiel não tiveram conhecimento dessa notícia. Na tarde do outro dia vieram ao necrotério, na cidade, para ver sair o corpo do seu marido e pai. E no necrotério mesmo se separaram, a viúva para procurar emprêgo, as crianças para pedir esmola.

XVII

OS CÃES DA MEIA-NOITE

EU sempre me bati, resoluto e enérgico, por uma perseguição contínua, metódica, e rigorosa, ao cão de rua, vagabundo noturno, cuja espécie infesta a cidade depois que os homens se recolhem, e aparecem à porta, para lhes revelar o confôrto ou a miséria da vida, as latas de lixo. A lata de lixo é, na verdade, o resumo da vida diurna de cada família. E' ela quem diz, nas espinhas de peixe e nas cascas de ovos, os pratos que houve à mesa. E' ela quem informa se, lá dentro, na sala de jantar, se toma vinho ou cerveja, água mineral ou água da torneira. E' ela quem denuncia com os pedaços de jornal, as tendências políticas ou sociais do dono da casa, e, com as caixas vazias, os remédios que tomam, e, consequentemente, a saúde dos moradores do prédio. Cada lata de lixo é, em suma, a crônica doméstica de uma família, deixada à noite à porta da rua. E os cães notívagos remexem essas latas. Estão, por isso, ao corrente da vida humana, em todas as suas particularidades, decorrendo, daí, a necessidade de

perseguí-los, de exterminá-los, de levá-los, a todos, ao matadouro canino que a Prefeitura prudentemente mantém em São Cristóvão.

Uma dessas noites, à hora em que a cidade ressona, eu descí para o largo do Machado e sentei-me em um dos bancos de pedra, e sem encôsto, alí colocados para afugentar os que desejam um pouco de repouso para os membros fatigados. As palmeiras estavam quietas, e sonhavam, lá em cima, com a cantiga dos últimos bentevís e com a claridade das primeiras estrêlas. A tôrre da igreja, muito esguia, deixava adivinhar, no alto, a sombra do seu sino, que era, mudo e quieto àquela hora, como um pensamento parado. No centro da praça, no seu cavalo de pedra, velava, com os seus olhos de pedra, a estátua do Duque de Caxias.

Foi nesse momento que, em trote miúdo, penetrou no jardim da praça um cachorrinho brasileiro, magro e pelado, habitante dos morros, remexedor de latas de lixo e, por isso, ao corrente da vida de todo o mundo. Cheirou diversos postes, empurrou-os com a perna traseira para ver se estavam seguros, como se fosse inspetor dos serviços da Light, e, parando junto ao banco em que eu me sentara, cuja estabilidade igualmente examinou, perguntou-me como quem saíu de casa atrás de conversa:

— Está contemplando o general ou o cavalo?

Voltei-me, e aceitei o desafio para o diálogo. Para quem vive só, até palestra de cachorro serve.

— Nem a um nem a outro, — respondí-lhe.

O cachorro gostou da resposta, mais vazia que uma lata de casa de funcionário público no dia 29 do mês, e apoiando o traseiro no chão, sentou-se, como quem quer continuar.

— Pois olhe, êsse cavalo merece um poema.

— E' um bravo?

— Não, senhor. E' simplesmente "burro". Acompanha, aliás, a tradição de todo cavalo de guerra.

Mostrei, com o meu silêncio, não ter compreendido nada. E o meu interlocutor, depois de haver mordido nervosamente a cauda, perseguido por uma pulga ou um mosquito:

— O cavalo de guerra é o animal mais idiota de toda a Criação. Aí está, por exemplo, êsse. Entrou, dizem, em diversos combates. Expôs-se às balas, às espadas, à artilharia. O dono foi marquês, e duque, e ministro. E êle? Que lucrou êle com isso? Nem, sequer, lhe guardaram o nome! E' o "cavalo de Caxias", nada mais. E' apenas

o que seria se em vez de puxar um exército, tivesse puxado uma carroça: é o "cavalo" simplesmente.

Observei-lhe que os animais, geralmente, ilustram a espécie, e não o indivíduo. Mas o cão retrucou logo, animado!

— Não, senhor! Não, senhor! O cavalo que se mete em política, tem um nome. Um nome seu, individual. O que serve na guerra, não. Quer um exemplo? Como é o nome do cavalo de Napoleão? O senhor não sabe. Nem eu. Êsse pobre animal arriscou o couro centenas de vezes. E não é, na História, senão o "cavalo branco de Napoleão". Entretanto, o mundo inteiro sabe o nome do cavalo de Calígula. Sabe que se chamava "Incitatus". Por que? Porque, em vez de ser cavalo de guerra, foi ser senador. Em lugar de ir fazer as campanhas da Germânia ou da Armênia, foi ser político em Roma. Viu o senhor? O próprio amor, na sua expressão mais ridícula, empresta nome a um cavalo. Como se chamava o cavalo de Carlos XII? O senhor não sabe. Nem eu. Mas conhecemos o nome do de D. Quixote! "Rossinante" é um nome. Pertence à História. De onde se conclue que a Política e o Ridículo, são caminhos mais fáceis para a Glória do que a morte na Guerra.

Levantei-me. Aquele camarada estava se tornando inconveniente. Dei-lhe boa noite. E, dois minutos depois, era êle corrido a pedra pelo guarda-civil.

E' preciso acabar, evidentemente, com os cachorros da rua. Com essa história de meter o focinho nas latas em que há pedaços de jornais e fôlhas de livros, êles estão sabendo cousas demais.

XVIII

CARTA A UM NOIVO

MEU amigo. — Não nos conhecemos, não nos vimos nunca, e, provàvelmente, jamais nos veremos. E podemos, no entanto, nos dar êsse nome, porque você me vem escutar em silêncio amável, encostado a estas colunas, quando eu falo aos homens. Trata-me você dessa maneira porque me ouve a palavra. E eu lhe dou o mesmo tratamento porque você me pede um conselho. O conselho é o sêlo que identifica a amizade.

O assunto sôbre o qual me pede você uma opinião é, porém, tão grave e delicado, que eu me sinto em dificuldade para abordá-lo. Há, nele, uma flor. E alguma cousa que você tem diante dos olhos, e me pergunta, a mim, se é uma borboleta de asas puras ou um verme de baba repugnante. E' você, em suma, noivo de uma linda moça, filha única de um casal. O pai de sua noiva, relativamente novo, habituou a filha a uma afeição intensa, que se manifesta em carícias filiais que lhe parecem excessivas, e que se agravam, aos seus olhos, pelo conhecimento, que tem, da vida irregular do seu futuro sogro no domínio conjugal. Uma funda e

dolorosa suspeita revolve-se, como uma víbora, no âmago do seu coração. Não lhe passa, absolutamente, pelo espírito, a idéia de uma perversão conciente da sua noiva, mas de uma educação criminosamente orientada e mantida, e a que ela se submete contente e feliz, por viver, ainda, na ignorância dos grandes pecados. As suas tentativas têm sido inúteis no sentido de afastá-la dos riscos que, na sua opinião, oferecem aqueles excessos de afeição paternal. Os escrúpulos com que tem falado sôbre o assunto à sua noiva impedem-lhe, a ela, a compreensão da verdade. Um pouco mais de vivacidade e de franqueza determinaria o rompimento. E você pergunta-me:

— Que devo pensar dêste caso? Em tal situação, que devo fazer?

A matéria sôbre a qual você me consulta, reclama, da minha parte, um pouco de pluma nas mãos. O crime que lhe está menos na palavra do que no pensamento, é tão espantoso, que eu, não obstante os depoimentos da História, prefiro supô-lo uma das criações doentias da imaginação humana. Repugna-me acreditar que um pai, sendo efetivamente um pai, tenha um pensamento pecaminoso ao fazer uma carícia à sua filha. Conta Plutarco, na *Vida de Rômulo,* que os antigos romanos não possuíam, até o ano 652 da fundação da cidade, nenhuma disposição legal para punir o parricídio, e que foi um tal Lucius Ostius o primeiro a ser punido por êsse delito brutal. Foi nesse mesmo século que, igualmente, segundo se lê em uma nota de Dusaulx à sua tradução de Juvenal, que se registrou o primeiro matricídio, com a punição de um certo Publicius Malleolus, que foi atirado ao Tigre, cosido em um saco de couro, juntamente com um macaco e uma serpente. A ausência de crimes daquela ordem antes do VII século da fundação de Roma não significa, todavia, que os filhos não tirassem a vida àqueles que lhes haviam dado a sua. Mais de um filho matou, até então, o seu pai. Isso parecia, porém, tão monstruoso e inconcebível, que, quando ocorria um dêsses crimes, os juízes preferiam contestar a paternidade, isto é, que o criminoso fosse filho da vítima, a admitir tamanha monstruosidade. E é com o mesmo horror que eu olho, meu amigo, as possibilidades daquilo que você não me quer dizer. Não! não é possível o que você supõe. Ou o homem que vai ser seu sogro não abraça e beija a noiva que você escolheu, aninhando no cérebro as víboras dos pensamentos cujas circunvoluções você lhe descobre nos olhos, ou êsse homem não é o pai da mulher a quem você ama. A idéia do incesto, mesmo mental, é de tal forma horrível e afrontosa à digni-

dade humana que você deve preferir, mil vezes, a possibilidade do adultério.

Respondida, assim, a primeira parte da sua consulta, e que era a mais melindrosa, examinemos a segunda. Pergunta-me você o que deve fazer em tão grave situação. E eu lhe respondo, simplesmente: retire-se tranquilamente da casa em que penetrou em busca da felicidade, porque esta não se encontra onde você a foi procurar. Um lar não deve ser assentado senão sôbre pedra lavrada e segura. E se desabam, hoje, com facilidade, até aqueles cujos alicerces não se acham minados por uma suspeita, que resistência pode oferecer o seu, que se inicia tão gravemente abalado nos fundamentos? O seu amor é uma rosa que tem, já, entre as pétalas, o verme que deverá destruí-la. Verdadeira ou não, a infâmia cuja idéia lhe está no pensamento, a sua felicidade, se a encontrasse onde a procura, seria, sempre, cortada de inquietações. A afeição entre a sua noiva e o seu futuro sogro é, ao que me diz, intensa e absorvente, e explode em manifestações exageradas mesmo na sua presença. Não sei, nem suspeito, a sua idade. Qualquer que seja, todavia, o número de anos passados na terra, você não ignora que o amor conjugal é egoísta, e não admite concessão, seja a quem for, mesmo em nome da amizade, de carícias pelas quais êle se exprime. Seu sogro terá abertas as portas da casa em que for viver a filha. À hora em que êle chegar, você verá fugir dos braços a sua mulher, que irá para os braços do pai, cujos direitos sôbre o seu coração, embora menos legítimos, são, contudo, mais antigos e profundos. Mesmo na sua casa, será você o segundo. E onde foi você buscar a ventura, encontrará, apenas, a tristeza e a decepção.

E' possível que se levante no seu coração, para evitar o rompimento que eu considero necessário e imprescindível, o pretêsto de não fazer sofrer a mulher a quem você ama. Dirá você, apoiado na tese sustentada por Henry Bataille, que é preciso sacrificar tudo aos direitos de um coração enamorado. Terá receio de, com o seu afastamento, ferir o coração de uma mulher inocente. Êsse não é, no entanto, o seu caso. Você não é esteio único, daquela vida, nem seu amor o alimento único daquele coração. Puro, ou não, o amor do seu pai está, para ela, acima de tudo. Perdido o seu, fica-lhe o dêle. Afastando-se, não deixará você, fique certo, grandes saudades na casa. Você será, apenas, o intruso que passou.

E' essa a minha opinião, franca, sincera, leal. Pelo quadro que você me descreve, a família a que pretende aliar-se é daquelas que, no terreno do sentimento, se bastam a si mesmas. Os que nela ingressarem, serão hóspedes, importunos. Não se meta,

portanto, lá. A não ser, está bem visto, que, num movimento heróico e imprevisto, sua noiva quebre os laços exageradamente estreitos que a prendem à casa em que nasceu, e deixe de ser, aos seus olhos, a filha do seu pai para ser, antes de tudo, e acima de tudo, a espôsa, a amiga, a companheira inseparável do seu marido.

Fora desta última possibilidade, aguarde, como inevitável, o desastre.

XIX

A TERCEIRA PRESIDÊNCIA IRIGOYEN

AO regressar de uma das suas visitas habituais, aos antiquários de París, escreveu Edmond de Goncourt, no seu *Journal*:

— "Eu vi, hoje, a Glória, em um estabelecimento de bric-à-brac: uma caveira, coroada de louros em gêsso dourado".

E' essa definição feliz, já utilizada, aliás, em um epigrama grego de Sinésio ou de Leônidas de Alexandria, que me vem repentinamente à memória ao ler, num telegrama de Buenos-Aires, a notícia das honras fúnebres que o govêrno argentino pretende prestar a Hipólito Irigoyen. Parado o coração do velho e soturno homem de Estado, começou a sua ressurreição. Diante do seu corpo, há três anos segregado, para segurança da ordem, num presídio da República ou nas câmaras dos navios de guerra, vão formar, agora, armas em funeral, as tropas que o depuseram. No Congresso Nacional, presidido pelo espírito revolucionário, que o derrubou, erguer-se-ão oradores, adversários de toda a vida, para, na morte,

sagrá-lo benemérito do regime. Por diante do seu caixão aberto desfilarão ministros e generais, homens do govêrno e homens do povo. A Nação inteira, enfim, com aplauso dos que hoje lhe retêm as rédeas, vai render o seu último preito de saudade ao homem estranho e enorme, cuja estatura, como a das árvores derrubadas, ela só pôde ou quis avaliar quando o viu estendido no chão. Foi ao tomar a medida do seu esquife que a Pátria viu que êle era grande.

Quem era, porém, êsse homem espantoso, a quem os adversários tratavam tão rigorosamente na vida, e diante de quem se ajoelham, agora, para glorificá-lo na morte? Como explicar os rigores do govêrno da República, dando a Irigoyen, quando vivo, tratamento como não haviam tido nem Washington Luiz nem Leguia, e consagrando-lhe, após a morte, homenagens como não as tiveram, jamais, em nenhum país moderno, os grandes chefes derrotados?

Irigoyen era, na verdade, o grande sacerdote de uma doutrina defeituosa, mas admirável de sinceridade na defesa dessa doutrina. Animado do mais puro ideal democrático, sonhou o seu grande sonho, e quis trazê-lo para a realidade. Não sabia êle que, em política, há idéias impraticáveis, e programas consagrados que não devem sair dos vagos domínios da ilusão. Ignorava, na sua ingenuidade generosa, que

a democracia é a mais antiga das superstições da humanidade, e que deve ser conservada, como o elixir de Cagliostro, não transformado em remédio, que mata o doente, mas em receita, que lhe conserva a esperança. Homem de govêrno em um regime que se dizia do govêrno do povo, procurou, efetivamente, no instituto do povo, a orientação do govêrno. Envolvido pela onda popular, perdeu a noção do lugar e do tempo. Desaparecidos aos seus olhos os panoramas do horizonte, marchava para a ruína, levando consigo a pátria, e não sabia que a estava aniquilando. E como era leal a si mesmo, e se conservava intransigente na sua ilusão, fazia-se mister impedir que êsse semi-deus tivesse os braços em liberdade, e voltasse a destruir, com êles, o edifício de que os homens práticos, e sem auréola, começavam a reconstrução.

Examinando bem o fenômeno do seu aparecimento, verificar-se-á, talvez, que Irigoyen não foi senão um precursor, talvez inoportuno, dos salvadores de povos que vão modificando, hoje, com a destruição da burguesia, a fisionomia política do Velho Mundo. Considerando-se um predestinado, não quis, como os que venceram na Europa depois dêle, transigir com as conveniências. Não lhe acudiu, evidentemente, ao espírito, o perigo de estabelecer um govêrno puramente popular em um país de imigração.

A intransigência com que se entregou à democratização de uma República oligárquica, e cuja prosperidade se havia elaborado à sombra de oligarquias aristocráticas e inteligentes, não lhe deixou perceber a fatalidade da reação, e que o espírito nacional se insurgiria contra a substituição das fronteiras geográficas pelas fronteiras de classe, que poriam em risco, mais cedo ou mais tarde, o regime e, talvez, a própria nacionalidade.

A nação argentina, detendo a ação dêsse homem de govêrno que lhe ameaçava a estrutura econômica e política, não esqueceu, todavia, as grandes qualidades que lhe eram ornamento do caráter. A sua probidade, sobretudo, tornara-se famosa, e jamais houve quem lha contestasse. Eu assistí, mesmo, em Buenos-Aires, nos últimos dias do govêrno Uriburu, à representação de uma revista, na qual Irigoyen aparecia vigilante na sua própria casa, onde sempre faltava algum objeto após um despacho com seus ministros. E, cada vez que descobria, na manga de um ou sob a aba do paletó de outro, um cinzeiro ou um livro, fazia-lhe, invariàvelmente, uma preleção sôbre as vantagens da honestidade.

Irigoyen vai ser, assim, amanhã, restabelecido no seu pôsto de presidente da Nação Argentina. Corpos do Exército e batalhões da Marinha desfilarão em continência. A artilharia troará, em terra e no rio de grandes águas. Bandeiras se curvarão em funeral. Ministros, almirantes e generais virão pôr-lhe uma flor aos pés. Mas Irigoyen, nesta sua terceira Presidência, não se moverá. A sua mão, fria. Os seus lábios, calados. A sua atitude, impassível.

Da sua nova cadeira de quatro tábuas, coberta de veludo negro, e enfeitada de galões dourados, só Deus, agora, o deporá.

XX

A LENDA DO DIAMANTE RÓSEO

"Possuindo um diamante róseo de alto valor, preciosa jóia de família, a Baronesa de Bonfim quis, no entardecer de sua formosa existência votada à caridade e à prática das demais virtudes cristãs, que o produto da venda dessa pedra raríssima tivesse o mais glorioso dos destinos: aplicou-o na aquisição do terreno em que se levanta o Sanatório de Nogueira, destinado ao tratamento de crianças tuberculosas. E é em benefício dessas crianças que a Cruzada Nacional Contra a Tuberculose realiza, hoje, a coleta da Flor do Ipê".

(De uma informação)

QUANDO, após o sétimo dia da Criação, Deus despertou do seu sono de operário e viu que tudo que havia feito era bom, ficou de tal modo contente que se atirou a fabricar, para pequeninos enfeites do mundo, as pedras preciosas. A ametista, fizera-a êle de uma violeta esmagada; o topázio, de um raio de sol; a turquesa, de um reflexo da lua; o ônix, de um pedaço da noite; a esmeralda, de uma fôlha de roseira; o berilo, de um pouco de mel; a safira, de um pingo da tinta do céu; a opala, com a

água do mar; quando Eva, no Éden, feriu o dedo no primeiro espinho brotado na terra, fez êle, com a gota de sangue, o primeiro rubí; e da primeira lágrima alegre dos seus olhos, o diamante. E espalhou tudo isso pela face da terra, para encanto dos dois únicos habitantes do Paraíso. Formando, assim, êsse tesouro colorido, desceu ao coração da primeira mulher, e, do seu primeiro sonho de amor inocente, fez um diamante róseo.

Um dia, porém, o Demônio venceu na luta contra o seu antigo Senhor e Deus, e tomou conta da Terra. As pedras preciosas, que estavam à superfície, tomou-as êle nas mãos de grandes unhas recurvas, e atirou-as ao leito dos rios, ao fundo das grotas, às cavidades mais secretas do solo, para que os homens, mais tarde, se odiassem, se hostilizassem, se destruíssem, descendo às profundezas do globo e varando o ventre virgem das montanhas, para se apossarem delas de novo. O diamante róseo era, porém, mais valioso que todas. E o Demônio, no ódio que lhe consumia a alma, pensou na sua destruição. Tomou, assim, a pedra divina. Inventando a bigorna, colocou sôbre ela o diamante maravilhoso. E suspendendo nas mãos enormes, o grande martelo com que forjara as portas de bronze do Inferno, fê-lo descer, num rugido, sôbre a pedra delicada. E esta, fragmentando-se, tornou-se

em mil estilhaços miúdos, que se espalharam pelo mundo.

O Demônio é grande no seu rancor, mas Deus é maior, ainda, na sua bondade. Aquela jóia, única em toda a terra, não poderia ser reconstituída. Mas os seus fragmentos deviam eternizar-se, e ter um destino ainda mais belo.

— Que nasça, no centro do Paraíso, uma árvore elegante e verde, e que levante para o céu os seus galhos alegres! — disse o Senhor.

E nasceu o ipê, a árvore graciosa e forte, das montanhas brasileiras.

— Que os estilhaços do diamante róseo se transformem em flores, e, amarelas e róseas, cubram os galhos da árvore gentil! — tornou Deus.

E assim apareceu na Terra, o ipê, a árvore mais nova do Brasil moço, balouçando a copa elegante, amiga de borboletas, noiva de insetos, namorada de pássaros, toda vestida de flores...

As flores dessa árvore vão ser vendidas hoje, no coração da cidade, por centenas de senhoras, em benefício das crianças tuberculosas do Sanatório de Nogueira, em Petrópolis. Pulmões pequeninos que mal respiram; bôcas miúdas e inocentes em que

o beijo é de sangue; peitos infantís de onde o grito da alegria sai misturado com a tosse; olhos encovados em que a febre secou a lágrima; corações que ainda não sentiram a vida e já sentem saudades da vida; cérebros em que os sonhos encantados não se desenrolam porque as noites lhes são de pesadelos ou de vigílias; crianças tuberculosas, em suma, esperam de ti, neste dia, ó carioca vivaz e feliz, o óbulo da tua caridade!

Auxilia Deus na reconstituição do seu diamante róseo: recebe, hoje, das mãos dos seus anjos uma pequenina flor de ipê...

XXI

O PAÍS DAS SOMBRAS FELIZES

EM uma das estrêlas da Via-Láctea, apenas visível, no hemisfério austral, por trás da constelação da Régua, está situada uma das numerosas aglomerações da raça humana, existentes no Universo. E' um mundo como a Terra, em que o espírito, na sua viagem através do Tempo e do Espaço, retoma a feição que tem, em nosso planeta. E' lá que vão ter, por mais próximas, vestindo uma forma palpável, os antigos habitantes de Antares e da constelação do Lôbo, recebendo aí o prêmio, ou o castigo, dos seus atos nas existências anteriores.

Camille Flammarion não incluíu, parece, essa estrêla na galeria dos seus mundos habitados. A vida nesse astro é, entretanto, a que mais se assemelha à que se desenvolve na Terra, embora se trate de um corpo celeste cêrca de 900.000.000.000 vezes maior que aquele em que nos encontramos. Milhares de fenômenos que ainda aquí nos preocupam, já lhes foram revelados, de modo que os espíritos, chegados alí, se sentem mais ou menos consolados e satisfeitos, fazendo o possível para não serem transferi-

dos novamente. Daí o nome, que tem essa estrêla: Ptschalstockiora, que, na língua universal, ou estelar, alí adotada, significa, singelamente, País das Sombras Felizes.

Segundo é corrente alí, o mundo é dirigido por um Ser que tem a figura humana, e que governa os seus imensos domínios celestes de uma estrêla enorme, situada no hemisfério boreal. Capital do Universo, essa estrêla é habitada ùnicamente por entidades superiores, que atingiram, pelo sofrimento e pela cristalização da inteligência, a imortalidade. Êsses habitantes formam o corpo de auxiliares do Onipotente, cumprindo as suas ordens, de modo a estabelecer o ritmo da vida em toda a imensidão celeste. São êles que promovem, por meio de guerras, epidemias e outras calamidades, a remoção, em massa, de espíritos de uns para outros mundos, e, mesmo, as convocações individuais, com as mortes isoladas. Em virtude de circunstâncias especiais e que têm a sua causa no aperfeiçoamento dos espíritos que alí chegam, os habitantes de Ptschalstockiora conhecem, mais ou menos, o seu passado e o seu futuro. Há, mesmo, no ensino, uma cadeira em que se ministra o conhecimento dos mundos percorridos pelo espírito na sua marcha para a perfeição, e da existência nos mundos que ainda pode percorrer.

Ptschalstockiora não é, todavia, uma estância de onde se não regresse a mundos inferiores, em virtude, pode-se dizer, de revisão de processo, ou, mesmo, por simples deliberação do Onipotente, para equilíbrio da vida universal. Espíritos há que, já nas proximidades da perfeição e, consequentemente, da paz e da felicidade eterna, recebem ordem para retroceder, e voltam a Saturno, a Urano, a Marte, às estrêlas da constelação do Lagarto ou do Dragão, e, mesmo, à Terra. O Onipotente tem direitos cujos limites são traçados, ùnicamente, pela extensão do seu nome.

Eu havia passado alguns milênios, encarnando-me e reencarnando-me, em uma das estrêlas da constelação da Girafa, quando sentí, na debilidade da matéria que me envolvia, haver chegado a ocasião de desencarnar-me ainda uma vez. A desencarnação, alí, é feita sem sofrimento nenhum. Despe-se o invólucro como se despe, aquí, no planeta em que agora me encontro, uma túnica romana ou um peplo grego. Não faço a comparação com uma calça ou uma cueca modernas, porque, para alijar essas duas peças do vestuário, o indivíduo se vê, às vezes, atrapalhado, com os botões. Na constelação da Girafa, em suma, o espírito abandona a carne e os ossos como quem abandona o roupão à margem do rio, e nele mergulha com volúpia e sofreguidão. E fui

reaparecer, pouco depois, como recompensa dos meus padecimentos e, sobretudo, da minha resignação, em Ptschalstockiora.

Achava-me eu, lá, há duzentos e vinte e sete anos de calendário terrestre, quando se verificou alí a maior revolução, ou, melhor, a única revolução, de que há memória naquela estrêla! Viviam as sombras felizes na mais absoluta e angélica tranquilidade, quando chegou, proveniente da estrêla do hemisfério boreal em que reside o Onipotente, a ordem mais arbitrária que havia emanado da sua vontade poderosa.

— Não é possível! Há engano! Há engano! — bradavam as sombras felizes atingidas pela determinação prepotente.

— Não iremos! Não iremos! — exclamavam outras, como se ignorassem a sua fragilidade ante a vontade inflexível do Senhor dos Mundos.

A ordem era, na realidade, clamorosa. Tratava-se da transferência, dentro do mais breve prazo, de alguns milhões de espíritos felizes para o presídio longínquo da Terra, no qual existiam vagas incontáveis, em consequência da remoção, por meio de guerras, de outros tantos espíritos para outras estrêlas e planetas. Um édito do Onipotente havia motivado aquelas catástrofes. E eis que vinha, êle próprio, reparar o inconveniente que havia causado, fazendo encarnar outros tantos milhões de espíritos procedentes de diversos pontos do Universo. Ptschalstockiora, tributada, concorreu com cento e vinte milhões de sombras, que deviam ser reencarnadas, na Terra, em parcelas anuais de vinte milhões.

A remoção de uma estrêla de primeira grandeza para um planeta de terceira, constituía, na verdade, uma espécie de castigo, de punição inominável. E razão tinham, e sobejas, as sombras felizes, protestando contra a resolução divina, que as rebaixava de condição. Os deuses, criadores dos homens, são, porém, tão teimosos como os homens. E a vontade do Onipotente foi cumprida. Milhões de espíritos desencarnaram em Ptschalstockiora, vindo reencarnar na Terra. E aquí se acham em grande número, ao mesmo tempo que chegam outros, da mesma procedência.

E' a essa resolução do Onipotente que se deve a agitação observada atualmente, no planeta que habitamos neste momento. Trazidas de um mundo melhor, rebaixadas na sua condição, afastadas do seu caminho na marcha para a imortalidade, as sombras felizes, hoje, prisioneiras na Terra, têm, aquí a reminiscência vaga do que já foram. A Terra é um degrêdo, um presídio, uma penitenciária, a que os espíritos que por aquí passaram não desejam regressar. E' por isso que, quando nasce, a criança grita, cho-

ra debate-se, esperneia. E é por isso, ainda, que toda gente se sente, nesta hora, desgostosa com a vida, e arrependida de ter vindo ao mundo, onde tudo lhe parece mesquinho e rasteiro.

A inquietação humana que se observa, hoje, em todo o mundo, tem, finalmente, uma explicação. Ela denuncia, apenas, a saudade, que sentem as sombras felizes, da sua passagem por Ptschalstockiora.

XXII

O LEÃO, O HOMEM E O BOI

UM dia, — faz muito tempo, — os bichos se reuniram para depôr o Leão, que era, já, nessa época, o Rei dos Animais. Forte, soberbo, majestoso, o Leão despertava uma inveja surda em todos os seus súditos, os quais já haviam promovido contra êle numerosas conspirações. O Rei dos Animais possuía, porém, a sua Polícia Secreta, e acabava sempre descobrindo o plano dos conspiradores, que eram condenados à morte. De uma feita, em dezembro, foram surpreendidos conduzindo documentos comprometedores o Perú e a Leitoa. Formou-se o Conselho de Guerra, e o julgamento dos culpados foi imediato. Vem daí o costume de matar-se Leitoa e Perú em vésperas de Natal.

Daquela vez, a vitória da conspiração parecia segura. Todos os bichos estavam de acôrdo, e achavam que o Leão devia ser morto. Quem levaria, entretanto, a efeito, essa resolução? A Girafa dizia-se constipada, e passou a andar com um lenço no pescoço. O Camelo queixava-se da espinha,

alegando a sua condição de corcunda. O Javalí vivia com dôr de dentes. O Macaco pretestou princípios religiosos, e a Raposa ficou surda de repente, não entendendo nada do que se dizia. Foi nesse momento que o cavalo pediu a palavra, e propôs:

— Camaradas, falemos a verdade. Nenhum de nós está doente: nem a Girafa constipada, nem o Camelo sofrendo da espinha, nem o Javalí com dôr de dentes. Comadre Raposa não é surda nem compadre Macaco tem religião. O que todos nós temos é mêdo. E' ou não é?

Os bichos sorriram, num sorriso amarelo.

— Pois bem. Há um meio de nos vermos livre do Leão, sem que nenhum de nós corra o risco de ser apanhado por êle.

— Qual é? Qual é?

— E' o seguinte: o Leão e o Homem são inimigos, e o Homem é mais valente do que nós, porque possue armas que matam de longe. Vamos convidar o Homem para dar cabo do Leão!

— Muito bem! Apoiado!

— Eu proponho, assim — continuou o Cavalo, — que se nomeie uma comissão de animais amigos do Homem, para se entenderem com êle sôbre a morte do Leão. Iremos o Gato, o Porco, o Bode, o Carneiro, o Cachorro, e eu.

— Apoiado! Muito bem!

O Cavalo continuou:

— Mas é preciso que, para que não fiquemos sem govêrno, combinemos quem será o Rei, com a morte do Leão. Não preciso dizer que o novo monarca deve ser um bicho forte e respeitável.

— O Boi. O Boi está bem, — aparteou o Elefante.

— Apoiado! Viva o Boi, nosso Rei! — aplaudiram os bichos.

O Cavalo tornou:

— Amanhã, nós todos abandonaremos a floresta, deixando nela ùnicamente o Boi, para tomar conta do poder, assim que o Leão cair morto. Como, porém, é indispensável que o Homem o reconheça, para não o matar, nós o coroaremos desde já, e diremos ao Homem que mate todos os animais que encontrar, poupando apenas o que, além do Leão, estiver coroado.

— Onde arranjaremos a coroa para o Boi? — indaga o Lôbo.

— A coroa definitiva do Boi deve ser a juba do Leão, — opinou o Cavalo. — Enquanto, porém, não nos apossamos dela para coroar o nosso novo Rei, poremos no Boi uma coroa de capim.

— Muito bem — aplaudiu o Macaco. — E' pobre, mas é honrada. Entre os homens os poetas são coroados com fôlhas de

árvores. O Boi deve ser coroado com capim!

Resolvido isso, foram os bichos domésticos convidar o Homem para matar o Leão. O Homem aceitou a proposta, e êles abandonaram a floresta deixando alí apenas o Boi, que não sabia de tudo, mas estava com a coroa de capim pendurada no chifre.

— Não mate o nosso futuro Rei! — haviam os bichos recomendado ao Homem.

— Qual é êle?

— E' um bicho que está com uma coroa de capim na cabeça.

No dia seguinte, o Homem saíu para matar o Leão. Sòzinho na floresta, o Boi esperou os acontecimentos... O Boi é, porém, um dos maiores filósofos da animalidade. Assim que se viu isolado, pôs-se a ruminar os pensamentos. Valeria a pena ser o Rei dos Animais? Para que? Para ser invejado, caluniado, e guerreado na sombra, como o estava sendo o Leão? Não seria melhor permanecer o que sempre fôra, isto é, ser simples súdito, em vez de Rei?

— Não! Não quero! — mugiu.

E sacudindo a cabeça, lançou ao chão a coroa de capim, e comeu-a.

À tarde, chegou o homem. Vendo um bicho enorme sem coroa nenhuma, atirou, e matou-o. Era o Boi. Ao escutar o tiro, o Leão fugiu, escondendo-se do Homem.

Quando, à noite, os bichos regressaram para a floresta, encontraram o Boi estendido, morto, e o Leão, vitorioso, à espera dêles, para a vingança.

Foi assim que o Leão consolidou a sua situação como Rei dos Animais, e que o Homem adquiriu o hábito, que ainda hoje tem, de matar o Boi.

XXIII

O FEMINISMO TRIUNFANTE

(Diário de um rapaz solteiro em 1960)

"1960 — *Terça-feira, 15 de abril* — Evidentemente, não é mais possível a um rapaz de família andar sòzinho na cidade do Rio de Janeiro. Ia eu, ontem à noite, pela Avenida n.º 9, quando percebí que era seguido por uma senhora morena e por uma outra loura, mais moça do que a primeira, as quais me olhavam de modo significativo. Apressei o passo, e entrei, com o coração batendo forte, em uma casa de comércio, que ainda se achava aberta àquela hora. De repente, olho para o interior do estabelecimento, e vejo que, nas mesas, bebendo e gesticulando, não havia senão mulheres. E atirei-me novamente para a rua, onde pedí proteção a uma senhora que fazia o policiamento do quarteirão, a qual me trouxe, embora com olhares insultantes ao meu corpo, até à casa de minha mãe. Quando cheguei, papai e meus irmãos já se achavam recolhidos. Mamãe entrou pela madrugada, ignorando, portanto, o que aconteceu.

* * *

"*Sexta-feira, 18 de abril* — Meu irmão Tibério foi pedido em casamento, hoje, pela d.ra Inez de Albuquerque, engenheira da fábrica de aviões da firma Ana Maria & Filha. O pobre rapaz estava nervosíssimo. E só não desmaiou porque o pedido foi apenas por seis meses. Mesmo assim, mamãe declarou à d.ra Inez que só o daria em casamento por cinco meses e meio, pois se trata de um homem fraco, e que casa pela primeira vez.

A noiva tem 32 anos, e acaba de divorciar-se do vigésimo segundo marido, o qual fica, pode-se dizer, ao desamparo. O penúltimo está empregado em um "atelier" de costura, e o ante-penúltimo, como ama sêca na casa da senadora Carmen Pappagenti. Os outros desventurados degradaram-se depois de abandonados, vivendo como o Diabo quer e Deus consente.

*
* *

"*Sábado, 3 de maio* — Hoje, antes de sair para o escritório, mamãe nos comunicou, a mim e aos meus irmãos, que vai abandonar o nosso pai atual, dando-nos outro, que já escolheu. Papai chorava aflitamente, pedindo-lhe que não fizesse isso, pois já nos havia criado amizade. De fato, êle já estava em nossa companhia há sete meses e

nove dias, e, de todos os que mamãe nos tem dado, era um dos melhores. Tomava conta da nossa roupa, cuidava da cozinha, e tinha grande cuidado com a limpeza da casa. De que irá agora viver essa pobre criatura, santo Deus?

Triste, desgraçada vida a de um homem! E será possível, Senhor, que não chegue o dia da redenção masculina?

*
* *

"*Quinta-feira, 8 de maio* — Ao passar pela Avenida n.º 11, ontem à tarde, de regresso da minha aula de canto e dansas clássicas, vi muita gente diante de um estabelecimento, do interior do qual vinham as vozes de um jornal falado. Aguardei a nova edição, e verifiquei que a curiosidade pública era determinada por uma notícia que a todos causava estranheza: um casal, marido e mulher, ia festejar as "bodas de prata". E ninguém sabia o que isso significava.

— Parece que "bodas de prata" significa o aniversário dos dois no mesmo dia, observou alguém, entre as pessoas aglomeradas para ouvir as novidades da hora.

— Creio que não, — atalhou outra. "Bodas de prata" parece que significa "bai-

xela de prata". Com certeza êsse casal recebeu algum presente dêsse gênero.

Ao chegar em casa, porém, fui consultar o *Dicionário da Academia Brasileira de Letras,* de que acaba de sair precisamente a parte relativa à letra B, e vim a saber que "bodas de prata" é a mesma cousa que vinte e cinco anos de casamento... Vinte e cinco anos casados, o mesmo homem com a mesma mulher!... Nossa Senhora!... Será possível? Muita gente não acredita, e há grande animação na cidade para ver êsse fenômeno, que deve sair da igreja, onde manda rezar missa, amanhã, às nove horas. Vou pedir licença à mamãe para me deixar ir ver êsse casal, em companhia das minhas irmãs. Triste cousa é um homem de vinte e quatro anos, como eu, ter de ficar na dependência de mulheres de 14 a 18!

Ah, meu Deus, por que não me fizeste mulher?...

*
* *

"Sexta-feira, 9 de maio — Fugí de casa, sem o conhecimento de mamãe, e fui ver, também, a passagem do tal casal das "bodas de prata", isto é, que se acha unido há vinte e cinco anos. Os jornais falados deram edições especiais, com explicações. Um dêles informa que o Brasil é o único país

do mundo que possue um casal humano nessas condições. Na Austrália, havia outro, constituído há vinte e dois anos, mas foi linchado em janeiro último. Na Bolívia há outro, ligado há dezenove anos. Êsse casal vive em uma pequena sala, e, para vê-lo, paga-se certa quantia. Parece, porém, que ainda não houve o divórcio por causa do lucro que os dois tiram do negócio.

Pela manhã, fui colocar-me à porta da igreja por onde os dois mártires deviam passar. A praça fronteira já estava repleta de mulheres. Como, entretanto, se tratava de um homem, todas elas se afastaram para me deixar passar, embora dirigindo-me pilhérias nem sempre delicadas, que me faziam corar. Infeliz terra, esta, em que um rapaz solteiro não pode andar sòzinho sem ser desfeiteado pelas mulheres, com palavras e olhares insultantes!

Momentos depois, o parzinho saía do templo. O marido ia de olhos baixos, verdadeiramente comovido. De vez em quando parava, para soluçar. Pessoas conhecidas consolavam-no, dirigindo-lhe palavras de confôrto e de coragem. A senhora, pelo contrário, ia calma, serena, confiante. Assim, porém, que desceram a escadaria, rompeu a vaia formidável, nos dois. Até as moças da Polícia Militar metiam os dedos na bôca, assobiando. Algumas senhoras treparam nas árvores, para atirar batatas no ca-

sal. Outras arrancavam pedras, querendo linchar os tais das "bodas de prata". Felizmente chegaram as "Fuzileiras Navais", o garboso batalhão que a cidade tanto teme e conhece, e o bando de mulheres se dispersou em tumulto, ficando feridos, no chão, quatro rapazes e cinco crianças. Eu próprio, teria sido atirado ao solo pelas moças da Escola Militar, se não tivesse encontrado minha tia Heloísa, que tomou conta de mim, e me protegeu contra a multidão.

Estou, desde ontem, tomando calmantes, mas, ainda, tão nervoso, que sou sacudido, de vez em quando, por uma horrível crise de chôro.

*
* *

"*Sábado, 17 de maio* — Desfilou ontem pela cidade, comemorando o aniversário da Revolução Feminina de 1952, a Academia Feminina de Guerra, cujo garbo fez estremecer todos os rapazes de família. Levado por minha tia Clara, cuja cunhada é tenente-coronel do 4.º Batalhão, fui para a Avenida n.º 8, que se achava toda enfeitada. Em determinado momento, sentí que uns olhos negros e ardentes procuravam os meus. Eram da d.ra Ester de Souza, engenheira do caminho aéreo Corcovado-Itatiaia e que mamãe considera uma das moças do

Rio de Janeiro mais capazes de amparar um rapaz como eu.

Será, porém, para casar ou quererá, ela, abusar de mim?

*
* *

"*Sexta-feira, 13 de julho* — Completo, hoje, vinte e cinco anos. E continuo solteiro, e ameaçado de ficar para tio! E' verdade que o meu feitio retraído, o meu temperamento de tímido contribuem muito para que não tenha, até hoje, sido casado, sequer, uma vez. Mas, isso não seria motivo bastante. Meu irmão Otávio, filho das terceiras núpcias da minha mãe, é mais moço do que eu dois anos, e já se acha casado pela quarta vez. O Leôncio, um primo, de minha idade, está divorciado da quinta mulher. E eu, até agora, nem ao menos fui pedido uma vez! No entanto, não sou, que se diga, um rapaz feio, nem desprovido de prendas domésticas. Tenho bonitos olhos, bôca bem feita, e visto-me com elegância. Sei tocar piano, danso bailados clássicos, e posso, como poucos, tomar conta de uma casa. A mulher que me escolhesse para espôso, conservar-me-ia ao lado, pelo menos um ano. Nenhuma, entretanto, aparece, com propósitos honestos.

*
* *

"*Quinta-feira, 24 de julho* — Graças vos sejam dadas, Deus meu Senhor! Graças vos sejam dadas! Vou, enfim, conhecer a delícia do casamento! Uma filha da sexta espôsa do atual marido de mamãe resolveu pedir a minha mão. Chama-se Fernandinha, e é divorciada apenas do terceiro marido. Seu coração está, ainda, quasi virgem, e sua alma quasi pura. E' verdade que, antes de casar, teve uma vida um pouco boêmia, excedendo-se na bebida e sustentando amantes. Mas, hoje, não tem mais, que se saiba, ligação nenhuma. Ela me haverá pedido, porém, por interêsse, ou por amor? Tomo uma flor nas mãos e desfolho-a:

— Mal-me-quer... bem-me-quer... mal-me-quer... bem-me-quer... mal-me-quer... bem-me-quer...

Ah, se as mulheres soubessem quanto sofre um pobre rapaz honesto, e como lhe bate o coração ao saber que vai, enfim, dormir sòzinho, ao lado de uma criatura de outro sexo, entregando-lhe a sua pureza e a sua fragilidade!...

Que susto, meu Deus! Como estou gelado!..."

XXIV

TEODORO SAMPAIO NA ACADEMIA

ANTEONTEM, dois dias antes dêste 1 de maio de 1933, Teodoro Sampaio, insistido por antigos discípulos e velhos amigos, apresentou sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Constâncio Alves. E eu, presente à sessão, pude testemunhar, na fisionomia dos meus companheiros da casa, um aplauso tão espontâneo àquele gesto do eminente naturalista, filólogo e historiador, que a minha imaginação o viu, já, no grande salão enfeitado de rosas, trajando o seu vistoso fardão bordado a ouro, revestido de todas as insígnias que caracterizam a "imortalidade acadêmica".

Teodoro Sampaio é, sabem-no todos, o mais alto representante da raça negra no Brasil. Nessa galeria enorme de figuras admiráveis que enriqueceram o patrimônio humano da nacionalidade; nessa fileira de vultos históricos, que sobe do fundo dos séculos e em que se vêem Henrique Dias, Luiz Gama, os dois Rebouças, Patrocínio, Silvério Pimenta, Cruz e Souza, Juliano Moreira, — eu não sei um, poeta ou político, tribuno ou soldado, sacerdote ou cientista, ho-

mem de pensamento ou homem de ação, que exceda em saber e em caráter, em talento e dignidade, êste grande varão contemporâneo, que foi bater, neste momento, às portas da Academia de Letras.

Procedendo do fundo mais puro da raça, subindo do horror das fazendas antigas para o esplendor da Civilização moderna, Teodoro Sampaio bebeu o leite escravo, na escravidão do peito materno. E isso que, para alguns, talvez fosse um opróbrio, constitue, aos meus olhos, o seu mais belo título de glória. Menino ainda, êle presenciou toda a infâmia do cativeiro. À semelhança de Moisés, livre, mas vendo por toda a parte a humilhação e o martírio da sua raça, jurou no silêncio do coração, trabalhar pela liberdade do seu povo. Não era, todavia, o rebelado mosaico, nem o tribuno ardente, nem o demagogo espetaculoso. Manso e bom, sonhou para o negro, seu irmão de sangue, não apenas a emancipação do corpo, a liberdade de movimentos, mas a elevação da sua alma e do seu espírito, e a demonstração, pelo aproveitamento das qualidades sentimentais e intelectuais que lhe são peculiares, de toda a capacidade civilizadora da raça negra. Com o produto do seu trabalho de homem livre, emancipou legalmente seus irmãos. Emancipou mesmo, conta-se, a sua própria mãe. E se esta última versão é verdadeira, onde é que se encontra,

em Plutarco ou em Cornélio, em Xenofonte ou em Jerônimo, varão romano ou grego, pagão ou cristão, que tivesse, na sublimidade do gesto, superado êste santo do nosso tempo? Bitton e Cleobis arrastam pelas ruas de Atenas, até o templo de Minerva, o pesado carro de bois em que vai a velha mãe feliz e enfêrma. Coriolano, implacável e vingativo, marcha sôbre Roma, e chega às suas portas. Ao primeiro assalto será o senhor da praça e da República. Sai-lhe, porém, ao encontro, Vetúria, sua mãe, que lhe dera o primeiro beijo e o primeiro leite. E o soturno capitão ordena o recuo das suas tropas, fazendo compreender que uma súplica de mãe vale mais que uma cidade. Onde se viu, entretanto, uma criança partir das portas do cativeiro para a liberdade, e, livre, reunir as moedas do seu salário para redimir a própria mãe, libertando-a para o seu amor e para o mundo? Refere Eliano que um discípulo de Zeno, de regresso à casa, foi perguntado pelo pai o que havia aprendido com aquele filósofo.

— Verás pela minha conduta, — respondeu-lhe o moço.

Indignado com essa resposta, o pai investe, e o esbofeteia.

— Aí está o que eu aprendí, — tornou-lhe o filho, tranquilamente. — Aprendí a suportar sem queixa a cólera de meu pai!

Teodoro Sampaio não é apenas um filósofo como êsse pagão ateniense; é, também, simples e bom, como um apóstolo cristão. Grande engenheiro, saneador da antiga Piratininga, que o seu esfôrço e a sua cultura científica transformaram na capital mais salubre do Brasil, lá está o seu nome, hoje, em uma das avenidas mais extensas de São Paulo. A sua erudição abrange os mais diversos campos do conhecimento: a etnografia, a filologia, a História, as Matemáticas. Naturalista em contacto com os diversos ramos das ciências legìtimamente compreendidas nesse título, o seu convívio constitue o mais proveitoso curso que eu conheço, e igualado apenas, na variedade e na extensão do proveito, à intimidade de João Ribeiro. Seu contemporâneo na Câmara dos Deputados, onde êle ficava a sorrir piedosamente a tarde inteira para os surtos da imbecilidade humana que alí explodia sob a forma de discurso político, a sua companhia representava, sempre, para mim, a conquista de uma verdade nova. E com que simplicidade êle falava de cousas profundas! Com que humildade êle dilatava, ante nós, seus ouvintes, em uma pequena roda de homens de letras, o horizonte da Vida e a visão do Universo!

O seu nome não anda trombeteado de mistura com os dos demagogos da emancipação. E' que Teodoro Sampaio, homem de

côr, conhecia de perto o problema da sua raça. Certa vez, na Câmara, comentando um artigo meu sôbre o caráter anti-social e anti-econômico da Lei João Alfredo, contou-me a ação silenciosa que vinham desenvolvendo, em São Paulo, Antônio Prado, Orville Derby e êle, no sentido de acautelar o destino do escravo, cessado o cativeiro. Os acontecimentos políticos, no Rio, anularam o plano prudente que se vinha elaborando na Chácara do Carvalho, e que teria modificado, talvez, desde logo, a fisionomia social do Brasil.

Não é êste, todavia, o lugar destinado ao comentário da vida e da obra dêste eminentíssimo brasileiro. Eu quero assinalar, ùnicamente, neste dia em que se comemora a libertação da sua raça no Brasil, que êste grande cidadão negro, uma das maiores figuras do seu sangue em todo o mundo, é candidato a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. E anunciando êsse acontecimento, digo-lhe apenas, com a voz mais pura do coração:

— Teodoro, meu mestre, beijo-te as mãos engelhadas, escuras e gloriosas, pela tua deliberação! E só te peço uma recompensa: a alegria, a honra, a vaidade de sentar-me a teu lado, continuando a receber de ti, na casa dos mestres, as lições da tua modéstia, da tua bondade e da tua sabedoria!

XXV

JEAN DURIEN

NO cemitério, ao contemplar o coveiro que arranca ossadas do buraco em que deve ser sepultada Ofélia, Hamleto reflete, voltando-se para Horácio:

— "Outra caveira! Quem sabe se será o crânio de um legista! Onde estão agora as subtilezas? e os sofismas? e as distinções? e as espécies? e as conclusões? e as finuras? Por que será que êle deixa êste brutamontes bater-lhe na cabeça com aquela enxada suja, e não lhe move um processo por ofensas físicas? Êste marau foi, talvez, no seu tempo, grande comprador de terras, com hipotecas, demarcações, transferências, fiadores e cobranças... E aquí está no que deram as cobranças, as execuções, a multiplicação da sua fortuna, à custa dos pobres: ter a carcassa coberta de lama! Não é verdade que as fianças duplas não lhe garantiram senão a dupla posse, em comprimento e largura, de um espaço tão grande como um par de processos? As escrituras das suas propriedades mal cabem num caixão de defunto. E precisaria êle de mais, Horácio?"

E Horácio:

— "Nem mais uma polegada, meu senhor".

Momentos depois, ao tomar nas mãos a caveira de Yorik:

— "Horácio, dizes-me uma cousa?

— "Que é, meu senhor?

— "Acreditas que Alexandre tenha esta mesma cara na cova?

— "Exatamente a mesma.

— "E que tenha êste cheiro?

— "Tal qual, meu senhor".

E Hamleto:

— "Em quantas reles aplicações nos podemos transformar, Horácio! Dificilmente a nossa imaginação poderia acompanhar as nobres cinzas de Alexandre, até vê-las tapando o buraco de um tonel!..."

Foi essa passagem de Shakespeare que procurei para fortalecer o espírito com a melhor filosofia humana, ao ler, há dois dias, um telegrama de Belo-Horizonte, em que se conta a triste e proveitosa história dêste Jean Durien, possuidor de uma herança superior a cinco mil contos, e que, no entanto, faleceu em um hospital de caridade, sendo o seu cadáver negociado por trinta mil réis, com alguns estudantes de medicina.

O que primeiro desperta interêsse nessa notícia, é a curiosidade dos estudantes

que adquiriram a carcassa dêsse milionário sem dinheiro. Trata-se, com certeza, de rapazes pobres. O pobre, quando encontra no seu caminho um sujeito rico, sente, sempre, um desejo louco de saber se êsse mortal é constituído como os demais. Se os homens, na terra, são todos orgânicamente semelhantes, por que acontece haver uns que têm duzentos mil contos, e outros que não possuem, sequer, um níquel de duzentos réis? A sua dúvida, diante de uma dessas entidades venturosas, é a que se apossa de uma criança de origem modesta, que nunca teve senão grosseiros calungas de pano, cobertos de farrapos, ao ver nas mãos das meninas afortunadas uma boneca de mola, dessas que movem os olhos, mexem as pernas e os braços, e dizem "papai" e "mamãe". O desejo da garotinha plebéia é abrir a boneca de luxo para ver como é por dentro. E chegou, agora, a ocasião de liquidar a dúvida: os estudantes de Belo-Horizonte apanharam na miséria um sujeito que ia receber cinco mil contos, e meteram-lhe o bisturí na fressura. Fígado, bofe, pulmões, coração, rins, e cérebro, tudo foi examinado atentamente. E verificaram, os rapazes, com espanto, que um milionário, interiormente, é absolutamente igual a um mendigo, concluindo, daí, que Diógenes, esfolado e esquartejado, não devia ser, em nada, diferente de Creso ou de Alexandre.

A segunda lição que sai dêsse livro aberto, encadernado em couro, e que possuía apenas duas fôlhas, é a demonstração, mais uma vez oferecida aos homens incrédulos, da inflexibilidade do destino. Êsse Jean Durien viveu, parece, algumas dezenas de anos em luta com a adversidade. Toda a sua esperança estava na herança considerável, que lhe adviria com a morte de um parente. Quando êste acabasse de viver, começaria, para êle, a vida. Aguardava que o tio, ou cousa equivalente, descesse do cavalo da Fortuna, para que lhe chegasse a vez de montá-lo. De súbito, o parente morre. Jean sente que a felicidade se aproxima. Adeus, miséria! Adeus, fome! Adeus, noites ao relento! E quando começa a tratar da posse da herança, tonteia, e cai na rua. E vai levado para um leito de hospital, onde morre, entregando o corpo aos estudantes por trinta mil réis, e a alma a Deus, por dinheiro nenhum! E' verdade que Deus criou Jean Durien, e que os estudantes em nada contribuíram para que êle viesse ao mundo. Mesmo antes de receber a fortuna, pôde levá-lo para o céu, uma vez que, na conformidade dos evangelhos, é proibida, alí, a entrada aos ricos. (E' êsse, pelo menos, o boato que os padres andam espalhando, há mil e novecentos anos, embora sem resultado nenhum).

A verdade é, porém, que, morrendo antes do recebimento dos cinco mil contos, o milionário miserável se tornou mais útil ao mundo do que se morresse depois de embolsada aquela quantia. Quando nada, prestou êle, com isso, dois serviços: forneceu, com os seus próprios despojos, terreno de pesquisas a alguns rapazes estudiosos, que aprenderam à custa de um defunto o que teriam de aprender mais tarde à custa de um vivo, e deram assunto para esta crônica, facilitando a conquista do pão a um jornalista fatigado e doente.

Não lastimes, pois, ó Jean, o teu destino à face da terra. Jesús foi vendido por trinta dinheiros, e aos fariseus. Tu o foste por trinta mil réis, e aos estudantes. E Jesús estava vivo. E tu, morto. Tu eras um pecador. E Jesús era Deus.

E tudo isso sem contar, ó Jean Durien, a diferença de câmbio, hoje, sôbre a praça de Jerusalém.

XXVI

UM PERIGO PARA A CIVILIZAÇÃO

CHEGOU esta semana a Guaiaquil, no Equador, um químico alemão, Hermann Nuth, o qual afirma haver passado nove anos entre os canibais, em regiões ainda desconhecidas, nas cabeceiras do Amazonas. Tendo penetrado na floresta em território do Perú, em companhia de vinte e quatro companheiros, que iam, como êle, em busca de plantas medicinais, viu-os morrer, na sua maior parte, vítimas do clima e do selvícola. O chefe da expedição foi queimado vivo, em obediência a preceitos religiosos da tribu que os fez prisioneiros. E êle, Hermann, só não teve igual sorte porque uma das raparigas indígenas o escolheu para espôso, tomando-o, assim, sob a sua prestigiosa proteção. Entre a mulher e a fogueira, preferiu a mulher. E ficou nove anos, e ficará ainda outros nove, a arder nos braços dela.

Voltando ao convívio do civilizado, trouxe Hermann em sua companhia não só a senhora, com os seus dentes aguçados, e acostumados a mastigar carne humana, como a sua jovem cunhada, em cujo colo vir-

gem balouçam algumas dezenas de dentes humanos, pertencentes aos rapazes que devorou. Um ar de inocência feroz caracteriza-lhe a fisionomia carrancuda. E tão doce é de gênio que, por duas vezes, tentou, já, comer vivo o cunhado.

Ao ler a notícia dêsse acontecimento, o que primeiro acode à lembrança é, naturalmente, o enrêdo d'*A Amazônia Misteriosa,* do sr. Gastão Cruls. Como Hermann, químico alemão, Hartmann, médico também alemão, entra pela bacia amazônica para estudar as possibilidades da evolução e involução do homem, e a utilidade da flora regional na verificação dêsse fenômeno. E lá o descobre, e arrebata a mulher. A verdade é, porém, mais irônica do que a fantasia. A história de Hartmann tem ensinamentos da ciência, mas a de Hermann tem ensinamentos da vida. Que enorme lição não é, efetivamente, essa, de um civilizado, após um convívio de nove anos com índios antropófagos, desejar, mal chega à cidade, retornar à floresta, à companhia do bárbaro, à existência errante e sem confôrto dos mais intratáveis selvícolas americanos?!...

O caso do coronel Fawcett já havia dado a entender, aliás, que, relativamente às condições atuais da nossa, a vida na selva não é tão má como aquí fora se supõe. Oficial do Exército inglês, e homem dado a caprichos extraordinários, Fawcett havia entrado em contacto com alguns índios peruanos. Passou dois anos entre êles, e regressou para Londres. Alí chegando, encontrou "mistress" Fawcett, com a sua pele cheia de sarda, sua dentadura postiça, seu cabelo arrepanhado no alto da cabeça, e todas as demais características de uma inglesa de cincoenta anos. Uma inglesa, quando é bonita, é mais bonita que todas as mulheres dêste mundo. Mas quando dá para ser feia, é mais feia do que todas as outras dêste mundo e do outro. Fawcett chegou a Londres. Encontrou a espôsa irritável, ciumenta, artificial e feia. Um desgôsto profundo penetrou-lhe o coração. Em tôrno, na sociedade e na vida pública, eram a perfídia, a mentira, o sofisma, a vaidade. Mulheres que se entregavam pelo dinheiro. Homens que se dobravam pela lisonja. A justiça mentindo, o amor mentindo, a religião mentindo. E Fawcett teve saudades da vida selvagem. Antes o selvícola, com a sua flecha, do que o civilizado, com a sua insídia. Antes a traição atrás do tronco, na floresta, do que a traição atrás do sorriso, na cidade. E, convidando o filho, que participava do seu sangue, embarcou para o Brasil, meteu-se por Mato-Grosso, e nunca mais deu notícias suas. Sertanistas audaciosos encontraram-no nas malocas, cabelos e barbas cobrindo metade do corpo, integrado na barbaria. Mas nem uma queixa. Nem uma pa-

lavra de arrependimento. Nenhum desejo de retornar à companhia do homem civilizado.

Pessoas a quem eram narrados êsses encontros com Fawcett mostravam-se incrédulas, e sorriam. Não era possível que um homem culto preferisse a existência árdua nas selvas à vida amável nos grandes centros de civilização. Os que assim argumentavam e argumentaram não tinham, todavia, autoridade para isso. Êles conhecem a vida urbana, o progresso urbano, o confôrto urbano, mas não conhecem, para estabelecer o confronto, as delícias do mundo selvagem. E é essa verdade que Hermann Nuth vem agora fortalecer, visitando Guaiaquil e resolvendo, em vez do embarque para a Alemanha como premeditava, o regresso à companhia dos canibais. Feita a comparação, preferiu êle a oca da palmeira ao hotel de luxo, e a mulher nua, mas sua, às mulheres vestidas, e de todo mundo. E ganhou o mato de novo, com a senhora e a cunhada.

E' geralmente conhecida, no Brasil, a história daquela índia, que tinha o nome de Jombré, e casara, no interior do Espírito Santo, com um engenheiro alemão, o qual a trouxe para o Rio de Janeiro nos primeiros dias da República. No Rio teve ela todo o confôrto que a riqueza podia oferecer naquele tempo: vestidos de sêda e carruagens;

teatros e perfumes; e, para coroar tudo isso, o amor de um homem branco e jovem. Embarcando para o Pará com o marido, Jombré enviuvou. Um dia, foi à cidade de Breves, onde conheceu alguns selvagens da região. E, numa noite, abandonando vestidos e jóias, meteu-se pelo mato com êles, e nunca mais se teve notícias dela. E sabia ler, já. E lia poetas brasileiros, e alguns alemães.

Êsses exemplos todos convidam, naturalmente, à reflexão. A vida selvagem não será, na realidade, melhor que a nossa? Se não é, como explicar a atração que exerce sôbre aqueles que a conhecem? Como admitir a alegria com que Martim Soares Moreno dansava nu, no Ceará, no meio dos indígenas, quando os civilizados alí aportaram?

Acautelemo-nos, pois, com os amavios da existência livre, nas cabanas de pindoba. Porque, se se divulgar o encanto da vida nas selvas, o Rio de Janeiro corre o risco de ficar despovoado. Para encontrar um amigo, teremos de ir a certas regiões de Mato-Grosso, do Amazonas e de Goiaz, e procurá-lo, com uma carta do general Rondon, no meio dos bororós, dos turunas, dos mandurucús, e dos caiapós.

XXVII

DE QUEM E' O DEFUNTO?

QUADRO nenhum me impressionou, jamais, tão profundamente, como um que vi na minha infância, suspenso à cabeceira de uma cama, na casa de um parente, em Parnaíba. Era uma oleogravura sinistra, em côres severas, povoada de figuras arrepiantes. Representava "A morte do justo", de acôrdo com a concepção católica. Sôbre um leito desarrumado, expira um homem idoso, de semblante patriarcal. Em tôrno, as mãos nos olhos, ou na aflição dos últimos apelos ao céu, agrupa-se a família, que êle vai deixar. Na fisionomia do moribundo estampam-se o sofrimento e a saudade. Não é, porém, nesse plano do quadro que se desenrola a cena impressionante. Esta se desdobra mais acima, sem que olhos humanos a vejam. E' uma batalha entre sêres sobrenaturais. Armados de tridentes e lanças, as hostes de Lúcifer investem para apossar-se da alma do justo, que se vai desprender do seu envoltório terreno. Demônios rabudos, de cornos pequenos emergindo da testa estreita, agitam as suas asas de morcêgo, esperando a presa cobiçada. An-

tes, porém, de pousarem sôbre o leito mortuário, são detidos por uma patrulha de arcanjos aguerridos, armados de espadas luminosas, os quais os levam de roldão, e às cutiladas, até às extremidades do aposento. Quadro fúnebre e apavorante, em suma. Quadro para atemorizar os simples, dando-lhes, em vida, uma idéia espantosa do momento da morte.

E foi êsse quadro que me veio, ontem, à lembrança, ao ler a notícia, que os vespertinos estamparam, de um conflito de jurisdição comercial travado à porta do necrotério, em tôrno de um cadáver que a ciência oficial acabava de retalhar. Falecido nos subúrbios, vítima de um desastre, um moço alí residente, foi o corpo trazido para a cidade, afim de sofrer a autópsia determinada por lei. Morando na zona suburbana, a família resolveu sepultar o rapaz no cemitério local, em Ricardo de Albuquerque. Para isso, contratou os serviços de uma emprêsa funerária, que alí funciona. E a emprêsa, com o seu carro fúnebre, entrou na cidade para receber o defunto.

Há, porém, uma lei, que concede à Santa Casa de Misericórdia o privilégio do serviço funerário em toda a zona urbana, e, na suburbana, até o Engenho-Novo. Óbito que se dê na cidade, e nos subúrbios dentro daquele limite, o defunto é dela. E o rapaz

que se ia enterrar havia penetrado, depois de morto, nos seus domínios.

Denunciada à Santa Casa a presença de um carro de emprêsa funerária particular no coração da capital, providenciou esta, imediatamente, para sua detenção, em frente mesmo do necrotério, onde devia receber o corpo.

— Mas, o defunto não é da Santa Casa! — protesta o comerciante suburbano. — O moço morreu no subúrbio, para além do Engenho-Novo. Eu posso, pois, fazer-lhe o entêrro.

— Não pode, não senhor, — argumenta o agente da Santa Casa. — Êle morreu lá, mas veio para a cidade. Logo, o entêrro só pode ser feito por nós.

— Mesmo que o homem já tenha vindo morto?

— Mesmo que já tenha vindo morto. Entrou na cidade, o freguês é nosso.

Vêm as autoridades. Consultam as leis, os regulamentos, os contratos. E fica esclarecida a situação, com esta sentença:

— Quando o freguês morrer no subúrbio, acima do Engenho-Novo, e tiver de ser autopsiado na cidade, se os parentes quiserem sepultá-lo no bairro em que se deu o óbito, proceder-se-á do seguinte modo: o defunto será levado pela Santa Casa até o Engenho Novo, onde o receberá a emprêsa funerária suburbana escolhida pela família.

A situação de um morto é, como se está vendo, hoje em dia, no Distrito Federal, das mais complexas e delicadas. Quem quiser ter descanso na morte, deve escolher o lugar do óbito: ou morre no subúrbio, de modo a não deixar suspeitas à polícia, e fica sepultado nos pacíficos cemitérios locais, ou morre na cidade, e sepulta-se em S. Francisco Xavier, em S. João Batista, ou no Catumbí. E' o único meio de evitar os incômodos da baldeação.

"A Morte do Justo" acaba, na verdade, de tomar feição concreta, visível, material. Quando o sujeito morre, já não há, mais, apenas, uma batalha em tôrno dos seus despojos; há duas: batem-se no espaço os arcanjos e os demônios pela posse da sua alma, e batem-se, na terra, os homens, pela posse do cadáver.

Calino, se soubesse do caso, havia de exclamar, num protesto: — Isso lá é vida?...

XXVIII

CARTA A UM VIÚVO

SILVÉRIO. — Ontem, depois que te despedí à porta do elevador, voltei ao gabinete em que havíamos palestrado fraternalmente, e recapitulei as tuas palavras, e as minhas. Na meia escuridão da sala, as estantes se erguiam, mudas e amigas, dissolvendo na sombra a costaneira vermelha dos livros confidentes. Não estavas mais alí. A minha imaginação te reviu, porém, como, há pouco, te haviam visto os meus olhos. Sentado na poltrona larga, a mão esquerda apoiando a cabeça pensativa e grisalha, falavas-me da tua solidão.

— À medida que envelheço, — diziam-me, a voz pausada e triste, tornada mais triste no silêncio do gabinete; — mais sinto falta da minha mulher, e mais desgraçado me considero por havê-la perdido.

E contavas-me a história do teu infortúnio:

— Quando nos casámos em Fortaleza, era eu já um homem, com todo o conhecimento da vida, e ela, ainda, uma criança. Tinha dezesseis anos, e eu vinte e sete. Era de côr morena, de um moreno pálido, que lhe dava uns ares de imagem cristã. Seus

olhos negros e rasgados tinham uma luz tão veludosa e tão quente, que um olhar seu era, sempre, uma carícia. Nesse tempo, as mulheres ainda não cortavam os cabelos. E os seus cabelos, negros também, eram tão finos, e tão ondulados, que a menor viração mexia com êles. A bôca era pequena e fresca. Os dentes miúdos, quasi infantís. E era tão esbelta de figura quanto meiga de coração. E um nome que era o resumo de tudo isso.

— Chamava-se...

— Dulce... Casamo-nos seis meses depois de nos havermos conhecido. E vivemos felizes. Nunca imaginei que uma criatura tão bonita, e tão rica de alma, fosse tão humilde, tão delicada, e tão amiga da sua casa. Os seus desejos, os meus. Não vivia senão para mim. E eu me sentia, então, o homem mais venturoso do mundo.

— E como a perdeste? Morreu no Ceará mesmo, ou aquí, no Rio?

— Aquí, no Rio. Eu tinha ido para o Ceará como engenheiro da Estrada de Ferro. Conhecí Dulce, certa manhã, quando passava para a missa, e compreendí, desde o primeiro instante, que não tinha mais o meu destino nas minhas mãos. Casamo-nos. Nasceu-nos, lá, o primeiro filho. E a criança, que é hoje êste Leocádio que tu conheces, ainda não tinha quatro meses, quando fui transferido aquí para o Rio, e embarquei.

— Trouxeste a família contigo...

— Trouxe-a. Aluguei uma pequena casa nas Laranjeiras, e a minha felicidade continuou inalterável. E tínhamo-nos mudado, por economia, para uma pensão no Flamengo, quando a minha pobre mulher, que principiava a sorrir para a vida, apanhou uma pneumonia, e morreu... E eu nunca mais, em quatorze anos de viuvez, pude esquecer a jóia incomparável que perdí!

Enxugaste os olhos húmidos, e comentaste:

— Vê, entretanto, o que é a vida: Dulce, tão boa, tão pura, tão virtuosa, lá se foi! E ficam no mundo criaturas como a Helena, mulher do Agostinho, vergonha do marido, tortura da família, escândalo da sociedade!

Indaguei:

— Conheceste a Helena em Fortaleza?

— Conhecí, pois não! Pertence a uma família distintíssima. E era, ela própria, de um procedimento irrepreensível até uns três ou quatro anos passados. Mas, hoje, é o que tu sabes.

E, comovido:

— E Deus, que não leva uma criatura dessas, lá me levou a minha Dulce...

Recomponho toda essa nossa palestra, meu caro Silvério, e medito sôbre a fragilidade da inteligência humana ao interpretar

os éditos do Destino ou os altos desígnios de Deus. Consideras-te desventurado, e perguntas por que motivo o céu te levou, tão cedo, a tua Dulce. Reflete, entretanto, com sabedoria, e encontrarás, sem custo, consôlo para o teu coração. És feliz, e ignoras que o és. Tens uma coroa de espinhos, e não sabes que, examinando bem, êsses espinhos se mudarão em rosas, perfumando a tua solidão.

Tua Dulce era linda e pura, dizes. Mas a Helena, espôsa do Agostinho, também é linda, e também foi pura. E sabes tu, acaso, se a tua Dulce, ficando dentro da vida, não teria o mesmo destino da Helena, de modo a tornar-se, hoje, em vez de objeto da tua saudade, a causa da tua vergonha? As mulheres não nascem levianas. A mais devassa das cortesãs, foi pura e casta na sua meninice. A mulher da geração a que pertenceram a tua e a do Agostinho, era um navio de velas abertas, mas sem leme, sôlto no oceano. Ninguém poderia dizer o vento que o ia conduzir, ou o rumo que iria tomar. A tua Dulce viveu honestamente, votada a ti, porque não se tinha afastado, até então, do ambiente honrado em que se haviam formado o seu coração e o seu caráter. Ela começava a ter contacto, porém, com a vida mundana e fútil, em que prolifera o pecado. E quem te diz que ela resistiria à influência dos exemplos que principiava a

conhecer, se a morte não a arrebatasse tão cedo? Quantas, que conheceste puras, meigas, e boas, são hoje, modelos de escândalo e perdição? Tens tu certeza, acaso, de que, se a Helena tivesse morrido há quatorze anos, ficando a tua Dulce no mundo, não estaria o Agostinho chorando de saudade, e tu, em seu lugar, chorando de vergonha?

Conheces, talvez, como leitor de velhos livros brasileiros, o drama de Joaquim Manuel de Macedo em que um rapaz, tendo cegado no vigor da mocidade, abençoava, como namorado, o infortúnio que o ferira. Abençoava-o porque, tendo perdido os olhos quando amava a mais linda moça que havia conhecido, se recordava que não a veria envelhecer, e que ela permaneceria, eterna, na sua lembrança, com os mesmos traços e os mesmos encantos da juventude. Assim, meu excelente Silvério, devem ser os que perdem uma espôsa gentil, jovem e pura, como te aconteceu. Faze, pois, da desventura da tua mocidade o consôlo da tua velhice. Mais vale ser o viúvo de uma mulher honesta e santa, que dorme num túmulo, do que ser o marido de uma que vive na abominação. E é a mulher santa, Silvério, que se transforma na mulher impura. E' aquela flor que se transmuda nesta lagarta.

Tranquiliza, assim, o teu coração, e confia na sabedoria do Destino, que é grande, e na de Deus, que é eterna.

XXIX

O MENINO DO MORRO

(Machado de Assis)

HÁ vinte e cinco anos, precisamente na data de hoje, falecia no Rio de Janeiro, em uma quieta e sombreada casa do Cosme Velho, um ancião que recebera na pia católica, e nas letras profanas, o nome de Joaquim Maria Machado de Assis. Contava, ao morrer, quasi setenta anos. Era miúdo e calado de figura, mulato de sangue, escuro de pele, e usava uma barba curta e de tonalidade confusa, que lhe dava uns ares de antigo escravo brasileiro, filho do senhor e criado em casa de boa família. Era gago de bôca, límpido de espírito, e manso de coração. E tornara-se, pelo estudo e pelo trabalho, o mais belo nome, e a glória mais pura, e mais legítima, das letras nacionais.

Ao evocar, todavia, êsse grande morto de há um quarto de século, o que me vem à lembrança, ou, melhor, à imaginação, não é o autor de algumas das obras imperecíveis da nossa língua; nem o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras; nem o chefe de secção do antigo Ministério da

Viação e Obras Públicas: é o menino de 1849, o filho de "mestre" Francisco e da Maria Leopoldina, do morro do Livramento; o sacristão do padre Silveira Sacramento na igreja da Lampadosa; o aprendiz de tipógrafo e revisor da Imprensa Nacional. E', em suma, o garôto humilde, e o rapazola obscuro, de que devia sair, aos poucos, uma das individualidades mais fortes e mais expressivas da cultura brasileira, em todos os tempos.

O Machado de Assis que me vem aos olhos do espírito neste momento, é, assim, o do morro carioca, no período mais ignorado e, quiçá, mais venturoso da sua vida. E' o pequenote de dez anos, com a sua carinha escura e pálida, com todos os estigmas da criança pobre. Pela manhã, com o sol ainda embrulhado nas nuvens do horizonte, sai êle da casinha triste de operário modesto, a calça de riscadinho acima do joelho, os pés descalços, a camisa aberta no peito. Vai lá em baixo, na rua, comprar, para a mãe doente e cansada, a libra de carne, e um pouco de arroz. O pai, madrugador, já se foi para o trabalho, dar as últimas pinceladas no frontispício de uma casa, para as bandas de Botafogo. Tendo de fazer a viagem a pé, saiu ainda com escuro. E o menino Joaquim Maria lá se atira, morro abaixo, assobiando, e abaixando-se de vez em quando, afim de apanhar uma pedra,

com que espante um lagarto ou faça pontaria num passarinho... Quem encontrar, naquelas alturas, e àquela hora, o filho da Maria Leopoldina, dirá, por acaso, que êle possa escrever, um dia, o *Memorial de Aires* ou as *Memórias póstumas de Braz Cubas?*

Às nove horas, lá se vem êle, de novo, para a rua, descendo o morro. Aonde vai, que vem de roupa mudada? A calcinha é a mesma. A camisa foi, porém, substituída por uma blusinha do mesmo pano grosseiro, e traz, agora, chinelas de couro, que arrasta na ponta do pé. Vai para a escola, o filho de "seu" Chico Pintor. E leva debaixo do braço, apertando-a, uma caixa pequena e suja, dentro da qual vai o livro primário, de fôlhas amarrotadas, em que está aprendendo a ler. Encaminha-se para a escola, mas o seu pensamento não está, ainda, nas *Americanas* ou no *Dom Casmurro*. Está inteiro, nuns maracujás, que viu no quintal do capitão Quintiliano, quando espiou por cima da cêrca, e em umas rôlas mariscadeiras que vira no abacateiro e contra as quais experimentara inùtilmente, quatro vezes, a baladeira que fabricara na véspera.

Passam-se, porém, quatro anos. O filho da Maria Leopoldina é, agora, sacristão da Lampadosa. Ainda mora no morro; mas, hoje, sai de casa antes do pai, porque é pre-

ciso amanhecer lá em baixo, na igreja, para ajudar a missa de padre Sacramento. O vinho ficou nas galhetas, e todas as paramentas estão prontas, arrumadas cuidadosamente no gavetão da sacristia. Mas padre Sacramento quer que êle abra a igreja, e varra o estrado do altar, todas as manhãs, por causa das pulgas. E o menino Joaquim Maria não tem a menor idéia, ainda, do ritmo das *Falenas* e do enrêdo do *Quincas Borba.*

Maria Leopoldina morreu. Chico Pintor casou-se de novo. E o Joaquim Maria é, agora, aprendiz de tipógrafo. Ao amanhecer, desce o morro, e passa, ainda, na Lampadosa. Não ajuda mais a missa. Mas gosta de entrar no templo. Aquele silêncio, aquele recolhimento, aquele cheiro de velas que se queimam, enchem-lhe a alma de uma doçura exquisita, e de carícias o coração. Pensa nos santos. Mas ainda não pensou na *Ressurreição* nem se lembrou, ainda, de *Esaú e Jacob.*

Depois, entra-lhe pela vida a livraria de Paula Brito. Nasceram-lhe os primeiros versos. E Joaquim Maria Machado de Assis, aparecendo à luz da História, perde todo o interêsse para mim, porque deixou de ser o menino do morro, o filho da Maria Leopoldina, o sacristão da Lampadosa, o aprendiz modesto e obscuro da Imprensa Nacional.

Há um quarto de século, no dia de hoje, morria o filho triste do pobre e honrado Chico Pintor, do morro do Livramento. E terá, dentro de poucas horas, a sua homenagem. Rapazes que lhe amam a obra e lhe admiram a vida, e que fundaram uma instituição que o tem por patrono, irão, hoje, cobrir de flores o seu túmulo. Farão mais: irão à Escola Municipal que tomou o nome do pequenote do morro do Livramento, e distribuirão, por todos os alunos, a história da vida humilde do sacristão da Lampadosa. E dir-lhes-ão:

— Meninos, o filho de Maria Leopoldina, lavadeira da roupa dos brancos, chamou-se, mais tarde, Joaquim Maria Machado de Assis. Glorificai o seu nome! Honrai a sua memória!

Machado, meu mestre, tu não morrerás. Tua lembrança está, viva, na alma dos moços, e o teu nome, ainda mais vivo, no coração das crianças!

Louvado sejas, assim, na tua glória, ó doce e triste menino do morro do Livramento!...

XXX

MÃE SINHÁ

Sala de jantar de casa antiga. Móveis coloniais autênticos, e altos e vistosos como frontarias de catedral. Junto a uma porta dupla, que dá para o pomar, uma cadeira de embalo. Na cadeira de embalo, um croché nas mãos, os olhos baixos acompanhando o movimento da agulha, uma senhora gorda e clara, cabelos brancos e cortados, aparentando sessenta e cinco anos. E' Dona Leocádia, ou, mais familiarmente, MÃE SINHA'. Há uma hora está alí sòzinha com os seus pensamentos. E são êles que, de vez em quando, lhe enrugam a testa, escondendo ainda mais os seus olhos azues, ou lhe franzem os lábios murchos, num movimento que pode ser de zombaria ou de repreensão.

De repente, a campainha retine na copa, anunciando gente à porta da rua. Uma criadinha preta e fina, calçada de "tenis", atravessa, como uma sombra, a sala de jantar. O trinco estala. Escutam-se passos, palavras, o ruído de uma sombrinha na chapeleira. E surge à porta do corredor uma senhora de quarenta anos, mas guardando no porte esbelto, na pele em que os cremes e as tintas procuram reparar as primeiras rugas irremediáveis, os vestígios de uma formosura que devia ter sido impressionante. E' TERESINHA GUEDES.

MÃE SINHÁ *(abandonando o croché)* — Ah, és tu, minha filha? Ainda há pouco telefonei para a pensão, e soube que tinhas saído.

TERESINHA *(atirando para cima da mesa de jantar o chapéu de palha, pequeno e elegante, que lhe deixa empastado na testa o cabelo "marron", pintado na véspera; e debruçando-se para beijar Mãe Sinhá)* — Mamãe falou mesmo com Lucí? Ela ia ao dentista...

MÃE SINHÁ — O dentista mudou a hora. Só a atenderá amanhã. E a pobrezinha ficou em casa... Coitada da minha neta!

TERESINHA — Lucí não saíu porque não quis, mamãe. Eu não a detenho. A senhora bem sabe disso.

MÃE SINHÁ *(mansamente)* — Sei, sei... Eu sei que ela não sai, porque não quer. E é exatamente por isso que eu lhe quero tanto bem. E' uma menina fora do seu tempo, um coraçãozinho que pouca gente hoje compreende... *(Pausa)* E o que me penaliza mais, é que, sendo tão boazinha, esteja condenada a não encontrar um marido.

TERESINHA — Mamãe acha que isso é um mal?

MÃE SINHÁ — Não era essa a tua opinião quando tinhas dezessete anos?

TERESINHA — Sim, mas os tempos eram outros. Podia-se ainda sonhar com um espôso, com um lar, com uma família, nos moldes antigos. Hoje é o que mamãe está vendo.

MÃE SINHÁ — Sim, minha filha, sim, concordo. Mas, de quem é a culpa? Quem é o responsável pelo destino da tua pobre filha, e de tantas meninas da sua idade? E's tu; são as senhoras da tua geração.

TERESINHA — Ora, mamãe, não diga isto. Responsáveis são os homens, os pais dessas meninas, os maridos como o meu, que não souberam conservar a espôsa que escolheram, dando ensejo aos pedidos de desquite. Os culpados são êles; êles só!

MÃE SINHÁ — Não te exaltes, minha filha; não te exaltes. Tu vives num ambiente envenenado, entre senhoras tão infelizes como tu, de modo que ainda não pudeste ouvir a voz da razão. Vem cá. Chega a tua cadeira mais para perto de mim... Põe a cabeça aquí no meu ombro, como fazias quando eras pequenina... Assim... Agora, vais ouvir a opinião da tua mãe, sôbre a tua vida... Queres?

TERESINHA *(irônica)* — Vamos ver o que sai daí...

MÃE SINHÁ — Eu acho que os responsáveis pela sorte das mocinhas de agora, destinadas, em grande número, a ficar para tias, são vocês, são as mães como tu.

TERESINHA — Eu já esperava por êsse pedaço de sermão...

MÃE SINHÁ *(paciente)* — Espera... espera... Escuta-me, primeiro. Tu achas que o teu marido era um bilontra, um bruto, e mais isto, e mais aquilo. E pediste a separação. Muito bem. Mas, tu pensas que

os maridos do outro tempo eram melhores que êle? Tu supões que o teu pai era um santo? Pois, estás muito enganada! Os homens não se modificaram em nada. As mulheres é que mudaram, com a idéia de se nivelarem com os homens, fazendo o que êles fazem. E aí está o resultado: as inocentes como Lucí, pagando por vocês!

TERESINHA — Ora, mamãe! Que é que as meninas de hoje estão pagando por nós? Que é? Diga, mamãe!

MÃE SINHÁ — Espera, minha filha. Não te irrites. Eu ainda não me expliquei.

TERESINHA — Então, explique-se logo. Eu ainda não sei aonde a senhora quer chegar.

MÃE SINHÁ — Eu chego já... *(Pausa)* No meu tempo, como eu já te disse, as desilusões do casamento eram as mesmas de hoje. Mas, quando uma moça era assaltada por uma decepção, sabia que o caso era irremediável e conformava-se. Ficava na sua casa, cuidando dos seus filhos, enchendo as horas e o coração com trabalhos e pensamentos honestos. Tu pensas que eu fui, sempre, para teu pai o que sou hoje? Estás enganada. Oito anos depois do nosso casamento êle era para mim um estranho Se fosse hoje, lá vinha o desquite, lá vinha a separação. Eu, porém, concentrei o pensamento em vocês. Com o tempo, teu pai compreendeu a sua ingratidão para comigo, tornando-se um

marido afetuoso, um excelente chefe de família. O amor não voltou mais. Mas veio no seu lugar a amizade. E hoje somos dois velhos que se estimam, que se confortam um ao outro, e transformam em saudades boas até as pedras em que feriram os pés pelo caminho.

TERESINHA — E o amor-próprio, mamãe? Então, uma mulher não deve ter amor-próprio? Ora essa!

MÃE SINHÁ — Deve, sim. Mas é preciso não confundir amor-próprio com orgulho, principalmente com um orgulho que vai custar à mulher não só a solidão para o resto da vida, mas, ainda, a infelicidade das filhas... *(Pausa)* Estás, talvez, dizendo contigo mesma, que a mulher enganada tem o direito de enganar o marido. Mas, quem perde com isso? Ela; ela só, porque para vingar-se de um homem, vai, quasi sempre, encher de vaidade outro homem, tão infame como seu marido, e fazer a desgraça de outra mulher... Eu devia mesmo dizer-te, que, para hostilizar um homem, que é espôso, vocês, mulheres modernas, não fazem senão destruir a felicidade umas das outras, e tornar os homens cada vez mais presunçosos e arrogantes com vocês. O homem, hoje, não é senão uma arma venturosa com que a mulher infeliz combate a sua irmã feliz, tornando-a igualmente desgraçada com a conquista do seu marido.

TERESINHA — E que tem com isso o destino de Lucí, que é quasi uma criança?

MÃE SINHÁ — Tem muita cousa. O sonho de Lucí é um casamento feliz. Mas, onde encontrar êsse casamento feliz? Dia a dia, êles se tornam mais raros. E as culpadas? São vocês, as desquitadas. Quais são os rapazes que hoje se casam? Um ou outro pelintrote desempregado, quando desconfia que o pai da moça tem dinheiro. Os outros, os que dispõem de recursos, não jogam mais a cartada perigosa. E por que? Porque, se êles podem ter uma companheira provisória sem nenhuma responsabilidade, preferem, naturalmente, viver com uma desquitada, à qual o marido ainda fornece mesada, a ir buscar na casa dos pais uma menina para espôsa. Entre as tuas amigas, tu tens os exemplos que quiseres. Com quem vive a Nenê? Com o Ramalho. Com quem vive a Lila? Com o Braga. Se não fossem elas, o Braga e o Ramalho não seriam excelentes casamentos para moças de família? Depois, é o pavor. A quantidade de desquites, sob os pretestos mais fúteis, amedronta os rapazes. Se êles têm de casar hoje para separar-se da espôsa amanhã, deixando-lhe na mão a metade da sua fortuna, para que aventurar? E aí está porque uma criaturinha como a Lucí está condenada, e inocentemente, a não ter nunca um companheiro como merece.

TERESINHA *(pondo-se de pé, e colocando o chapéu)* — Era tudo o que mamãe tinha para me dizer?

MÃE SINHÁ — Para dizer, era, porque o resto...

TERESINHA *(detendo-se, com arrogância, à porta do corredor, sem despedir-se da Mãe Sinhá)* — Conclua.

MÃE SINHÁ *(docemente)* — O resto, virás a saber muito cedo, quando chegar a hora da solidão... *(retoma a agulha e a linha. E as lágrimas começam a lhe molhar o croché).*

XXXI

A MORTE DE DJELMAKO

"Acaba de falecer, aos setenta e cinco anos de idade, vítima de uma queda quando trabalhava no arame, o equilibrista Djelmako, que se exibia fantasiado de índio, e que era, na realidade, o acrobata francês Jacques Blanc".

(Telegrama de París)

QUANDO êle completou cincoenta anos e o corpo começou a curvar-se ao pêso dos dias vividos, o empresário chamou-o e disse-lhe:

— "Monsieur" Blanc, o seu contrato, que se acha prestes a terminar, não será renovado.

— Por que, senhor diretor? Não estarei trabalhando ao seu contento?

— Ao meu, está; mas o público principia a manifestar desagrado com a sua presença.

— Eu não tenho feito bem os meus números? Não tenho, mesmo, com risco da vida, aperfeiçoado o meu trabalho?

— Tem, não contesto. Mas o senhor trabalha é para o público, e não para mim. E eu não posso conservar o seu nome no pro-

grama desde que o senhor deixou de interessar ao público.

— E a que o senhor diretor atribue essa atitude da platéia?

— Quer que lhe fale com absoluta franqueza, "Monsieur" Blanc?

— E' favor, senhor diretor.

— Pois bem. Vou dizer-lhe a verdade. O público não se interessa mais pelos seus números porque o senhor, hoje, é um velho.

— E êste velho não trabalhará melhor que os moços, senhor diretor?

— Trabalha, sim.

— Que me falta, então, senhor diretor?

— Falta ser moço!

O velho acrobata Jacques Blanc baixou a cabeça, amarfanhando o chapéu entre as mãos. Desde menino tomara gôsto por aquele exercício, de que fizera, mais tarde, profissão. A princípio, andara sôbre cordas que êle próprio estendia, em casa, e sôbre as quais se equilibrava, realizando prodígios de agilidade e de calma, nos momentos de perigo. Até que entrou, em Marselha, sua cidade natal, para uma companhia de variedades, e saíra a correr mundo, ganhando muitos aplausos e pouco dinheiro. Percorrera a terra toda em visita aos povos mais diversos no gôsto e mais exóticos na figura. Escutara as vozes do entusiasmo, ora tornadas em urro, ora resumidas em beijo.

E eis que, de repente, ouvia do seu último empresário aquela verdade, que êle próprio já havia suspeitado, mas em que, menos por modéstia do que por terror, não queria crer. Tinha tudo para ser um grande artista do seu gênero: serenidade, prática, experiência e uma técnica desconhecida dos moços. Mas não possuía mais mocidade. E a gente nova que formava as platéias, olhava-o, já, como um intruso, como um fantasma que continuava a marchar sôbre um arame, quando devia estar, já, ou recolhido ao túmulo, ou sentado à lareira, contando histórias aos netos!...

No dia seguinte, Jacques Blanc procurou o empresário.

— Senhor diretor, — disse-lhe, — eu creio ter descoberto um meio de harmonizar as exigências da platéia com os meus interêsses.

— Explique-se, "Monsieur" Blanc.

— Eu tomarei outro nome, e não aparecerei em público senão fantasiado... de velho. Simularei ser... aquilo que sou... Vamos embarcar para a América, não é verdade? Pois, em chegando à América, eu me apresentarei como um velho índio que anda no arame... Quem sabe se não agradarei, senhor diretor?

Semanas depois, quando a companhia de variedades estreou em Montreal, um dos

números de sensação foi aquele "Pele Vermelha" que se dizia ter oitenta anos e que se equilibrava sôbre um fio de arame quasi invisível. Era o famoso Djelmako, o invencível cavaleiro da região dos lagos, em cujo peito se viam centenas de dentes humanos, cada um dos quais representava um inimigo morto pela sua mão. E tal foi o sucesso que, quando a companhia regressou à França, Djelmako se tornou, aí, a maior atração dos espetáculos. E assim como Jacques Blanc outrora recebia aplausos porque era moço, o índio, em que êle se transformara, os recebia, agora, porque era velho.

Vinte e cinco anos durou a simulação. O empresário morreu. Outros assinaram contrato com Djelmako. Ninguém se lembrou mais de Jacques Blanc, desaparecido da cena e do mundo. Nem Djelmako mesmo se recordava dêle. Até que, há dois meses, no momento em que o velho índio, todo curvado, com as suas penas à cabeça, marchava sôbre o arame perante uma platéia emocionada, sucedeu que a vista lhe faltasse, e o antigo e terrível cavaleiro da região dos lagos tombou no tablado, ferindo-se gravemente. Levado para o hospital, ficou alí, entre a Morte, que queria levá-lo, e a Vida, que o não queria mais.

Há dois dias, enfim, o velho selvagem morreu. Examinaram-lhe os papéis. Buscaram-lhe as origens.

O índio americano Djelmako, aplaudido com tanto entusiasmo, em toda a Europa, a datar de 1908, era simplesmente o equilibrista francês Jacques Blanc, que contava agora setenta e cinco anos e havia sido afastado do palco por velhice, e não agradar mais à platéia, em 1907!

XXXII

O DIA DAS AVES

O dia de hoje é consagrado às aves pelas crianças de alguns colégios do Rio de Janeiro. E, embora não conheça o programa das festas em que manifestarão o seu amor e a sua proteção a essas pequenas irmãs de asas, eu venho, em nome das crianças da minha geração, hoje toda de cabelos brancos ou dormindo na gaiola dos túmulos, bater palmas e essa iniciativa.

Nenhum movimento é, nesta hora, tão simpático, nem tão oportuno como êsse. As aves do Brasil acham-se, desde os tempos mais remotos da nossa história, expostas às mais inclementes perseguições. Sem terem jamais, pertencido a partido algum contrário ao govêrno, ou promovido revoluções ou proferido, sequer, discursos inconvenientes, os papagaios sofrem, desde o período colonial, a pena de deportação. Homens sem alma trocam-nos por mercadorias a bordo dos navios alemães e ingleses em todos os portos do nordeste. E êles, exilados, vendidos pelos seus irmãos como José aos mercadores, continuam, longe da pátria, cantando e gritando na língua natal! Sabiás e ga-

turamos, bicudos e corrupiões, pipiras e primaveras, canários e tucanos, saracuras da beira dágua e seriemas do fundo do campo, arapongas que têm a forja no bico e sururinas que trazem o gemido no coração, — vivem hoje na sua terra, como os cristãos em Roma no tempo de Domiciano. O alçapão, a arapuca, e a espingarda, despovoam matas e sertões. Um sôpro de maldição e de morte aniquila os donos do espaço, como aniquilou o índio, dono da terra. E as frondes vão ficando caladas. E as viagens vão se tornando monótonas. E o céu se vai despindo dos enfeites vivos que Deus lhe deu.

As aves constituem, talvez, com a sua vida, os melhores educadores do homem. Vieira descobriu nos peixes um viveiro de exemplos, no seu famoso sermão de Santo Antônio. As aves ainda lhe forneceriam, porém, lições mais numerosas, e mais belas. As rôlas, com a sua candura; os pombos, com a sua fidelidade; o João-de-barro, modêlo da honra antiga, emparedando a companheira como um florentino de Bocácio, — mestres de sabedoria, oferecidos ao homem. E a cegonha, que prevê as estações e conhece todas as rotas? E essa andorinha paulista, trabalhadora rural, colono sem salário que, para ter casa, limpa da vérmina, com o seu bico, todos os cafesais de Campinas?

Congreguem-se, pois, as crianças do Brasil todo, e reparem, na sua bondade inteligente, os malefícios que eu, e os meninos do meu tempo, fizemos aos pássaros. Declarem guerra à gaiola. Condenem à destruição os viveiros. Lancem à água, onde as encontrarem, as espingardas de caça. Vaiem os caçadores. Iniciem, em suma, por todos os modos, o repovoamento das frondes, para que as matas voltem a encher-se de músicas e de alegria.

Cada ave, com as asas estendidas, é um livro de duas fôlhas, aberto no céu. Protejamos êsse livro. E aumentemos, com essa proteção, a miúda biblioteca de Deus.

XXXIII

NO ARMÁRIO DA MORTE

PARA atemorizar os ambiciosos de fortuna, aqueles cujas entranhas são devoradas pelas serpentes da auricídia, inventaram os gregos a lenda de Midas, e registraram os romanos o castigo militar de Aquílio Mário. Grato a Midas, rei da Frígia, por lhe haver restituído Sileno, encontrado bêbado junto a uma fonte pelos pastores do país, concedeu-lhe Baco a ventura de possuir riquezas imensas, com a faculdade de transformar em ouro todos os objetos em que tocasse. E Midas ia morrendo de fome no meio de tanto ouro, porque se tornavam ouro até os alimentos de que se servia, e até a própria água, toda a vez que procurava beber... Prisioneiro de Mitridates, rei do Ponto, na batalha que lhe dera, Aquílio Mário Nepote é subjugado pelos soldados vencedores, que lhe escancaram a bôca. E pela bôca aberta lhe derramam ouro em ebulição, para que êle beba, e coma, até morrer, o ouro que procurava Roma, fazendo a guerra... O utilitarismo do nosso tempo fez esquecer, entretanto, os males que o dinheiro acarreta para quem o tem. E, no entanto, êles aí

estão, cada dia, na vida miserável dos ricos, no suicídio dos argentários, nos crimes praticados por aqueles que ambicionam riquezas e, não menos, por aqueles que as possuem.

Os últimos anos de existência dessa pobre milionária, Josina do Amaral, há dois dias falecida em São Paulo, constitue, ainda agora, um documento eloquente e amargo da maldição que, não raro, acompanha as grandes fortunas. Amaldiçoando o ouro, escreveu Francisco de Quevedo:

"Mental de la quietud siempre enemigo;
Pues la naturaleza, viendo que era
Tan contrário á la santa paz primera,
Por danoso y contrário á quien le estima
Y por más escondernos sus lugares,
Los montes le echó encima
Y sus sendas borró con altos mares."

E em outra passagem:

"... Y que juntas tesoros, si se advierte,
Para comprar deseos de tu muerte."

Possuidora de um patrimônio superior a cincoenta mil contos, a velhinha Josina do Amaral, sentindo aproximar-se o fim dos seus dias, fez testamento, legando a filhos e netos, na conformidade da afeição que lhes votava, os títulos, as propriedades e o dinheiro de que era dona. Como, porém, a

partilha só devia ser feita após a sua morte, instituiu procurador um dos seus filhos, para lhe gerir todos os bens. Os demais herdeiros têm, todavia, notícia do que lhes irá caber um dia na distribuição do legado, e temem que o administrador extravie a fortuna de que é depositário. Requerem a intervenção da Justiça, a destituição do procurador, e que a testadora seja submetida a exame de sanidade, e internada num estabelecimento hospitalar, sob vigilância. Instaurado o processo, um dos promotores dêle desaparece misteriosamente. A Polícia, informada do fato, põe-se em campo, estendendo as pesquisas não só ao interior do Estado de São Paulo, como aos de Minas, do Rio de Janeiro, do Paraná, de Santa Catarina, e de Mato-Grosso. E emprega esforços nesse sentido, quando se vê na contingência de voltar os seus cuidados para a própria capital paulista, onde a velha Josina acaba, também, de desaparecer, sem que ninguém lhe conheça o paradeiro. Os cincoenta mil contos de herança da septuagenária arrebataram, talvez, criminosamente, à vida, a doadora e um dos legatários.

De súbito surge a primeira confirmação aparente dessa suspeita: um dos herdeiros apresenta um atestado de óbito da milionária, que teria, enfim, cessado de viver, em uma fazenda de sua propriedade. Iniciam-se, porém, as sindicâncias. O atesta-

do é falso. A velha Josina continua desaparecida mas ainda não se transportou para o outro mundo. Está neste mesmo... Enquanto isso, a mísera, imbecilizada pelo sofrimento e pelos anos, rola, incógnita, prisioneira de um grupo de parentes, em um automóvel, pelo interior do Brasil. A sua carne, macerada por quasi oitenta anos de vida, é sacudida, abalada, torturada por milhares de quilômetros de estradas de rodagem, dia e noite, e mais de noite do que de dia, debaixo, às vezes, de temporal. Na idade em que as mendigas repousam sôbre os seus molambos no fundo de um casebre, reanimando as energias sobreviventes, ela não pode ter, sequer, a ventura de um sono, e o confôrto de algumas horas na sua cama! E qual o seu crime? Que delitos terá praticado? Estrangulou algum neto? Roubou os filhos alheios? Envenenou a água destinada às crianças? Deixou alguma bomba de dinamite à porta de um hospital? Não; a sua mão trêmula não é acusada de nenhum dêsses crimes tremendos. Por que, então, lhe infligem êsse castigo de errar dia e noite, dentro de um carro clandestino, por estradas ínvias e desertas, até que tombe morta, exhausta de fadiga e de torturas morais, numa punição equivalente à das feiticeiras antigas, que bebiam o sangue dos inocentes? Por isto, apenas: porque possue cincoenta mil contos! Porque o destino a fez senhora

de uma fortuna enorme, cujos herdeiros não querem esperar a sua morte! Porque Deus a fez rica, e ela está custando a morrer, impedindo, com a sua vida, que aqueles a quem dera a vida, e que acalentara nos braços, entrem imediatamente na posse da herança que lhes há de deixar!...

Um dia, porém, o automóvel pára. A velhinha é arrancada, sem fôrças, das almofadas. Nem sabe, ela própria, onde está. Levam-na para o interior de um prédio, cujas portas se fecham. Na casa quieta, destinam-lhe um quarto, em que só entram pessoas muito íntimas. Levam-lhe aí os alimentos. Um mistério terrível envolve a sua presença. E uma espécie de má-vontade, de irritação porque ela continua a viver. Uma tarde, há grande alvorôço na casa. Uma senhora jovem corre ao quarto, e obriga-a, nervosa, a erguer-se da cama. Abre um grande armário, empurra-a para dentro do móvel, tranca-a, e tira a chave. E a velhinha, a pele do rosto caída, a fisionomia cansada, os olhos mortificados pelas vigílias e pelos pensamentos acabrunhantes, deixa-se ficar, sem um movimento, no silêncio e na escuridão daquele esquife em que a meteram. Calada e mansa, pergunta a si mesma o motivo de tudo aquilo. Por que motivo aquelas pessoas a quem tanto ama a submetem àqueles suplícios? Que mal terá feito aos outros, sem o saber, para que a tratem daquela maneira?

Horas e horas permanece, assim, submetida àquela tortura. Doem-lhe as costas; doem-lhe as pernas; dói-lhe o corpo inteiro, naquela posição. Mas não se queixa, não grita, não protesta. Desce a noite, lá fora. Sente fome; sente sêde. Mas sofrerá tudo com resignação. Até que, sùbitamente, o armário é aberto. E ela se vê, assustada, na presença de homens estranhos, de caras que nunca vira, cujos braços a suspendem, e a conduzem, escada abaixo, para outro automóvel... Aonde a levarão, porém, desta vez? Quantas noites irá passar, de novo, sem dormir, sacudida por estradas ínvias, levada por vales e montanhas? A viagem é, entretanto, breve. Ao fim de meia-hora, tiram-na do carro. Entra em uma casa cheia de gente, guardada por muitos soldados. Um senhor, sentado diante de uma pequena mesa, faz-lhe perguntas. Responde automàticamente, vagamente, sem acusar ninguém. Para que dizer a verdade, se está no fim da vida, e se aqueles que a tem feito padecer tanto, são, todos, carne da sua carne, sangue do seu sangue, pedaços do seu coração, transformados em inimigos impiedosos ùnicamente por causa do seu dinheiro? Embarcam-na, todavia, em um trem. Chega a São Paulo. Novos interrogatórios. Novas interpelações, que lhe deixam o cérebro confuso e o corpo exhausto. Adoece. Vai para um hospital. Arrebatam-na outra vez. Detém-

-na, de novo, a Polícia. Até que, vencida de todo, após mais de um ano de tormentos, não pode mais, e sucumbe! Sucumbe, vítima da ambição daqueles a quem amava! Sucumbe pela maldição do seu dinheiro! Sucumbe porque era rica e os herdeiros não se conformavam que ela custasse tanto a morrer!...

E ei-la, finalmente, metida, o corpo estirado, as mãos cerradas sôbre o peito, em outro armário de madeira. Armário estreito, e raso. Armário forrado de pano preto, cujas duas portas, enfeitadas de galões dourados, se fecham sôbre a sua pessoa e que desce lentamente ao seio sossegado da terra!

E' o último armário. E', enfim, o armário da Morte...

E assim cessaste de sofrer, ó Santa Josina, mártir do calendário moderno! Assim terminou o teu suplício, pela culpa de teres ficado rica no mundo, e ao alcance da ambição de herdeiros sem alma nem coração! Mas a tua vingança é segura, ó Josina! Êles ficarão com os teus títulos, com as tuas propriedades, com o teu dinheiro. Mas o castigo é inevitável.

Outros armários esperam por êles...

XXXIV

O "PRIMEIRO MESTRE"

ALGUMAS escolas da cidade festejaram, anteontem, o Dia do Primeiro Mestre. Eu não tomei parte nessa homenagem. Eu, aluno relapso, não comparecí à escola. Eu, mais uma vez, embora contrariando o meu coração e o meu espírito, vi, ao lado do meu nome, na lista de comparecimento, o F. sinistro, a consoante fatídica, denunciando a minha vadiação dêsse dia: "Faltou"!

Mas, o culpado não fui eu, mestre Agostinho Simões, de Miritiba! A responsabilidade não me cabe, mestra Sinhá Raposo, da Parnaíba! Perdoe-me por esta vez, ó minha mãe! Eu não comparecí porque não sabia que era dia de escola. Eu faltei porque pensava que não havia aula. Supunha que fosse feriado ou dia santo. Mas, aquí estou com o meu ramalhetezinho de flores. Ramalhete de menino pobre, cujo pobre jardim fica no fundo do quintal, junto do poço, para ser molhado pela água que escorre do banheiro. Duas dálias, apenas, e mangericão. Vermelho e verde. O combate vivo e a esperança morta.

A quem cabe, porém, esta lembrança votiva, que trago na mão? A quem devo entregar êste modesto apanhado de mangericão e dálias? Quem foi, na realidade, o meu "Primeiro Mestre"? O sr. Agostinho, que morreu cego dos olhos depois de haver aberto os olhos a tanto espírito? Mas, êsse nada me ensinou, porque eu fugí da sua escola no primeiro dia de aula. Mestra Marocas? Esta veio muito depois, quando eu sabia, já, decorada, a história do Polichinelo, do segundo livro de leitura de Hilário Ribeiro. E', pois, seu, o ramalhete, ó mestra Sinhá! Onde anda, porém, a senhora, neste mundo tão grande, na sua vida de pobre, como simples fragmento de palha que o vento e a correnteza levam na cabeça da onda?

Eu ia para a sua escola pública, de calcinha curta, as pernas cobertas de perebas, os pés metidos nos meus tamancos novos, de quatrocentos réis o par, comprados na feira. E, vai para quatro anos, após trinta e cinco de separação, nos encontramos, de novo, no Rio de Janeiro, à esquina da Avenida com a rua da Assembléia.

— Humberto, que é que você faz aquí no Rio?

— Nada, minha mestra; eu sou deputado... E a senhora?

— Eu? Estou empregada nesta rua mesmo. Alí, na Casa Rocha... Limpo vidros de óculos...

A senhora me achou velho. Eu achei a senhora moça e, ainda, miúda e gentil. O menino dos tamancos, passados trinta e cinco anos, estava mais idoso que a moça da palmatória. Na minha cabeça havia mais cabelos brancos do que na sua. No meu rosto, mais rugas do que no seu. E, no meu coração, mais desenganos, talvez, do que no seu coração. E eu votava leis. E a senhora limpava óculos... Parámos um instante, conversando. Recordei a escola, aquela parte da carta de A. B. C. em que se diz que o "amor de Deus é o princípio da sabedoria". E repetí, baixinho, como há trinta e nove anos, em Parnaíba:

— Um e um, dois... Um e dois, três... Um e três, quatro...

E agora:

— Um, menos um, nada!

Aquí tem, entretanto, a senhora, mestra Sinhá, êste preito de gratidão comovida. Participando, embora com atraso, das festas ao "Primeiro Mestre", é para a senhora, tão humilde como o seu discípulo, que vai o meu pensamento. Receba, pois, na sua mão quasi infantil, que o anel de casamento não profanou, êste pequeno ramalhete simbólico. Ramalhete de pobre: duas dálias, e mangericão.

Mas, mestra Sinhá, olhe bem: isto é dália, ou saudade?

XXXV

CANTIDIANO

CANTIDIANO Bermudes de Oliveira entrou para o Tesouro Nacional, após um concurso brilhantíssimo em que "colou" apenas dois terços das provas, em 1908, e em 1910 começava a sua existência de Judeu Errante, em peregrinação pelo país inteiro, servindo em todas as Alfândegas e Delegacias Fiscais. Sendo Ashverus, como se sabe, funcionário da Fazenda do Império Romano destacado na Judéia quando Jesús de Nazaré o amaldiçoou em Jerusalém, a sentença que o fulminou estendeu-se a todos os oficiais do mesmo ofício, os quais continuam na terra a sua sina, vagando de cidade em cidade, sem direito às delícias de um lar duradouro e definitivo. E Cantidiano, participando da sorte a que foi votada a sua classe, passou a percorrer o Brasil, do Recife a Cuiabá e de Jaguarão a Manaus.

O homem que muito anda não é, todavia, o que primeiro perde o coração. Cantidiano era uma prova. Ao fim de quinze anos de vida errante, o coração lhe batia no peito, pendurado pelo lado de dentro, como um pássaro cuja gaiola se conserva no interior

da casa. Não havia amado ainda. Profundamente doméstico por educação e temperamento desejava ter o seu lar, o refúgio para a velhice, o pôrto para a hora da tempestade. Mas havia uma dificuldade que impedia a realização dêste sonho. Nascido na Capital da República, em cujos subúrbios ferroviários formara o caráter, êle considerava o Rio de Janeiro uma cidade de perdição. A virtude conjugal, na sua opinião, era um produto provinciano, como o cuscuz com côco, o sururú com arroz, a compota de pêssego e o doce de bacurí. Mulher, para êle, só estadual. Rapaz do Rio de Janeiro que se casa no Estado tem, porém, de escolher, uma destas duas desgraças: ou ficar para sempre no Estado, criando galinhas na chácara em que a mulher criou dentes, ou trazer para a Capital da República a sogra, as irmãs da sogra, o cachorro, o gato, e o papagaio da sogra. Cantidiano pesou as duas desgraças, como quem pesa dois côcos na mão. E escolheu a segunda. Entre o destino de marido atribulado e o de marido enganado, preferiu o primeiro. Uma sogra se acaba. Uma deshonra, não. E Cantidiano Bermudes de Oliveira casou-se em uma pequena cidade do Norte, e embarcou para o Rio de Janeiro com a sogra, os sobrinhos, as irmãs da sogra, os filhos da sogra, o cachorro, o gato e o papagaio da sogra. Como ainda havia lugar

no navio, trouxe, também, a mulher. A certeza de que ia viver honrado na cidade perversa pagava-lhe, de antemão, todos os aborrecimentos da viagem.

No Rio, alugou Cantidiano uma casa nas proximidades da estação do Sampaio. O Sampaio era, na sua opinião, um lugar tão carecido de meios de transporte que nem a virtude encontraria trem para fugir. Até que, uma noite, ao chegar em casa, encontrou a sogra chorando, as cunhadas chorando, os sobrinhos chorando, o cachorro chorando. A mulher havia fugido com um vendedor a prestações, o qual, por maldade, não lhe deixara, sequer, o enderêço, para que êle lhe mandasse o resto da família!

A datar dêsse dia Cantidiano virou filósofo. A sabedoria entrou-lhe na cabeça pelos dois buracos que lhe fizeram nela. E é êsse Cantidiano Bermudes de Oliveira que, de vez em quando, me aparece com o seu aspecto melancólico de escriturário com vinte e sete anos de serviço, afim de arejar o espírito, atravancado de artigos e parágrafos, engolidos de manhã à noite, caladamente, na sua mesa de repartição. Os parágrafos são dois vermes enrolados, cuja finalidade é o estabelecimento de graves enfermidades da inteligência.

Ontem à noite, Cantidiano me apareceu. Manso como sempre. E com uma indi-

gestão de reflexões, que datava de duas semanas. Chegou, sentou-se, passou surdamente em revista as suas idéias escondidas, e, concluído êsse trabalho interior, ponderou, como quem fala para si mesmo:

— Desgraçada geração, esta, a que pertenço. Ela está pagando um imposto excessivo para a sua capacidade.

Fitei-o, calado. E êle continuou:

— Veja você... Que fiz eu de mal, neste mundo, para não ter direito a um lar feliz e sossegado?! Nada! E o que me acontece a mim está acontecendo à maior parte dos homens do meu tempo. O lar sòlidamente constituído é, hoje, uma exceção, quasi um escândalo. Noventa por cento dos rapazes que se casaram no decênio em que me casei, estão desquitados, por falta de medida legal mais eficiente e definitiva. Ninguém tem casa! Ninguém tem família!

Os pensamentos de Cantidiano são como os camelos que andam no Deserto. Só êles sabem o caminho que vão tomar. Por isso, não o interrompí. E êle reatou:

— Nós somos as vítimas sem culpa, de uma época de transição. Entre o regime doméstico a que obedeceram nossos pais e aquele sob o qual se estão formando os nossos filhos, há um abismo que a Humanidade devia franquear em oitenta anos, e franqueou em menos de quinze. Minha mãe vi-

via dentro da sua casa. Minha sobrinha trabalha em um escritório, para onde vai e de onde volta desacompanhada. Mas, a minha sobrinha já foi criada no ambiente em que devia viver. Para ela um galanteio não tem a menor significação. Não acredita no que lhe dizem quando ela passa na rua. Está vacinada contra a sedução. Minha mulher, além de provinciana, foi educada no regime antigo. Veio para a rua, enfrentar o mundo como minha sobrinha. Mas possuía uma alma nos moldes de outrora. O primeiro elogio à sua formosura que lhe dirigiram na via pública, pensou que era sincero, verdadeiro, e correspondeu com um sorriso. E lá se foi, despenhadeiro abaixo. Pagou caro, coitada, a culpa de haver adotado hábitos em desacôrdo com a educação recebida. Se tivesse nascido vinte anos depois, no Rio de Janeiro, em vez de ter visto a luz tão cedo, em Mossoró, nada lhe teria acontecido. Seria indiferente às palavras do conquistador idiota como acontece com qualquer moça de hoje, posta desde a infância em contacto com a multidão. Para esta, a amabilidade galante de um pelintra é tão natural e desprezível como o salpico de lama que o automóvel lhe atira na passagem; mas, para a mulher da geração anterior, êsse galanteio representa uma rosa, que não se deixa no chão.

Mandei vir café. O café é o combustível dos filósofos. Cantidiano tomou uma

chícara, virando-a de uma vez, a cara voltada para cima. E insistiu:

— Essa epidemia de separações e desquites que anda por aí é um simples sintoma dêsse desequilíbrio entre a educação de ontem e a vida de hoje. Está acontecendo com as mulheres que foram criadas no lar e quiseram afrontar os perigos da rua o que sucedeu com as galinhas lá de casa. Você não viu ainda a minha criação de galinhas?

— De longe, apenas. As galinhas só me interessam depois de assadas, ou de preparadas em môlho pardo.

— Pois bem. No tempo de minha sogra, todas as galinhas do nosso quintal tinham as asas cortadas. A velha metia-lhes a tesoura nas penas da asa, decepando-as rente. Com o afastamento desta boa senhora, as frangas que nasciam ficavam com todas as penas das asas. Resultado: hoje, as frangas, e até as pintas, sobem para o poleiro com a maior facilidade, ao passo que as galinhas já idosas não ostentam a mesma proeza sem darem dois ou três trambolhões!

— Você acha, então, que a epidemia dos desquites e separações conjugais vai desaparecer? — aventei.

— Eu? Eu acho, sim, — confirmou Cantidiano. — O imposto feminino de infortúnios domésticos tem de ser pago, quasi todo, pelas mulheres que se acham hoje entre os trinta e os cincoenta anos. Coube-lhes, na partilha dos bens e das misérias do mundo, essa desgraça irremediável.

Pôs-se de pé, espreguiçou-se e concluíu:

— Ajudemos as galinhas que tombam do poleiro... Elas não caem por sua vontade... E' que foram criadas sem asas....

Disse isso, e saíu. E quando passou na esquina, os cachorros lhe caíram em cima.

XXXVI

CARTA A UM CIDADÃO DE DEZ ANOS

MEU filho. — Domingo último, quando você veio do colégio passar o dia conosco, deu-nos uma grande alegria, a qual se transformou numa doce e comovedora tristeza, que exige de mim, a você, um rigoroso pedido de desculpas. Eu podia aguardar a tarde de sábado, quando você virá, de novo, para casa. As notícias que constituem segrêdo de família devem ser, porém, contadas a todo o mundo. Confiada secretamente ao público, dá-se a corrida de Maratona, (domingo eu explicarei a você o que é Maratona), procurando, cada um, levá-la em primeiro lugar ao seu destino.

Sabe você o contentamento que me deu, abrindo a portinhola de arame às suas cinco gaiolas e soltando os sete passarinhos que conservava prisioneiros. Há muito tempo vínhamos nós, os dois, discutindo a necessidade cristã dessa medida, defendida por mim hàbilmente, e contestada por você com argumentos de tal forma inteligentes, que eu resolví, desde o primeiro momento, não gastar um tostão para fazer de você um advogado. Debalde lhe falava eu nos encantos

da liberdade, na vida triste daqueles passarinhos presos, a que Deus dera asas, que você inutilizava. Debalde lhe mostrava o tormento daqueles pequeninos sêres delicados, que não haviam cometido nenhum crime, e a que você infligia o castigo que os homens reservam para os grandes salteadores, que matam e roubam o próximo. Debalde lhe punha diante dos olhos a agonia daqueles pobrezitos que não tinham para mover-se, durante o dia todo, mais de dois palmos de cárcere, que aproveitavam pulando aflitamente, incessantemente, de uma trave para outra, quando tinham, lá fora, a um gesto seu, a amplidão. Você vinha, porém, com a sua lógica inflexível, falando-me dos gatos que apanhavam os passarinhos soltos, comparando o confôrto do seu canário com o dos pardais que voejam em tôrno da casa, e explicando, mesmo, com a água limpa que bebia o seu cardeal, quando as aves livres são forçadas, às vezes, a beber na sargeta. De tal forma, em suma, argumentava você, que eu me via na contingência de abusar da minha autoridade, cassando-lhe a palavra e prometendo decretar, ditatorialmente, um 14 de julho para a Queda das Gaiolas. As lágrimas vinham-lhe, porém, aos olhos grandes e escuros, e acabávamos, ou abraçados, chorando, ou zangados, com a promessa de não nos falarmos, nunca mais, durante cinco minutos.

Domingo último, finalmente, a minha lógica sobrepujou a sua por 2 a 1, e você encaminhando-se para o terraço, trouxe de lá, uma por uma, as suas gaiolas, e começou a soltar, um por um, os seus passarinhos. Você tomava cada um, com ternura, entre as suas mãozinhas longas e claras, beijava-o chorando, aconchegava-o ao coração, e, deixando-lhe cair uma lágrima sua em cada asa, afrouxava os dedos, e deixava-o partir... A avezinha rompia o espaço num vôo cansado, de quem já não sabe voar, e ia-se pousar em uma árvore próxima, espanejando-se contente, na volúpia das suas núpcias com a liberdade. E você recolheu a um canto, meu filho, para satisfazer a seu pai, embora com o coração transido e o rosto ensopado de pranto, as suas cinco gaiolas vazias... E devo eu dizer-lhe, acaso, o que representaram para os meus olhos, durante o dia todo, aquelas prisões abandonadas? Elas me recordavam a dôr da sua alma, ao separar-se daqueles passarinhos amigos; recordavam-me as suas lágrimas; recordavam-me a sua luta durante meses para conservá-los. E recordavam-me que, para proteger os pequeninos filhos de Deus, eu tivera de esmagar, eu próprio, o coração de meu filho!...

Mas eu venho trazer-lhe um consôlo, meu filhinho, dizendo-lhe, nesta carta, que tenho a certeza, hoje, de que você tratava

bem os seus passarinhos, e que êles estavam contentes com você. Êles não saem agora, meu filho, das vizinhanças da nossa casa. À noite, partem, vão dormir nas árvores dos morros, ou dos parques alheios. Mas, assim que amanhece, lá vêm êles, para a árvore do terreno próximo, e sempre inquietos, sempre pipilando, como se andassem à sua procura e quisessem falar com você. E' que você fez dos seus prisioneiros seus amigos. E êles querem, talvez, regressar para a companhia do seu dono antigo, ou dizer-lhe um último adeus, antes de partirem para as selvas natais ou para as montanhas distantes...

Fique, pois, contente, meu filho, com esta notícia que lhe dou. E guarde esta lição para toda a vida. Quando os homens têm coração até os prisioneiros beijam a mão de quem os encarcerou. E você tem um lindo coração, meu filho. Eu já sabia disso. Mas os seus passarinhos, agora, me vieram dizer...

XXXVII

CARTA AO DR. JUIZ DE MENORES

REPRESENTANTE do meu Estado, com dois notáveis homens de ciência, ao Congresso de Assistência à Infância, encerrado há poucos dias, nenhuma atuação exercí, ilustre senhor doutor, nesse concílio de especialistas e de espíritos abnegados. Não foi que eu temesse a confirmação do provérbio malicioso, o qual nos avisa que tem de mudar de roupa todo aquele que se mete com gente miúda. Mas porque eu considero a criança brinquedo delicado demais para a rusticidade inhábil das minhas mãos. Até os seis anos de idade os filhos do homem devem ser distração de mãe e de avó.

E' chegado o momento, porém, senhor doutor, de estudar a criança, como fator ou defeito de ornamentação. E é para examiná-la sob êsse aspecto que venho pedir o auxílio da sua experiência e, sobretudo, da sua autoridade. E' pelos mapas antigos que se fazem as mais seguras viagens modernas. E o que eu lhe quero dizer, e lembrar, é o que faziam os soberanos de outrora quando recebiam a visita oficial, e suntuosa, de outros príncipes. Em Roma, quando alí chegava um rei, mesmo africano, fosse êle Juba ou

Jugurta, era tradição estender à plebe a alegria dos patrícios, isto é, da classe aristocrática. Havia distribuição de trigo, às vezes de dinheiro e, não raro, de vinho. E os imperadores se sentiam garantidos. E a plebe se sentia feliz.

Sabe o senhor doutor, pelas notícias dos jornais e pelos galhardetes que enchem os caminhões da Municipalidade, que se acha de viagem para o Rio de Janeiro o Presidente da nação mais rica, e melhor organizada da América Meridional. Quem não ignora, como o senhor doutor e eu, que o país de que é chefe êsse eminente viajante possue apenas doze milhões de almas, e exportou em 1932 produtos num total de 830 milhões de dólares, quando o nosso, com quarenta milhões de habitantes, exportou, no mesmo ano, ùnicamente 180 milhões de dólares, isto é, quasi a quinta parte, compreende, sem dúvida, o respeito de que deve ser cercado o hóspede que vai chegar. E é nessa parte que temos de entrar, o senhor doutor e eu, com a nossa colaboração.

A minha primeira idéia consistiu em nos ocuparmos, os dois, em esconder, durante a permanência do general Agustin Justo nesta capital, as dezenas de crianças esfarrapadas, degradante documento da nossa inferioridade moral, que se exibem, de manhã à noite, nas ruas principais da cidade, e, sobretudo, no largo da Carioca.

Aos meus olhos, senhor doutor, e aos de qualquer homem de cultura mediana como eu, de nada valem os palanques e as bandeirolas quando um povo, que se diz rico e civilizado, apresenta espetáculos confrangedores como aquele que alí se contempla. E aquí lhe venho dizer, senhor doutor, com o coração nas mãos, que nada fiz no Congresso de Assistência à Infância, nem tomei parte num só debate, porque acho que falta autoridade a uma cidade como esta para legislar sôbre as crianças do Amazonas, do Maranhão e de Mato-Grosso, quando permite a mais ignóbil exploração com os pequenitos na sua praça mais central, que deve ser considerada o coração do próprio coração do Brasil. Alí estão, aos olhos do viajante estrangeiro, repuxando a calça aos homens e amarrotando o vestido às senhoras, dezenas de mãozinhas sujas, quasi esqueléticas, pedindo, pelo amor de Deus, um pedaço de pão! Alí correm, acima e abaixo, molequinhos que parecem macacos abandonados, a choramingar um níquel aos transeúntes, mostrando os molambos da roupa, as feridas das pernas, a carência orgânica, patente a todos os olhos! Alí estão, em suma, sentadas nos portais, raparigas quasi meninas, tendo, nos braços murchos, recém-nascidos que parecem fetos, o corpo queimado pela febre, o rosto incendiado pela vergonha!

São os frutos da prostituição, que a miséria recolhe. São os frutos abjetos da cidade faminta.

Conta-se, senhor doutor, que, certa vez, tendo de receber em Pequim a visita de um rei do Sião, ordenou um imperador da China que se tomassem todas as providências para que o hóspede real não tivesse má impressão da sua cidade querida. Urgia, principalmente, limpá-la dos mendigos e dos leprosos, que a afeiavam com a exibição da sua miséria e das suas chagas. E as providências foram tomadas. Em quatro dias, cavaram-se nas vizinhanças da capital algumas dezenas de poços de grande profundidade, nos quais foram lançados, vivos, cêrca de oito mil leprosos e mais de vinte mil indigentes de toda espécie, sôbre os quais os soldados lançaram pez em ebulição, tapando-se depois essas covas, em que ficou dormindo a vergonha pública da cidade imperial. E' essa a sugestão que lhe venho trazer, senhor doutor Juiz de Menores, para que a tome em consideração, na dupla qualidade de brasileiro culto, e de magistrado que tem a seu cargo a vigilância dos seus pequeninos patrícios desamparados. Não estivessem êles tão magros, e eu lembraria a idéia de Swift, propondo que fossem mortos, e vendida a sua carne à população, empregando-se o produto na compra de bombons destinados aos meninos ricos, na próxima noite de Natal. Basta, porém, o seguinte: que se mande abrir, mesmo no largo da Carioca, uma grande fossa, na qual sejam lançadas todas as crianças que pedem esmola no centro urbano, entre o Cais Faroux e a praça Tiradentes. Sôbre a fossa, erguer-se-á, então, senhor doutor, para ser inaugurado pelo general Justo, um monumento à Caridade, em cujo pedestal será gravado êste dístico:

"AOS HOMENS PÚBLICOS DO BRASIL, A INFÂNCIA AGRADECIDA".

XXXVIII

A PARÁBOLA DO TRIGO POBRE

HAVIA Jesús regressado de Jerusalém aonde fôra para a festa dos Tabernáculos, e onde proferira a parábola do Filho Pródigo, a do mau rico e o pobre Lázaro, e a da ovelha desgarrada e o bom pastor, quando começou a espalhar-se em Belém de Judá a notícia do espanto dos fariseus ao ouvir a palavra do novo profeta. Simão Pedro, e Tiago, filho de Alfeu, que haviam acompanhado o Mestre, narravam a admiração dos publicanos, e os comentários dos escribas, no meio da turba, nas escadarias do Templo. E contavam, os dois, contentes, a alguns pastores, o efeito da palavra do Nazareno entre a orgulhosa gente da cidade de Herodes Antipas quando Jesús, de repente, se apresentou entre êles. A tarde começava a cair, cheirosa e lânguida, pondo na luz do céu, e nas cousas da terra, uma resignação de ovelha mansa. As oliveiras, sob as quais os apóstolos falam aos homens simples, balouçam a fronde docemente, acariciadas pelas brisas que vêm de longe, dos lados do mar. Os montes que cercam o lago de Genezaré desenham no horizonte paisa-

gens de sonho e paira, no ar morno, um aroma voluptuoso e casto, de ervas tenras que murcham ao sol.

Jesús chegara tão de leve, que nem as ovelhas que repousavam em tôrno, se moveram, para dar-lhe passagem. E foi mansamente que se quedou a ouvir o que Simão Pedro contava aos pastores. Quando, porém, êste concluiu a narração, pôs-lhe ao ombro a sua mão de sombra, e falou assim, com a sua voz boa e meiga, subida do coração:

— Em verdade, eu te digo, a ti, Simão Pedro, e a ti, Tiago, filho de Alfeu, e a vós outros, homens simples de Belém de Judá; em verdade eu vos digo que a parábola mais santa do reino de Deus ainda não saiu da minha bôca. Escutai-a vós e guardai-a, ùnicamente para vós, dentro do coração, com o zêlo e o cuidado com que um mendigo de Jerusalém esconderia sob o seu manto uma moeda de ouro perdida por um mercador.

As oliveiras aquietaram as frondes, como para escutar. As ovelhas quedaram imóveis, os olhos atentos. E Jesús falou desta maneira:

— Um homem rico de Sichem, possuía boas terras, e entregou-as a dois lavradores de Jesrel, que deviam lavrá-las. Mandou que lhes dessem dois sacos de sementes, prometendo-lhes ir assistir à colheita. O servo que guardara as sementes era, porém, perverso de coração, e, para proteger um dos lavradores, deu-lhe um saco da melhor semente do celeiro, e, para prejudicar o outro, não lhe deu senão semente murcha, de trigo pobre. Cada um dos lavradores tomou conta da terra que lhe era destinada, e preparou-a, e nela semeou. Chegado o tempo da ceifa, o homem rico de Sichem foi ver as terras lavradas. A do lavrador que havia recebido boa semente, estava toda coberta de espigas, demonstrando prosperidade. A do outro, que havia recebido sementes murchas e pobres, apresentava a metade da colheita do seu vizinho.

À chegada do homem rico de Sichem, o primeiro lavrador foi ao seu encontro, e disse:

— Vê como eu trabalhei a tua terra, e dize-me se não estás contente comigo. Cada grão de trigo foi multiplicado por mil. E isso te prova o ardor do meu esfôrço e o prestígio da minha mão.

O outro lavrador aproximou-se também, por sua vez, e disse ao homem rico de Sichem:

— A minha seara, senhor, não é tão rica, mas sempre te oferece alguma cousa. Vê as sementes que me deram. Eram todas murchas e pobres. Conseguí, entretanto, que elas produzissem, e delas obtive, pelo menos, trigo para um pão.

O homem rico de Sichem examinou as sementes com que haviam trabalhado os dois lavradores. E disse ao primeiro:

— Deves ser louvado, porque aproveitaste a boa semente, e a fizeste frutificar. O Senhor Deus te abençoará.

Voltou-se, então, para o segundo, e disse:

— Tu, porém, deves ser, mais que êle, abençoado, e louvado, pois foi maior o teu esfôrço, e, produzindo menos, conseguiste mais. Porque, extraordinário não é que o lavrador tire muito trigo da boa semente; mas que tire algum trigo da semente murcha e sem préstimo. Tu és mais digno da minha confiança do que teu vizinho, porque, enquanto êle fazia muito, ajudado de tudo, tu, desajudado de tudo, fazias alguma cousa. A ti, pois, é que eu entrego as minhas terras porque és tu, na verdade, o melhor lavrador!

Contada essa parábola, Jesús deu o seu sentido:

— Meu Pai, que está nos Céus, é como o homem rico de Sichem. Aos seus olhos, o que melhor trabalha não é aquele que vai semear a sua palavra entre os bons, que já o são pela sua natureza, mas os que a fazem frutificar entre os rústicos, tirando alguma cousa do nada. E Êle abençoará quantos, na terra, façam o milagre do lavrador que, com a semente pobre, deu algum trigo ao homem rico de Sichem!

Disse isso, e afastou-se sem perturbar o repouso das ovelhas.

Abre o Teatro Municipal, amanhã, sexta-feira, as suas portas, para uma festa de boa e santa caridade cristã. Promovem-na em benefício do Patronato e do Ambulatório Infantil da Missão da Cruz, distintíssimas senhoritas e senhoras, que põem a sua graça, e o seu coração, ao mais puro serviço de Deus.

Para compreender o alcance social e a significação moral da festa de amanhã, faz-se mister, todavia, conhecer o objetivo da Missão da Cruz, e a obra por ela realizada em silêncio no seio da metrópole tumultuosa. O seu campo de ação é o mais ingrato, o mais rude, o mais áspero. Forma-o o bairro da Saúde, o bairro miserável, por excelência, desta cidade feliz. Milhares de crianças vivem alí, ou definham, sem escola, sem higiene, sem conselho, e sem pão. Refúgio clássico dos maus elementos humanos, tornou-se toda aquela zona urbana um perigoso seminário de exemplos maus que convinha neutralizar. E foi a êsse piedoso sacerdócio que se propôs a Missão da Cruz educando, higienizando, aconselhando e colocando sob a proteção do seu Ambulatório e

instituindo escolas noturnas e diurnas, do seu Patronato, centenas de pequenos corpos e de pequenas almas, expostas, até então, às investidas da miséria, da peste, da ignorância e do vício. Tomando as sementes mais pobres da terra, tem-nas ela feito germinar, tornando-as em bom trigo, para o pão de Deus e da Pátria.

No extremo da metrópole encantada, há um velho bairro, de ruas tortuosas e sujas, em que as casas sem luz se aglomeram fervilhantes de gente humilde. Milhares de crianças dormem no soalho imundo, ou sôbre colchões sem forma, em porões húmidos e sem claridade. E' em benefício dessas crianças que a Missão da Cruz vai encher de flores e de música, e de arte fina e aristocrática, o mais suntuoso edifício da cidade.

Vós, que sois felizes e viveis na abundância ou no confôrto, ide, pois, a essa festa, colaborando nessa obra meritória e generosa. A vossa alegria há de ser tanta, que se há de derramar, também, um pouco, sôbre as crianças tristes da Saúde.

Auxiliai, em suma, na noite de amanhã, as semeadoras santas e gentís, que tomaram diante de Deus, — o homem rico de Sichem, a promessa de fazer frutificar, na seara dêle, o trigo mais pobre da terra.

XXXIX

JULIANO MOREIRA

(Perfil traçado em 1928)

HÁ um estabelecimento no Rio de Janeiro, no gênero da Câmara dos Deputados, do antigo Casino de Copacabana e de outras instituições de utilidade ou de luxo, que é o ponto mais divertido da cidade. Prédio vasto, ocupando uma área enorme, com uma grade, habitam-no cêrca de dois mil inquilinos, cada qual de ânimo diferente. Morando em grupos ou em compartimentos isolados, há moradores para todos os gostos. Há os que cantam como galos; há os que zurram como jumentos; há os que berram; há os que dansam; há os que gemem; e há os que se quedam, a um canto, silenciosos, resolvendo soturnamente os graves problemas da ciência e do destino. De longe, do sopé da Urca e da rua General Severiano, ouve-se às vezes o barulho dessa multidão heterogênea: gritos de socorro, blasfêmias, urros, cantigas, como se se unissem, alí, num resumo da vida, todas as vozes da terra.

No meio dessa multidão que enche o edifício amarelo e conventual passeia, tranquilo, um homem corretamente vestido,

atendendo ora a um, ora a outro, dos centenares que o procuram. Cabeça grande para o corpo, olhos grandes para a cabeça, é acentuadamente moreno, na côr característica dos mestiços brasileiros. O bigode à Charlot escorregando do nariz, os dentes fortes escorregando da bôca, é, no seu todo, a figura da bondade, da paciência e da gentileza. E', em suma, o bem-aventurado São Juliano, que tem, no século, o nome de Juliano Moreira.

O leitor, se algum dia esteve internado no Hospício Nacional de Alienados, deve saber o que é a vida dêsse eminente homem de ciência, nesse ambiente em que se misturam, de modo tão tumultuoso, a política e a literatura. Furioso, os olhos dansando nas órbitas como os braços de Josefina Baker, aproxima-se um:

— Doutor, isto não pode continuar! Furtaram ontem à noite a minha mulher!...

— E onde estava a sua mulher? — indaga Juliano, simulando atenção preocupada.

— Estava dentro da mala. Eu a pús dentro da mala, fechei-a à chave, e ela desapareceu!

— E' assim mesmo, meu amigo, é assim mesmo! — opina o diretor do Hospício. Não há que fiar: mulher é assim mesmo!

Adiante vem outro, agarrado às paredes:

— Doutor, eu tenho quatro pernas! Toda a noite me nasce uma perna... Que é que eu faço, doutor?...

— Meus parabens, Antônio! meus parabens! — felicita-o o grande psiquiatra.

E abraçando-o:

— Continue com elas que você acabará entrando na Academia de Letras!

Todos os dias, pela manhã e à tarde, percorre Juliano Moreira os seus vastos domínios da Praia da Saudade. E, duas vezes por semana, inicia, na sua mesa de diretor, a audiência geral. Todos os enfermos são atendidos. Êste, quer experimentar com êle um avião de borracha com asas de fôlhas de coqueiro. Atento, o diretor examina os planos, sugere modificações, discutindo com o maluco o problema do mais pesado que o ar. Ao fim de tudo, combina o dia da experiência da cúpula da Candelária. Outro, tem um grave segrêdo de Estado. Descobriu uma conspiração. E ao ouvido de Juliano:

— Querem matar o Imperador!...

— O Imperador?... Não me diga!... — faz Juliano, espantado. — E' lá possível?...

E o doido, com o mesmo tom de mistério:

— O assassino é... o Floriano!...

E conta, ponto por ponto, o plano sinistro, em que se acham envolvidos Prudente

de Morais, Deodoro, Nilo Peçanha e Aurelino Leal.

O que mais encanta, porém, nesse ambiente, o grande especialista, é a alta nobreza do Hospício. Há alí príncipes, princesas, condes, marqueses, fidalgos de todos os títulos. Há, mesmo, na casa, um rei da Itália, um Papa, dois pares de França, um barão e um imperador negro, do Haití. O peor da gente nobre, é, contudo, a classe das damas de sangue azul. Chega uma velhota, gorda, ares distintos, vestida de sêda preta especialmente para aquela audiência. Diante da mesa, faz três mesuras, como as marquesas do século XVIII. Mandada sentar-se, pede, respeitosa:

— Senhor diretor, é preciso que v. exa. tome uma providência contra êsse abuso. A tal senhora baronesa de Guarapuava continua a usar indevidamente o meu título!

E com indignação:

— Ainda ontem, o sr. barão de Loreto contou-me em casa do sr. visconde de Barra Mansa, que a sra. condessa de Itamaratí convidara a baronesa de Guarapuava para uma festa. Ora, a baronesa de Guarapuava sou eu. A que anda por aí com êsse título é uma impostora. Prevaleceu-se dos papéis que eu perdí, vendeu a minha fazenda, os meus prédios e os meus escravos, e eu, — que me lixe!

— Paciência, sra. baronesa; paciência! — aconselha o dr. Juliano. — Eu já falei com o sr. barão de Muritiba sôbre o assunto. O sr. marquês de Itaboraí também está muito interessado no caso, e prometeu falar ao Imperador. A verdade há de ser restabelecida.

E, de pé, apertando-lhe a mão:

— Vá descansada... vá descansada... Tudo, um dia, se esclarecerá...

À tarde, após quasi todo um dia de audiência, aparece o diretor do Hospício na cidade. Às cinco horas está no Briguiet, no Alves, na Leite Ribeiro, nas livrarias que recebem novidades médicas, e onde o cercam os colegas, os poetas, os amigos. Sorrindo e olhos à flor do rosto, vai ouvindo ora um, ora outro.

— Doutor, — diz-lhe um poeta da geração nova, — eu tenho um livro meu para lhe dar... É de versos... versos novos... arte moderna... Muito combatida pelos cretinos, mas que é a verdadeira arte, a arte pura, a arte de amanhã...

E Juliano, com o pensamento longe, nos cipoais da sua ciência:

— Vá descansado, sr. barão; vá descansado... Tudo, um dia, se esclarecerá...

XL

CARTA A DUAS MARIAS

RECEBÍ, Maria Ondina e Maria Gioconda, as cartas que me escreveram uma, de Santos, outra, da Baía, pedindo-me, uma e outra, conselhos para o seu coração. Tenho-as lido, e relido. E, lendo-as, e relendo-as, vejo quanto o Destino é rico em subtilezas, e incapaz de repetir-se, como arquiteto de dramas íntimos e de tragédias interiores. Compreendo, cada vez mais, o que há de secretamente dramático, e de trágico, na existência de cada mulher, mesmo das mais felizes e das que aparentam mais profunda e segura tranquilidade.

Ambas vocês, a minha amiga do sul e a minha amiga do norte, são felizes. Ambas vocês, são amadas, e têm em tôrno da flor estonteante da sua ventura, as vespas da inveja alheia. E, no entanto, no silêncio do coração, quanto suplício pequenino, quanta dúvida ignorada, quanta inquietação invisível e subterrânea! A felicidade lhes está sob os olhos, ao alcance da mão. Quanto receio, entretanto, da nenhuma resistência dessa felicidade!...

O seu problema, o caso do seu coração, Maria Gioconda, não implica nenhuma dúvida de ordem moral, mas simplesmente, de ordem psicológica. Noiva pela terceira vez, tendo visto, já, duas vezes, encaminhada a solução do seu destino, e desmoronado, por duas vezes, com cumplicidade da Morte e do Acaso, o seu castelo de sonhos, vive você, agora, assustada, ante a perspectiva da felicidade nova. Seu noivo é educado, gentil, e homem de fortuna, e procede de uma família aristocrática, da melhor nobreza provinciana. Você é pobre. Tem, de seu, os atributos da sua graça, de uma educação doméstica rigorosa, e de uma cultura literária espontâneamente adquirida. Para você, não poderia haver ventura mais completa que essa, que lhe promete essa união. Uma circunstância há, todavia, que alarma o seu coração e preocupa o seu espírito: o constrangimento do seu noivo ante as condições modestas da família honrada e pobre a que você pertence, e a quasi vergonha com que a apresentou às suas irmãs e aos seus pais. Sente você que será uma intrusa nessa família rica, ao mesmo tempo que seu noivo deixa compreender a imposição, que fará a você, de afastar-se da sua. E antevê, você, com a sua perspicácia de mulher inteligente, o infortúnio, pela intimidade contrafeita, a tristeza, pela solidão. E pergunta-me:

— Que devo eu fazer? Que devo eu pensar do meu noivo?

Para que você avalie quanto a resposta é difícil, basta lembrar que você m'a está pedindo a mim. Quando uma mulher, que se acha perto, não resolve uma dúvida de coração, como poderá resolvê-la um homem que está longe? As mulheres possuem uma capacidade de penetração, uma espécie de instinto divinatório, equivalente ao das formigas, que se mudam na véspera do temporal, e ao das andorinhas e das cegonhas, que prevêm a mudança das estações. Se o seu coração está alarmado, é que há, no ar, no espaço, nas nuvens do futuro, algum prenúncio de infelicidade. O coração é como os galos. O galo não usa relógio e anuncia aos homens, que o têm, a aproximação do dia.

O conselho, assim, no seu caso, Maria Gioconda, é uma leviandade, ou, pelo menos, uma temeridade. Não sei se se trata de um noivado à antiga, de um noivado oficial, com a publicidade necessária, ou de um noivado à moderna, dêsses que se fazem e desfazem dez vezes na vida de uma rapariga de hoje. De qualquer maneira, as raparigas pobres devem estar permanentemente vigilantes com a intimidade dos noivos ricos. A mentalidade do rico é diferente da nossa. Paixão de homem rico por moça pobre é,

quasi sempre, um capricho que pode desaparecer de súbito, ou desfazer-se lentamente, como as bolas de neve, deixando no lugar apenas um pouco dágua. A água dessa bola de neve é aquela que rola pelo rosto das moças incautas, e que lhes ensopa o lenço.

Não conhecendo, todavia, o seu noivo, nem mesmo a você, que tão confiantemente me escreve, o meu conselho não pode ser mais do que uma recomendação de cautela. Não creio que o seu noivado se resolva em casamento. Um homem de fortuna que ama sincera e profundamente uma rapariga pobre, tem orgulho da sua escolha, e não tergiversa jamais, entre a sua noiva e a sua própria família. Por isso, Maria Gioconda, aproveite, no caso particular do seu amor, o conselho público do grande soldado brasileiro: confie, desconfiando. E não acredite, jamais, que o marido seja melhor que o noivo. Noivado é vinho. Casamento é vinagre. O marido é o noivo que azedou.

Quanto a você, Maria Ondina, as mãos me tremem sôbre o teclado da máquina sem que eu saiba, ao certo, o conselho que lhe dê. Você é moça, e tem um amor, um grande amor na sua vida. Ama, porém, segundo conclúo das suas palavras, um homem casado, um homem que pertence a outra mulher, um homem que lhe não pode assegurar a felicidade tranquila e integral. Não obstante

isso, você me confessa que se sente feliz. Feliz porque ama. Feliz porque é amada. A posse dêsse homem lhe é indiferente. O lar que êle fundou não é seu. Não são consagradas a você as suas horas. Mas, o coração dêle lhe pertence. São seus os pensamentos que êle tem. E você me escreve:

— Com êsse pouco, que para mim é tudo, sou feliz, imensamente feliz!

Pergunta-me, entretanto, você, como se falasse ao seu confessor:

— Que devo fazer? Acha que me cabe renunciar a êsse amor que me faz feliz, e cuja renúncia me faria a mais desventurada criatura da terra?

E eu lhe respondo:

— Maria Ondina, o amor de uma jovem solteira a um homem casado, é um pecado, e um êrro. Desaconselham-no, ou, antes, condenam-no a Igreja, em nome de Deus, a sociedade, em nome da moral, e o bom-senso, em nome da tranquilidade e da felicidade dos dois sêres atingidos por êsse sentimento. Em um país em que houvesse o divórcio restaria a esperança da consagração, pela lei, dessa união de duas almas. Naqueles, porém, em que ainda não existe essa medida, o amor, em tais condições, é uma loucura. Ser-me-á permitido, todavia, aconselhar a você que seja infeliz? A felicidade, Maria Ondina, é tão rara, tão difí-

cil de encontrar neste mundo, que ninguém tem o direito de destruir a alheia, e, ainda menos, de renunciar àquela que tem. Não se apresse em ser infeliz, porque a infelicidade virá, sem que você a procure. O amor é sagrado, desde que seja profundo e verdadeiro. Ame, pois. Apenas, não se comprometa. Não comprometa nem o seu nome, nem a sua reputação. Faça como os generais prudentes e hábeis, que entram em combates renhidos mas deixam preparada, sempre, a retirada honrosa, e sem perdas. O dia da retirada chegará para você. Os ovos das cobras são iguais aos das rôlas selvagens. E, quando se espera que nasça uma ave, nasce uma serpe. O amor é assim. A sua desilusão virá. Enquanto, porém, não chega, ame, e beba no festim da vida o único vinho puro e saboroso que êle tem, — fazendo, embora, de vez em quando, um esfôrço, para compreensão da realidade. Matar, de súbito, no coração de alguém, um amor sincero e imenso, daqueles que, na expressão do grande lírico português, dominam "uma existência inteira como a lua domina os vagalhões do mar", é tomar a um náufrago a tábua que encontrou no oceano. Mas é dever, também, e de boa caridade, mostrar ao náufrago a fragilidade dessa tábua. Um dia, Maria Ondina, a sua tábua se desfará,

ela própria, nas suas mãos, e você, estou certo, se salvará por si mesma...

Aí estão, minhas jovens amigas desconhecidas, os conselhos que lhes podia dar. Médicos do coração e da alma, haverá mais experientes e letrados. Nenhum, porém, encontrarão que deseje, mais que eu, aquí de longe, saber que vocês amam tranquilas, e que são amadas e vivem felizes.

XLI

OS GATINHOS DA CHINA

Ao comentar, há poucos dias, o apêlo que me fôra dirigido por uma senhora, para colaborar na salvação espiritual das crianças chinesas, eu desconhecia, inteiramente, o lugar ocupado neste momento, pela China, no pensamento dos brasileiros, e os aspectos da campanha, movida na Europa e na América, pelos membros de associações e confrarias religiosas.

A intervenção da piedade ocidental nos negócios da China está sendo realizada, na verdade, por dois modos, e visando diversa finalidade: um, de inspiração católica, outro, de iniciativa protestante. O antigo Celeste Império sofre, como se sabe, os efeitos da super-população. Constituindo uma formidável massa de 450 milhões de indivíduos, vê o povo chinês surgir para a vida, cada ano, mais oito milhões de compatriotas, que são destinados, em grande parte, à fome, à peste, à guerra, ou ao banditismo, como consequência da miséria geral. Com os seus cinco mil anos de experiência, os homens de ciência aconselharam aos homens de Esta-

do, para salvar a China da anarquia pela penúria, a redução da natalidade, limitando a prole dos casais, e autorizando a morte das crianças que, em cada família, excedam o número pre-estabelecido. E tem havido, diz-se, uma chacina, que não ocorreu a Herodes. Cada pai é um Abraão, pronto a imolar Isaac, sem o trabalho, sequer, de ir ao monte Moriah.

Diante dêsse espetáculo, que constitue uma afronta à civilização ocidental, resolveram as missões religiosas que operam na China intervir pràticamente para impedir a carnificina. Dois serviços foram, então, organizados, com êsse objetivo: um, dirigido pelos sacerdotes católicos, outro, pelos pastores protestantes; o primeiro, principalmente, para salvação da alma, o segundo, especialmente, para salvação do corpo. E uns e outros, isto é, frades e pastores, estenderam a mão ao mundo, pedindo esmola para a formação de fundos, destinados ao resgate, corporal ou espiritual, dos pequeninos condenados à morte.

Aos missionários católicos, o que interessa no chinês é a alma. Por isso, o óbulo que êles imploram se destina, ùnicamente, ao custeio do batismo dos pequeninos que vão deixar o mundo sem terem, jamais, comido arroz com palito. Recebido êsse sacramento, o china pode virar pelo avesso os olhos miúdos, e espichar a canelinha morena

e magra, antes de a torturar com as presilhas do sapato de pau. O pastor protestante é mais positivo, mais concreto no seu apostolado: compra o chinesinho vivo para catequizá-lo, e pô-lo, mais tarde, ao serviço da Inglaterra ou dos Estados Unidos: "Cada francês que aprende a ler é um novo leitor para Molière", — dizia alguém em França. "Cada chinês salvo é um freguês para os produtos americanos", — pode-se parodiar, em nossos dias. E, por isso, enquanto o sacerdote, emissário de Roma, pôsto o sal na língua do chino, o solta de novo, para que o pai o envie ao Paraíso, o pastor, enviado de Londres ou de Nova York, lhe põe na bôca o pedaço de fiambre ou sardinha de fumeiro, ensinando-lhe aos poucos, quem era Lutero e Abrahão Lincoln, Calvino e a Rainha Vitória. Ao lado do ensino religioso, a propaganda comercial.

Entre os dois sistemas, o que mais convém às autoridades chinesas é, evidentemente, o católico. O que interessa ao Estado é a redução da massa humana. Vá êle para o Céu ou para o Inferno, o que os membros do Govêrno desejam, em Cantão, em Pequim ou em Mukden, é que a China deixe de consumir arroz. E o pastor protestante, conservando-o vivo, contraria êsse propósito, pois que, engolido Lutero, Calvino ou João Huss, o chinês não deixa de comer. Para o coração, a palavra dos profetas vale muito, mas, pa-

ra o estômago, cincoenta fôlhas de Bíblia valem menos do que vinte fôlhas de chá.

A qual das duas missões ocidentais devem ir, diante disso, as nossas simpatias? À católica? À protestante? À que deixa o chinês morrer ou a que trabalha para conservar a vida ao chinês? Há, nesse caso, um aspecto da questão que reclama exame atento e moderado. E' conhecida a lenda brasileira de José de Anchieta, o qual tendo confessado e encomendado um criminoso condenado à morte, sucedeu que a corda se partisse na ocasião do enforcamento, assegurando-lhe, assim, a vida e a liberdade. Anchieta precipitou-se, porém, diz a tradição, sôbre o mísero e o estrangulou, para que êle aproveitasse a oportunidade de abandonar a terra, enquanto estava com a alma limpa de pecado. Batizando o mongol ou o mandchú, e deixando-o morrer, o missionário romano é, pois, coerente. Se o corpo é nada e a alma é tudo, fica êle com a melhor parte, e faz recolher o seu tesouro de almas no Banco de Deus.

A missão protestante, sendo aparentemente mais humanitária, é menos simpática. Para que vão os ingleses e americanos atrapalhar a economia chinesa, comprando, e condenando à vida, as crianças que deviam morrer? Há uma velha história, de que Bastos Tigre fez uma poesia humorística interessantíssima, na qual um menino de

sete anos descobre, no porão da casa, uma ninhada de gatos. Os bichanos recém-nascidos têm ainda os olhos fechados, e o garôto passa o dia a olhá-los de longe, encantado. Dias depois, o dono da casa se alarma com a idéia da criação dos felinos, e recomenda à esposa que, aproveitando a ausência do filho, que se acha na escola, mande afogar no tanque os gatos daquela ninhada. Ao regressar, à tarde, o pequeno tem notícia do estrago, e desata em chôro grosso e inconsolável. Durante horas e horas não interrompe o berreiro. A mãe procura acalmá-lo, fazendo-lhe agrados e promessas, e está, já, arrependida de haver cumprido as determinações do espôso, quando êste chega.

— Você está vendo, Júlio, em que deu o afogamento dos gatinhos? — diz-lhe a senhora, na sua aflição. — O Cazuzinha tem chorado a não poder mais. Pobre criança! Que coração êle tem!...

— Eu não podia adivinhar que êle viesse a sofrer desta maneira, — retruca o marido. — Se eu soubesse que êle iria ficar tão penalizado, não daria a ordem que dei.

Encaminham-se, os dois, para o quarto em que Cazuzinha continua a esguelar-se. O pai abraça-o.

— Que é isso, meu filhinho? Não chore! Por que é que você chora? Hein?

Cazuzinha chora ainda mais alto.

— Você não queria que a criada afogasse os gatinhos no tanque... Não? — insiste o pai.

— Não... não, se... se... nhor...

— Que é que você queria que se fizesse, meu filho? Era preciso...

E Cazuzinha, explicando-se, no meio das lágrimas:

— Eu nã... não que... queria que... que a criada a... a... afogasse os... os... os... meus ga... ga... gatinhos... Eu... que... queria... eu... eu mesmo... a... a... afogar...

E' êsse, exatamente, o caso da civilização protestante. Os pastores, idos da Inglaterra e da América, sob o patrocínio dos respectivos governos, não querem que os chineses matem os seus próprios filhos. Resgatam-nos, para que êles vivam. Um dia, porém, lança ferros diante de Hong-Kong, de Shangai ou de Hang-tcheu, uma esquadra de cruzadores ingleses e torpedeiros americanos. E varre, com os seus canhões, o litoral, espedaçando milhares de homens de rabicho. E voltam, de novo, os navios, às suas bases de operações.

Americanos e ingleses não querem que os chineses matem os gatinhos. Êles mesmos é que os querem matar...

XLII

CARTA A UM DETENTO

MEU amigo. — Para responder à sua carta, que atravessou as grades da sua cela e entrou como uma ave da noite, ferida de morte, as janelas abertas do meu coração solitário, faz-se mister transcrevê-la. As palavras que me envia do cárcere trazem a fôrça dos ferros que o separam do mundo. A sua resignação surda, e o seu segrêdo trágico, reclamam simpatia fraterna. Deixe-me, pois, dizer aos outros aquilo que você me diz. E escutem, os homens felizes, a voz de um homem desgraçado:

"Casa de Detenção, 23 de dezembro de 1933. — Exmo. Sr. Humberto de Campos. — Como viu, esta carta vai do cárcere, de um homem a quem a Fatalidade atirou à tristeza do presídio, e assim deixa a seu critério, rasgá-la de início, solidário com a infalível e respeitabilíssima sociedade que me segregou, ou prosseguir, apreciando e atendendo ao que mal se acha expresso no seu conteúdo.

"Não importa a minha pessoa nem o meu crime: a própria liberdade de que me privaram nada é ante a grande dôr, a pungentíssima aflição que me estraçalha o peito hoje, véspera de Natal, ao recordar-me da minha filhinha Didí, que tendo completado dois anos, balbucia pela primeira vez

o nome de Papai Noel, e pede pela primeira vez um brinquedinho, um "pinano", como ela diz ao piano, ao Papai Noel, e põe o seu único sapatinho rôto no fogão e amanhã terá a primeira desilusão da vida, quando, ao amanhecer, encontrar, tão inocente, o sapatinho vazio, porque o Papai Noel que lhe poderia com grande e dulcíssimo sacrifício satisfazer o seu primeiro sonho de anjo, se acha entre as grades de um cubículo. Minha primeira filhinha...

"O senhor, que é pai extremoso que procurou, para agradecer, o pequeno jornaleiro que socorreu o seu filhinho, em situação difícil, compreenderá bem a minha dôr, e, assim, de pai para pai eu lhe peço que seja o Papai Noel para aquele meu tesouro, depositando no sapatinho que lhe saltita dentro do peito, algumas palavras consoladoras, presente êsse que amanhã lhe faltará, mas quando moça, receberá comovida ao saber oriundo do Papai Noel da literatura brasileira, mais generoso que o da lenda, visto nos prodigalizar mimos diàriamente, grandes doses de confôrto espiritual, enriquecendo os nossos conhecimentos e encorajando-nos na luta pela vida com seu exemplo e as suas lições.

"Êsse grande presente que peço para minha filha não faltará, estou certo, e grato deponho a seus pés os fragmentos de meu coração partido, coração de pai brasileiro, que dificilmente resiste a êsses caprichos do destino.

"Um feliz Natal ao senhor e aos que lhe são caros é o que pede a Deus um preso, pai amoroso e grande admirador, indesejável decerto".

Esta carta, meu amigo, só ontem a recebí. E uma tristeza irresistível entrou pelo meu coração. Esperou você, provàvelmente,

a minha resposta, no dia de Natal. Esperou-a, ainda, no dia seguinte. E o meu silêncio foi, talvez, um golpe a mais no seu orgulho de homem. Supôs você, com certeza, que êste escritor, amigo de todos os humildes, companheiro de todos os pobres, consolador de todos os desgraçados, repelia a sua mão, recusava a sua estima, evitava o seu contacto, na hora trágica do infortúnio, marcada no claro relógio de Deus pelo dedo escuro do Diabo. E, no entanto, como sofrí eu próprio, com a suposição do seu sofrimento! E como teria ido, eu mesmo, à Casa de Detenção, levar-lhe o confôrto da minha visita, e a desculpa da minha falta, se a sua carta não me viesse anônima e não me falecessem todos os meios de estabelecer a sua identidade!?

A demora na entrega da sua súplica escrita foi a causa única, e poderosa, não de não haver você recebido as palavras destinadas a Didí, quando moça, mas de não ter a Didí, inocente e menina, encontrado no seu sapatinho rôto, na noite de Natal, o "pinano" do seu desejo. Porque, ao contrário do que você imagina, eu não me envergonho da sua amizade nem tenho horror à sua mão. Não sei qual foi o seu crime. Ignoro o seu nome. Basta-me, porém, para que lhe dê, como aquí lhe dou, o tratamento de amigo, e para que me não constranja em apertar o seu peito de encontro ao meu peito, a

certeza, que a sua carta me dá, de que bate, dentro dêsse peito, um grande coração desgraçado. Sem acreditar, ainda, na irremediabilidade dos destinos, assaltam-me, ante a idéia de um cárcere, aquelas reflexões severas e sinistras, embebidas de fatalidade, que enchiam de terror, ao ver um homem algemado, o Ivan Dimitrich da mais famosa novela de Tchekoff. O criminoso não sai de si mesmo, nem sai do berço com passagem para a prisão: êle é, na maior parte das vezes, uma vítima da cumplicidade das circunstâncias. Nenhum homem por menos que se ame a si próprio, comprará, jamais, sob o domínio da conciência, um minuto de vingança por trinta anos de liberdade. E como as circunstâncias se podem acumpliciar contra o homem mais morigerado da terra, por que fechar a alma ao apêlo daqueles que tombaram na sua rede e, sòzinhos, se debatem dentro dela?

O seu grito não foi, portanto, meu amigo, lançado aos surdos ventos do Deserto nem aos mudos penedos do mar. Se o meu coração é um sino que ressôa à simples passagem da brisa matutina, por que ficaria calado às pancadas rudes das palavras de ferro da sua carta? E de tal modo, que, ao ler no cárcere, êste recado que lhe mando, já estará aquí ao meu lado, pronto para seguir o seu destino, o "pinano" de sua Didí. Irei eu próprio entregá-lo ao diretor da Casa de Detenção. Não perguntarei, jamais, o seu nome. Não quero conhecer a sua história. O seu diretor entregar-lhe-á a minha lembrança, quando você mandar procurá-la, e, enquanto eu fôr vivo, e você me disser, em carta, que continua preso, a sua Didí não passará mais um Natal sem brinquedos. Sentí, pela extensão de sua desgraça, e pelo amor que tem à sua filha pequenina, o tamanho do seu coração.

Alguns varões de ferro que mãos humanas forjaram e as leis puseram diante de uma porta, o separam neste momento dos homens. Cada um dêsses homens tem, porém, uma filha, sendo, portanto, iguais, perante a Natureza e perante Deus. Eu beijo, pois, — ó meu irmão desgraçado! — nesta véspera de fim de ano, na testa dos meus filhos que tiveram tudo na noite de Natal, porque tinham ao lado sua mãe e seu pai, a fronte pura da sua filhinha, que, nessa noite, sem culpa nenhuma, não teve nada...

XLIII

A ÁRVORE DE SÃO JOÃO

JOÃO e Jesús eram primos e companheiros. "João batizou Cristo... Cristo batizou João... Ambos foram batizados... nas águas do rio Jordão..." Igualaram-se, assim, os dois, pela instituição do batismo. E têm, um e outro, nas festas que lhes são consagradas, a sua árvore. O reino vegetal, na sua humildade, colabora, dessa maneira, na exaltação de um santo e na glorificação de um Deus.

A árvore de Jesús é o pinheiro do Natal. Importada do Oriente europeu, tornou-se nossa, com as tradições adquiridas. Mas é a árvore da gente rica. E' a árvore dos felizes. E' a árvore das casas em que sobra o pão. Em dezembro, erguem-na os venturosos na sua sala de visitas ou no salão de jantar. Feita de palha morta, pintada de verde, abre ela os braços rígidos, imóveis, como quem quer abraçar e se sente, de súbito, paralítico. Mas é toda enfeitada e, à noite, toda ela se ilumina. Dos seus ramos que o vento não embala, que os insetos não buscam, e em que as aves não pousam, pendem brinquedos coloridos, como se a árvore ti-

vesse ficado doida, depois de morta. São bonecas de celulóide; navios e locomotivas de fôlha; animais de borracha, bolas de metal faiscante; e entrelaçando a indústria e a fauna estranhas, fios de neve metálica e fulgurante, que se enramam em tumulto, e em que as luzes se multiplicam fantásticas, fazendo lembrar o pórtico do palácio das fadas, nos sonhos infantís. Na extremidade dos galhos mais longos, tremem velas pequeninas, — verdes, vermelhas, brancas, amarelas e azues, — empinando as miúdas línguas de chama, como as de crianças que rezassem. Tudo é vida artificial, em tôrno da árvore morta. E a árvore de Jesús estira-se, de pé, no interior da casa dos ricos, como um cadáver embalsamado, e coberto de jóias.

A árvore de João Batista é pobre, mas viva. Nos sertões do norte, corta-se para a fogueira, nas vésperas do seu dia, a lenha sêca e morena. Arrumam-se as achas, comprimidas por um arco de barril, ou por um cipó áspero e resistente. Cava-se um pouco a terra, e fixa-se, nela, o feixe grosseiro e votivo. Mas, no centro do feixe, planta-se um galho verde, de árvore viva, ou mesmo uma árvore, que arderá com êle. Pela sua elegância, pelo seu feitio, e pela sua feição doméstica, o vegetal escolhido para o sacrifício, é, geralmente, o mamoeiro. De preferência, o mamoeiro que não

deu fruto. Ou, então, aquele que já não o dá. Com o seu colar de flores miúdas, côr de cera, o mamoeiro virgem, ou senil, estende os cincoenta braços, em cujas pontas estremecem cincoenta mãos verdes e largas, que abençoam e se despedem. A tarde toda, o tronco cercado pelas achas de lenha, farfalha à carícia dos ventos amigos. Chega, porém, a noite. As estrêlas acendem-se no céu. Um pouco de querosene torna mais inflamável o material da fogueira. E esta levanta, de repente, o seu vermelho lençol de chamas, rasga-o, rompe-o, multiplica-o, e os retalhos dêsse lençol se estiram, descem, rodopiam, e sobem, estalando, pelo tronco do mamoeiro, que todo se ilumina e arde, e estremece, e retorce as fôlhas, e lança ao vento, entre os gritos das crianças, os aplausos dos moços, e os sorrisos dos velhos, os pedaços ardentes de si mesmo! E' a árvore de São João.

Esta é, pela sua vida e pela sua morte, a árvore verdadeiramente cristã. Enfeites não tem senão aqueles que a Natureza lhe deu; as suas fôlhas, as suas flores, os seus frutos. Não se reparte, no sacrifício: dá-se toda, e inteira. Não é artificial, nem morta: entrega-se viva, palpitante, sangrando seiva e resina, como os mártires dos primeiros séculos, sob Nero e Domiciano. Não fica de um ano para outro, guardada, nos po-

rões, sofrendo, coberta de poeira e de aranhas, o suplício inenarrável do olvido; morre numa apoteose, dissolve-se num sudário de fogo, desmanchada em estrêlas. Não tem a Eternidade, que é longa e triste. Mas tem a Glória, que é rápida, e nasce e morre, com o seu tormento.

E' a ti, por isso, que eu amo, ó árvore de São João, companheira fulgurante da minha infância, saudade luminosa da minha velhice! Como tu, eu me queimo e me extingo. Amortalhado no meu sonho chamejante, eu sinto que êle me consome e devora. Mas prefiro o martírio magnífico, a morte num incêndio em que as pétalas ondeantes das labaredas ressoam entre as abelhas de púrpura das fagulhas, à inércia na sombra, envolto pelo silêncio dos mortos!

Glória, portanto, a ti, e à tua árvore, João, santo bárbaro e trovejante, jejuador bravio do Deserto! Multipliquem-se em tua honra, em todo o Brasil caboclo, na véspera da tua festa, as fogueiras consagradas! E que as árvores, pavilhão dessas fogueiras, ardam com estrépito, lançando para o alto os insetos de fogo das centelhas, e que estas, voando para além das nuvens, encham em teu louvor, de novos astros, a misteriosa imensidade do Céu...

XLIV

AOS MEUS AMIGOS DA BAÍA

I

AS pessoas que, por engano, desfastio ou penitência, leram o primeiro tomo das minhas *MEMÓRIAS,* sabem que nascí no Maranhão, em uma vila que, arrependida de me haver dado ao mundo, se está suicidando aos poucos, e, ao mesmo tempo se sepultando sob montanhas de areia. E eu quero bem à minha terra. Quando, em 1928, eleito seu representante na Câmara, fui visitá-la, um dos jornais da capital dedicou-me um grande artigo na primeira página, o qual terminava com esta frase textual: "Em suma, é esta pústula que vem aí". Mais tarde, correndo por lá a notícia da enfermidade que ainda hoje me atormenta, o mesmo diário afixou à sua porta um cartaz, e publicou um editorial de parabéns ao Brasil com esta passagem, que é um primor pelos sentimentos que revela: "O castigo chegou: Humberto de Campos vai ficar cego!" Mesmo assim, eu continuo a estimar, fraternalmente, todos os meus coestaduanos. O Maranhão é pobre, e alguns dos seus filhos

vivem assoberbados pela revolta contra a condição do seu berço. E eu, abençoando o solo em que nascí como erva má, perdôo os que me injuriam, e não peço a Deus senão luz para os olhos daqueles que festejaram a morte prematura dos meus.

Se, porém, um dia, eu conseguisse liquidar as minhas contas de gratidão com a terra maranhense, fazendo-lhe todo o bem que ela merece e eu lhe desejo e, no outro mundo, o Senhor me perguntasse em que parte do Brasil, excluído o Maranhão, tão mal-servido por mim, eu queria tornar aos tormentos da vida, a minha resposta seria pronta:

— Senhor, faze-me nascer, agora, paulista ou baiano!

Eu tenho, na verdade, com êsses dois Estados, uma dívida tão grande, que só lhes poderia pagar consagrando-lhes uma nova existência, se a tivesse. E' neles que vivem os melhores amigos que possuo. E' dêles que procedem as cartas mais afetuosas e constantes que recebo. E' dêles que me chega a maior contribuição de confôrto moral que me alimenta o espírito, me fortalece a alma e me levanta o coração. E' dêles, em suma, que sobem, na palavra alta dos homens, nas orações sussurradas das mulheres, nas preces inocentes das crianças que me escrevem, os votos piedosos pela saúde de um escritor enfêrmo e pelo soerguimento de um combatente ferido. E' da Baía, católica e maternal, que me vêm as melhores vozes de coragem. E' de São Paulo, primeiro mercado dos meus livros, que vem o maior pedaço do meu pão.

Por isso mesmo, eu devo, agora, à Baía, algumas palavras de explicação leal e comovida, diante do movimento, que teve origem na sua Faculdade de Medicina, e cujo objetivo era, segundo li nos telegramas e jornais, auxiliar-me na minha vida atormentada e trabalhosa. Lançado pelo professor Otávio Torres ao encerrar as aulas da sua cadeira, o apêlo ecoou na imprensa, em notas que transpiravam bondade e compaixão:

— Auxiliemos Humberto de Campos! Evitemos, num gesto concreto de simpatia, que Humberto de Campos, enfêrmo e cansado, trabalhe tanto para conquistar o seu pão de cada dia!

E eu sentí os olhos cheios dágua, ao ler essas palavras. Uma emoção profunda se apossou de mim, mas, imediatamente, enviei ao ilustre homem de ciência e notável professor da Faculdade um telegrama extenso, do qual pedia a divulgação pelos jornais. O escritor em favor do qual se operava o movimento generoso vive doente, e trabalhando muito. Mas é um homem válido em condições de conquistar bravamente o necessário à sua subsistência. A enfermi-

dade, que lhe vai tirando a luz dos olhos, ainda não lhe tirou a coragem. Os tormentos de cada noite duplicam-lhe as fôrças de cada dia para enfrentar a Fatalidade. A cada assalto dos velhos sofrimentos, êle se levanta mais desassombrado, para afrontar os novos. Uma alegria bárbara, enche-lhe a vida. Das suas dôres, fez êle o seu prazer. E sobe-lhe da alma um orgulho leonino e titânico, ao erguer-se cada manhã para a luta peito a peito com a Morte, e ao sentí-la, cada noite, batendo em retirada.

Qualquer movimento no sentido de impedir êsse combate entre um homem e o seu Destino é, pois, improfícuo. E, porque luta, e a sua luta é fecunda, êsse escritor não sofre privações. O seu lar tem confôrto, o seu gabinete tem livros, a sua mesa tem pão. Passado o instante de surpresa com a sua condenação à cegueira e às dôres que marcam os minutos das suas horas, preparou-se êle para cerrar as pálpebras, acostumando o espírito ao sol de Mílton e de Homero. Um luar meigo e doce, de claridade cristã, sobe-lhe, aos poucos, dos abismos do coração.

Agradecendo, dessa maneira, a idéia que congregou tantos e tão formosos espíritos na Baía, eu quero reiterar, nestas palavras, a recusa, expressa em telegrama, de qualquer movimento que não seja de simples estima intelectual, ao escritor, naquela homenagem.

Da Baía, que eu muito amo, e tanto que desejaria ser seu filho, não quero, nem aceitarei senão duas coisas: a simpatia do seu povo, e o afeto dos meus amigos.

II

A atitude generosa e gentil, acima descrita assumida pela mocidade acadêmica da Baía, por iniciativa de um dos seus mais brilhantes professores, e pela imprensa de São Salvador, representada pela sua associação de classe, vem oferecer-me, contudo, à margem da recusa e dos agradecimentos já expressos, oportunidade para uma explicação a alguns leitores e amigos que me não conhecem de perto.

Formou-se, em verdade, em tôrno da minha saúde e da minha situação econômica, um círculo de lendas, que se torna preciso reduzir às proporções exatas da realidade. As versões mais estranhas foram criadas, e circulam pelo país, transformando em comiseração um sentimento que não devia passar de simples e humana simpatia. "Humberto de Campos está cego e na miséria!", leio eu constantemente. Um jovem e vigoroso jornalista sergipano, Passos Cabral, comentando, há meses, a minha vida e a minha obra literária em uma fôlha

de Aracajú escreveu: "Humberto de Campos, doente, sem família, ferido até em um dos maiores bens da vida, que é a sua visão, vive exclusivamente da sua pena, vive de literatura". Um seu leitor e amigo, residente em Ubá, apressou-se, porém, em definir melhor as condições a que me achava reduzido, em carta publicada no mesmo jornal. "Posso informar-te com segurança, — dizia êle, em palavras que conservei na memória — que Humberto de Campos está desenganado e não durará muito tempo. Acha-se completamente cego, e atacado de uma moléstia semelhante à lepra". No Ceará, segundo me informam pessoas dalí procedentes e que me encontram sem qualquer vestígio dêsse mal, não é outra a versão corrente. E eu vou assim, aos olhos de meus amigos distantes, me extinguindo, aos poucos, roído, como Jó, de chagas e vérmina, que raspo, no abandono do meu monturo de Us, com os últimos cacos de têlhas da minha casa.

Diante dessas lendas e versões, é preciso que eu proclame corajosamente a verdade. Sou um homem doente, mas não estou leproso. Sou um homem pobre, mas não me encontro na miséria. Assediado por um conjunto de males que me bloquearam dentro da vida, imito a planta, que transforma em fruto o estrume que lhe põem aos pés. Vivi as horas mais terríveis que pode viver

um homem, quando, em janeiro de 1928, recebí a sentença condenatória da ciência, com o diagnóstico da hipertrofia da hipófise, que se caracterizava de modo alarmante. Em meado de 1930 os efeitos dessa enfermidade se alastravam. O ôlho esquerdo ficou perdido, sem nenhuma lesão aparente. As mãos se tornaram volumosas, acompanhadas de dormência, que aumentava durante o trabalho ou durante o sono. A parte inferior do braço tomada de dôres, pela falta de circulação, fazia-me levantar de hora em hora, para mergulhar as mãos em alcool e desentorpecê-las. Por êsse tempo, a hipertrofia da hipófise refletiu-se em outras glândulas, determinando a hipertrofia prostática, seguida de uma intoxicação consequente. Durante quasi três anos não tive sono que durasse mais de uma hora, e cada hora de sono era povoada de sonhos tremendos, de pesadelos assombrosos, que me enchiam de pavor, ante a idéia de dormir outra vez. Trabalhava, e dormia, cercado de sacos de água quente, que me aliviavam os tormentos. Sentia a cabeça enorme, e a língua pesada, dificultando a enunciação das palavras. No centro da cidade, quando era forçado a sair de casa, a minha passagem era a de uma sombra, ou de um fantasma, porque eu próprio não sentia os meus pés. Assaltou-me a surdez. Tudo se movia em tôrno a mim, e eu não percebia a

voz dos homens nem o ruído das cousas. Multiplicavam-se as vertigens, que eu vencia correndo para um automóvel, deixando-me tomar pelos suores frios, os olhos fechados, a respiração curta e difícil, o coração batendo forte. Mais de uma vez capitulei, sendo socorrido na via pública. Por essa época submetí-me a uma punção na espinha, para extração do líquido céfalo-raquidiano, que me permitiu ligeira melhora. Pouco depois voltavam, porém, as mesmas perturbações, agravadas pela dormência e pelas dôres nas pernas.

Não obstante isso, trabalhei sempre, escreví sempre, e não deixei de prover, com os recursos da minha pena, as necessidades da minha casa. Retirei os meus filhos do colégio, a menina com quinze e o menino com treze anos, atirando-os ao trabalho, de modo a prepará-los para o momento em que lhes faltasse o meu braço. Mas não desanimei nunca. Uma alegria diabólica me enchia o coração toda a vez que eu, numa crise mais violenta, vencia a Morte, que rondava a minha porta. Raro o dia, por isso, em que não aparecia, na imprensa, o meu artigo alegre. A ironia das minhas crônicas era, quasi, o esgar da caveira que fazia sorrir os que tinham carne na face.

A enfermidade implacável que me assaltou continua no seu curso. Mas sofro menos. Os meus sonos são curtos, de duas

horas. Cessaram, todavia, os sonhos maus, e os pesadelos horrendos. A dormência das mãos diminuiu. Deixei de ler, porque as letras se fundem e confundem diante de mim, obrigando-me, nos casos imprescindíveis, a isolar as linhas que os olhos têm de percorrer. As dôres nas pernas são mais fortes, pela vida sedentária a que me obriga a profissão. Mas trabalho contente. Sinto que a minha alma se purifica no sofrimento, e que o meu coração, trabalhado pelas dôres próprias, se preparou melhor para a compreensão das dôres alheias. Perdí, com minha casa hipotecada, tudo que possuía como fortuna terrena. Mas o trabalho não me falta, e, com o produto do meu trabalho, tenho tudo o que desejo, porque hoje desejo pouco. Ensinei os meus filhos a ganhar o seu pão, quando lhes faltar o que lhes dou, e, dessa maneira, vou lhes deixar, quando morrer, o mais precioso dos tesouros. Fico, às vezes, já, algumas horas, sem os meus olhos. Mas, quando êles me faltarem de todo, quando desaparecerem para sempre diante dêles as teclas da máquina em que executo voluptuosamente o hino das idéias silenciosas, passarei a ditar o meu pensamento, descrevendo aos homens que têm olhos o brilho triste das estrêlas da minha noite.

Não sou, pois, como ficou explicado, um homem atacado de doença repugnante, "semelhante à lepra", nem carecido, por in-

válido, do auxílio do meu próximo. Escrevendo constantemente contra a esmola direta, não poderia, de nenhum modo, recebê-la, sob qualquer forma, e a qualquer título. Quando os médicos me "cientificaram" de que a vista esquerda estava perdida, tive, naturalmente, o meu momento de funda tristeza. Ia consolar-me com Luiz de Camões, mas encontrei-me, nessa tarde, com Alcântara Machado, então diretor da Faculdade de Direito de São Paulo e hoje *leader* da bancada paulista na Câmara Constituinte, e êle me fortaleceu com uma revelação.

— Dois olhos, para o Brasil, são muita cousa, meu velho, — disse-me.

E ao meu ouvido:

— Eu só tenho, sadio, o direito. O esquerdo serve-lhe apenas de companhia. Se me privassem do ôlho direito, eu estaria cego!

Dias depois, em um encontro com o general Tasso Fragoso, pediu-me êle, com a gentileza habitual, notícias da minha saúde. Dei-lh'as. Lamentei a minha pupila morta. E êle:

— Não se queixe na minha presença. Eu conheço um general quasi nessas condições... E é chefe do Estado-Maior do Exército!...

Lembrei-me de Alfredo Pinto, que perdera um dos olhos aos doze anos e fôra deputado, chefe de Polícia, ministro da Justiça e ministro do Supremo Tribunal, e costumava dizer aos íntimos:

— Nunca sentí falta do ôlho que perdí quando menino.

E, superiormente:

— Isso de ter dois olhos, é luxo!

Se, com uma vista só, Alcântara Machado, Tasso Fragoso e Alfredo Pinto haviam sido das maiores figuras do Brasil, e das suas glórias mais altas e puras, por que havia eu de ter pena do meu ôlho? Perdido? conformei-me, pois. Um dos nossos aviadores navais mais atrevidos e experimentados no voo, segundo me contou o Dr. Moura Brasil do Amaral, tem ùnicamente a vista esquerda... De repente, porém, começou a compressão, em mim, do nervo ótico interessando a vista direita. E foi, então, quando me lembrei de Homero, de Milton, de Salvador de Mendonça, de Juvenal Galeno, e, principalmente, de Augustin Thierry, cego aos trinta e dois anos e que, não obstante, foi o renovador da crítica histórica, no seu século.

Estou, assim, conformado e sereno. Quando a minha vista m'o permite, escrevo. Se não posso escrever, medito. Com a meditação longa e o trabalho curto, ainda tenho pão, confôrto e alegria. Quando, em Corinto, Alexandre Magno perguntou a Dió-

genes o que desejava do seu poderio, o filósofo não pediu senão que o famoso capitão lhe não tirasse aquilo que lhe não podia dar, isto é, o raio do sol matinal que se projetava sôbre o tonel, e que Alexandre interceptava com a sua figura. Desejam os meus amigos da Baía dar-me aquilo que me falta. E a mim, que me falta a mim? Os meus olhos, apenas.

Mas, quem poderá restituir-me os meus olhos?

III

Segundo leio em uma fôlha de São Salvador, a idéia de que tivera a iniciativa o ilustre Sr. professor Otávio Torres ia concretizar-se num apêlo ao eminente Chefe do Govêrno Provisório, para que êste concedesse uma pensão ao escritor fatigado e enfêrmo, de modo a reduzir-lhe o esfôrço quotidiano. Essa sugestão traduzia, aliás, em forma pública, e sob a responsabilidade da imprensa e da classe acadêmica da Baía, o pensamento particular enunciado, já, em outros pontos do país, por homens idênticamente amáveis e generosos. Vai para um ano, em carta gentilíssima que me dirigiu sem que nos conhecêssemos, o Sr. coronel

Alípio Bandeira, soldado notável pela sua integridade pessoal e pelas suas letras, falava-me da necessidade que via, de consagrar-me a obras definitivas e profundas, sob a proteção do Estado. Pouco depois, em julho último, era o Dr. Aluízio França, antigo presidente da Sociedade Médica dos Hospitais de Curitiba, que, nos jornais do Rio Grande do Sul, dirigia ao Sr. Ministro da Educação uma carta aberta, propondo a criação de um Conselho de Cultura mantido pelo govêrno, e que se inaugurasse comigo a obra social de assistência aos escritores doentes e pobres. À sombra dêsse instituto oficial, economizando o miolo que vendo a retalho, poderia eu, na opinião benevolente do signatário, oferecer à minha pátria muitas obras fortes e duradouras.

Mais positivo, e não menos bondoso, foi o pensamento do Govêrno revolucionário do meu Estado. Ao ser nomeado para a interventoria no Maranhão, o ilustre Sr. capitão Martins de Almeida, teve a bondade de mandar visitar-me, em minha casa, pelo seu secretário, e meu colega da imprensa paulista, Dr. Alberto Araujo, que se achava, nessa ocasião, no Rio de Janeiro, em trânsito para São Luiz. Na palestra que tivemos, falou-me o Dr. Alberto Araujo da idéia, que havia, de me ser facultada, pelo Estado, uma pensão, que me permitisse trabalhar menos e, assim, cuidar da minha saúde, que todos

sabiam precária. E a minha resposta foi esta:

— Para que eu seja grato, por toda a minha vida, ao Govêrno a que você vai levar a contribuição da sua inteligência, basta o conhecimento dessa lembrança, que revela homens de espírito e de coração. Desejo servir, aquí no Rio, ao interventor do Maranhão, colaborando com êle no seu plano heróico de ressurreição da terra em que nascí. Nada quero, porém, nem aceitarei do meu Estado, enquanto me restarem fôrças para trabalhar. Tudo está preparado, na minha casa, para as eventualidades fatais. Tenho, todavia, um filho de dez anos, que se acha internado em um colégio do Rio. Se eu, antes de morrer, prestar ao Maranhão algum serviço que os meus conterrâneos considerem relevante, quero, apenas, que, após a minha morte, o Estado pague o colégio do meu filho. Nada mais.

Não menos gentil foi, ainda, a idéia que tiveram algumas figuras do comércio, da imprensa e da política, promovendo um movimento que visava restituir-me a minha casa, perdida em consequência de uma hipoteca desastrada, e da felonia de um procurador que se não pejou de roubar um amigo doente e quasi cego. Cogitavam elas de editar um livro meu, sem qualquer despesa da minha parte, vendendo a alto preço, aos colecionadores e aos homens de fortuna,

exemplares de uma tiragem especial. Com o produto, rehaveriam, então, para mim, as têlhas que me abrigavam em 1930. Ao ter conhecimento da idéia posta em marcha por espíritos e corações amigos, agradecí a boa vontade carinhosa de todos, mas pedí que afastassem, de tal cousa, o pensamento. O livro é mercadoria que não deve ser vendida por preço incomum. O excedente dêsse preço é uma esmola a quem o vende. Recebendo duzentos mil réis dum milionário por um exemplar que não valesse mais de oito, eu ficaria impedido, por cento e noventa e dois mil réis, de insurgir-me quando êsse nababo escorchasse um proletário. E eu quero, na minha pobreza, conservar livres para as grandes campanhas em favor dos humildes, a minha conciência, a minha voz e a minha pena. Acresce que eu tomei um santo horror aos princípios da propriedade. Sinto-me de tal maneira à vontade não possuindo de meu senão o dia e a noite, que seria para mim um tormento interromper os meus pensamentos superiores para pensar na décima urbana e na pena dágua. Na vida econômica, eu sou, hoje, como êsse moleque que acompanha os batalhões quando estes regressam das paradas militares. Os soldados marcham suando, apertados pelo correame, sob o pêso das armas. O moleque vai ao lado, pulando e assobiando. Sente-se leve, e ágil. Não tem fardamento, não tem

cinturão, não tem carabina, não tem nada. No fim do mês pago o aluguel do apartamento. Não tenho nada com os impostos, com as goteiras, com a falta dágua na caixa. Quando me não convier o bairro, mudo-me. Faço como a sarigueia: ponho nas costas os meninos, e vou para outro bosque. Como residência definitiva e própria quero, apenas, um bangalô subterrâneo em São João Batista, perto do morro, ou em São Francisco Xavier, perto do mar. E, provisório, na falta de um apartamento, um tonel, como o de Diógenes, e que me caiba a mim, e a Marco Aurélio.

Desnecessário é dizer que a pensão concedida pelo Tesouro, não mereceria, absolutamente, o aplauso público, nem teria a minha aquiescência. Em um país em que os homens de letras, com raras exceções, passam vida difícil e, não raro, miserável, constituiria a mais clamorosa das injustiças amparar um entre êles, deixando centenas de outros a lutar com a adversidade. Houvesse um instituto encarregado da assistência aos homens de pensamento invalidados no serviço das idéias, e eu, chegada a hora da capitulação, beijaria a mão que me fosse estendida. Não quero, porém, ser o primeiro. Na terra em que tantos homens eminentes têm lutado braço a braço com a miséria, não serei eu que, ao vê-la à minha frente, grite por socorro. Referem os historiadores que, sitiado em Leyde pelos exércitos do Duque d'Alba, foi Guilherme de Orange convidado a entregar a cidade sob a alegação de que a fome lavrava dentro dos seus muros.

— Quando mais nada houver para nos alimentarmos, — respondeu o capitão taciturno, — comeremos o nosso braço esquerdo, mas ficaremos com o direito para combater até à vitória ou até à morte!

E' êsse, igualmente, o dever de um escritor pobre, em um país pobre: manter-se no seu pôsto até à morte, sem ser pesado a ninguém, e comer, se preciso, o seu braço esquerdo, para que a mão direita permaneça livre e trabalhe infatigável, condenando o êrro, espalhando o bem, semeando a Verdade.

— E se, como se espera, ficares completamente cego, pobre como és? — perguntar-me-ão.

Mas a resposta eu já dei a quem a devia dar. Quinta-feira última, vínhamos da Academia, no mesmo automóvel, Gregório da Fonseca, secretário do Chefe do Govêrno Provisório, Coelho Neto, e eu. Conversávamos sôbre a situação dos homens de letras, no Brasil.

— Você, por exemplo, — observou Gregório, — então, você não merecia um repouso longo, para tratar-se enquanto é tempo?

— Eu não preciso de nada, — respondí, de bom-humor; — e o pouco de que vou precisar, quem me vai arranjar é você.

Gregório voltou-se, no banco da frente. E eu:

— Uma cama para um cego, no Instituto Benjamim Constant...

Nascí em 1886. E tenho trezentos anos de idade. Quem é, porém, por aí, que tome o coração na mão, e o erga mais alto do que eu?

ÍNDICE

PÁG.

I — Resposta a uma carta 5
II — O mandado 11
III — Uma heroína 17
IV — É Deodoro, que passa 23
V — O corneteiro de Copacabana . . 29
VI — "Los Niños de Coruña" . . . 33
VII — Bálsamo para um coração. . . 39
VIII — As violetas de Nossa Senhora. . 45
XI — Os dramas que se desenrolam na sombra 49
X — A morte do 845 55
XI — Elogio do garôto 63
XII — Carta a Maria Cerqueira . . . 69
XIII — Carmen Cinira 75
I — A morte da libélula. . . 75
II — Uma flor sôbre um túmulo 80
XIV — O código e o problema do amor 87
XV — Constâncio Alves 91
XVI — "A Eterna imprudência". . . 95
XVII — Os cães da meia-noite 105
XVIII — Carta a um noivo 111
XIX — A terceira presidência Irigoyen . 117
XX — A lenda do diamante róseo . . 123
XXI — O país das sombras felizes . . . 127
XXII — O leão, o homem e o boi . . . 133
XXIII — O feminismo triunfante . . . 139
XXIV — Teodoro Sampaio na Academia . 147
XXV — Jean Durien. 153
XXVI — Um perigo para a civilização . . 159

PÁG.

XXVII — De quem é o defunto? 165
XXVIII — Carta a um viúvo 169
XXIX — O menino do morro 175
XXX — Mãe Sinhá 181
XXXI — A morte de Djelmako 189
XXXII — O dia das aves 195
XXXIII — No armário da morte 199
XXXIV — O "Primeiro Mestre" 207
XXXV — Cantidiano 211
XXXVI — Carta a um cidadão de dez anos. 219
XXXVII — Carta ao Dr. Juiz de Menores . 223
XXXVIII — A parábola do trigo pobre . . 229
XXXIX — Juliano Moreira. 235
XL — Carta a duas Marias 241
XLI — Os gatinhos da China 249
XLII — Carta a um detento. 255
XLIII — A árvore de São João 261
XLIV — Aos meus amigos da Baía. . . 265
I 265
II 269
III 276

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua Luís Gama 185, São Paulo, em 1951.